

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS  
ÁREA: ESTUDOS DA LINGUAGEM  
LINHA DE PESQUISA: SOCIOLINGUÍSTICA

RAQUEL DA COSTA CORRÊA

**OS SIGNIFICADOS SOCIAIS DA REALIZAÇÃO VARIÁVEL DA VIBRANTE  
MÚLTIPLA ALVEOLAR EM *ONSET* SILÁBICO EM PORTO ALEGRE (RS):  
VARIAÇÃO, MUDANÇA LINGUÍSTICA E ESTILO**

PORTO ALEGRE  
2020

RAQUEL DA COSTA CORRÊA

**OS SIGNIFICADOS SOCIAIS DA REALIZAÇÃO VARIÁVEL DA VIBRANTE  
MÚLTIPLA ALVEOLAR EM *ONSET* SILÁBICO EM PORTO ALEGRE (RS):  
VARIAÇÃO, MUDANÇA LINGUÍSTICA E ESTILO**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Letras.

Professor orientador: Dra. Elisa Battisti

PORTO ALEGRE  
2020

RAQUEL DA COSTA CORRÊA

OS SIGNIFICADOS SOCIAIS DA REALIZAÇÃO VARIÁVEL DA VIBRANTE  
MÚLTIPLA ALVEOLAR EM ONSET SILÁBICO EM PORTO ALEGRE (RS):  
VARIAÇÃO, MUDANÇA LINGUÍSTICA E ESTILO

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Letras.

Professor orientador: Dra. Elisa Battisti

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Livia Oushiro (UNICAMP)

---

Profa. Dra. Cláudia Camila Lara (FURG)

---

Prof. Dr. Pedro de Moraes Garcez (UFRGS)

PORTO ALEGRE  
2020

CIP - Catalogação na Publicação

Corrêa, Raquel da Costa  
OS SIGNIFICADOS SOCIAIS DA REALIZAÇÃO VARIÁVEL DA  
VIBRANTE MÚLTIPLA ALVEOLAR EM ONSET SILÁBICO EM PORTO  
ALEGRE (RS): VARIAÇÃO, MUDANÇA LINGUÍSTICA E ESTILO /  
Raquel da Costa Corrêa. -- 2020.  
148 f.  
Orientadora: Elisa Battisti.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio  
Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de  
Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, BR-RS, 2020.

1. r em onset silábico. 2. variação linguística. 3.  
mudança linguística. 4. estilo. 5. identidade. I.  
Battisti, Elisa, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os  
dados fornecidos pelo(a) autor(a).

## AGRADECIMENTOS

A realização desta tese foi possível porque, ao longo de todas as etapas, recebi apoio e auxílio de colegas, professores, amigos e parentes. O primeiro agradecimento não poderia ser para outra pessoa que não a minha orientadora, professora Elisa Battisti, de quem recebi os mais valiosos comentários e contribuições, além de muita paciência e compreensão. Uma orientadora inigualável, sempre lançando um olhar cuidadoso e detalhista sobre o meu trabalho e me orientando com responsabilidade. Agradeço imensamente ao grupo de pesquisa LínguaPOA, pelo apoio em rede que estabelecemos ao longo do tempo. Tiramos o banco de dados de fala de porto-alegrenses do papel juntos, realizando as entrevistas, revisando, transcrevendo, silenciando. Mesmo com tanto trabalho, todos sempre se mostraram muito dispostos a compartilhar informações e conhecimento. Em muitos momentos precisei de auxílio por parte dos membros do grupo para realizar alguma etapa da tese e encontrei sem resistência. Também tive o prazer de contribuir com o trabalho dos colegas de graduação, mestrado e doutorado que fazem parte desse grupo. Um imenso aprendizado.

Agradeço ao professor Reiner Vinícius Perozzo (UFRGS) pela orientação que deu a mim e ao grupo LínguaPOA sobre como utilizar o Praat e identificar as diferentes realizações de /r/.

Meus agradecimentos aos professores que realizaram a leitura do meu trabalho nos três exames de qualificação realizados ao longo do doutorado. À professora Luciene Simões, da UFRGS, por ter lido o projeto e feito as primeiras considerações sobre o meu trabalho. Ao professor Dermeval da Hora, da UFPB, por ter lido o meu artigo para o segundo exame de qualificação e indicado aspectos pontuais a serem revistos. Aos professores Livia Oushiro (UNICAMP) e Pedro Garcez (UFRGS) por terem feito parte da banca de qualificação, realizando a leitura da primeira versão da tese e contribuindo com valiosas sugestões. Foram dois olhares distintos e ricos em contribuições.

Agradeço também à CAPES pelo financiamento da pesquisa por meio de bolsa de estudos e à UFRGS pela oportunidade de estudar em uma universidade pública de excelência.

Meus agradecimentos vão também ao Centro de Tradições Gaúchas Tiarayú que, por meio da patroa Vera Lúcia Menna Barreto, me recebeu de braços abertos para a realização da etapa etnográfica da tese. Aos membros entrevistados, por terem concordado em dar entrevista mesmo estando ocupados com os intensos ensaios do CTG.

Um agradecimento especial à amiga Carolina Mussoi por me ouvir e me auxiliar nos embates com o editor de texto e com as normas ABNT e ao Samuel Oliveira por me auxiliar com o programa estatístico.

Agradeço à NRM Estatística por ter me auxiliado na etapa de percepção e avaliação, escolhendo o melhor método de análise estatística dos dados e auxiliando na análise com rapidez e competência.

Agradeço ao Daniel Linck pela revisão e normatização da tese.

Por fim, agradeço a todos os colegas e professores da UFRGS que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta tese. E agradeço aos amigos e familiares que, de alguma forma, me apoiaram e incentivaram nessa trajetória.

## RESUMO

Esta tese tem como objeto de estudo sociolinguístico a realização de /r/ como vibrante múltipla alveolar em *onset* silábico no português de Porto Alegre (RS), em contextos como *carro*, *rua*. O objetivo geral é verificar os efeitos dos significados sociais na variação e mudança de /r/ produzida como vibrante múltipla alveolar [r], em variação com realizações fricativas, velar [x] ou glotal [h]. O primeiro objetivo específico é medir a frequência geral de realização de /r/ como vibrante múltipla alveolar em *onset* nessa comunidade de fala e o segundo, comparar os condicionadores, linguísticos e extralinguísticos, da realização da vibrante múltipla em dados de duas amostras, LínguaPOA, mais recentemente constituída (de 2016 a 2019), e VARSUL (anos 1990). Faz-se uma análise em Tempo Real e uma em Tempo Aparente, nos moldes da Teoria da Variação (LABOV, 2008). Os resultados indicam mudança linguística em fase de completção, em direção à produção categórica das fricativas. Para atingir o terceiro objetivo específico, de identificar as identidades sociais que estão associadas à produção, rara, mas ainda verificada, de vibrante múltipla alveolar em *onset* silábico em Porto Alegre (RS), realizam-se análises qualitativas baseadas em estilo e gerenciamento de *persona* (COUPLAND, 2001) e no conceito de *stance* (JAFFE, 2016). Analisa-se o nível de envolvimento e aceitação dos falantes da amostra em relação ao tradicionalismo gaúcho, na hipótese de que práticas sociais desse movimento cultural promovam as eventuais realizações (estilísticas) de /r/ como vibrante múltipla alveolar. Faz-se uma investigação etnográfica baseada em observação e entrevistas de explicitação (GORE *et al.*, 2012) em um CTG de Porto Alegre para verificar se há presença da vibrante múltipla em *onset* silábico na fala dessa comunidade de prática (WENGER, 1998; ECKERT, 2003) e como se dá a construção e o gerenciamento do estilo de *persona* gaúcho. Realiza-se, além disso, uma análise de percepção e avaliação baseada na técnica dos estímulos pareados (LAMBERT, 1960), com o objetivo de identificar quais as variáveis relacionadas pelos ouvintes ao uso da vibrante múltipla alveolar em *onset* silábico em Porto Alegre (RS). Busca-se também verificar que significados sociais podem estar atrelados ao uso da vibrante múltipla pelos porto-alegrenses. Os resultados revelam que, para os porto-alegrenses, a vibrante não indexa o falar da capital, indexa o falar do interior, carregado de sotaque. No entanto, não têm clareza sobre a variável indexar o falar gaúcho. Reafirmamos, após todas as análises, que a realização vibrante alveolar múltipla em *onset* silábico se tornou relíquia no português falado em Porto Alegre. O que sustenta a eventual realização de /r/ como [r] nessa variedade é a figura do gaúcho, mantida pela indústria cultural.

**Palavras-chave:** /r/ em *onset* silábico. Variação linguística. Mudança linguística. Estilo. Identidade.

## ABSTRACT

This thesis has as its object of sociolinguistic study the realization of /r/ as trill in syllabic onset in Portuguese spoken in Porto Alegre (RS) in contexts such as *carro* (*car*), *rua* (*street*). The general objective is to verify the effects of social meanings on the variation and change of /r/ produced as trill [r], in variation with fricative, velar [x] or glottal [h] realizations. The first specific objective is to measure the general frequency of /r/ realization as a trill in onset in this speech community and the second, to compare the linguistic and extralinguistic conditioners, of the trill realization in data from two samples, LínguaPOA, most recently constituted (from 2016 to 2019), and VARSUL (1990s). Analyses in Real Time and in Apparent Time are made, along the lines of the Theory of Variation (LABOV, 2008). The results indicate linguistic change in the process of completion, towards the categorical production of fricatives. To achieve the third specific objective, to identify the social identities that are associated with the production, rare but still verified, of trill in syllabic onset in Porto Alegre (RS), qualitative analyses based on style and persona management are carried out (COUPLAND, 2001) and the concept of stance (JAFFE, 2016). The level of involvement and acceptance of the sample's speakers is analyzed in relation to the gaucho tradicionalism, in the hypothesis that social practices of this cultural movement promote the eventual (stylistic) realizations of /r/ as a trill. An ethnographic investigation based on observation and explicitation interviews (GORE et al., 2012) is carried out in a CTG in Porto Alegre to verify the presence of the trill in syllabic onset in the speech of this community of practice (WENGER, 1998; ECKERT, 2003) and how the construction and management of the gaucho persona style takes place. In addition, a perception and evaluation analysis based on the matched-guise technique is also carried out (LAMBERT, 1960), with the objective of identifying which variables are related by the listeners to the use of the trill in syllabic onset in Porto Alegre (RS). It also seeks to verify which social meanings may be associated to the use of the trill in Porto Alegre. The results reveal that the people of Porto Alegre have the perception that the trill does not index the speech of the capital. However, they do not have the same clarity about the variable to index gaucho speech. We reaffirm, after all the analyses, that the trill realization in syllabic onset became a relic in the Portuguese spoken in Porto Alegre. The figure of the gaucho maintained by the cultural industry is what sustains the eventual realization of /r/ as trill in this variety of Brazilian Portuguese.

**Keywords:** /r/ in syllabic onset. Language variation. Language change. Style. Identity.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Inspeção acústica da realização de vibrante alveolar múltipla.....	38
Figura 2 – Inspeção acústica da realização de fricativa.....	39
Figura 3 – Representação da perda do traço de continuidade na transformação da vibrante em tepe no contexto intervocálico .....	47
Figura 4 – Representação da debucalização da vibrante .....	48
Figura 5 – Representação da transformação da vibrante [r] em fricativa velar [x] .....	48
Figura 6 – Planta de Porto Alegre traçada pelo Capitão Engenheiro Alexandre José Montanha, em julho de 1772 .....	60
Figura 7 – Escala de avaliação – questionário Google Forms.....	84
Figura 8 – Níveis de envolvimento dos porto-alegrenses do LínguaPOA com a “cultura tradicionalista gaúcha”. .....	101

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Relação entre Prática e Identidade.....	33
Quadro 2 – Variáveis linguísticas com fatores e exemplos.....	73
Quadro 3 – Variáveis extralinguísticas e seus fatores .....	73
Quadro 4 – Informantes VARSUL – Tempo Real .....	74
Quadro 5 – Informantes LínguaPOA – Tempo Real.....	74
Quadro 6 – Informantes LínguaPOA – Tempo Aparente.....	75
Quadro 7 – Perfil dos ouvintes porto-alegrenses participantes da Entrevista Aberta ....	82

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Estimativas dos parâmetros do modelo (de regressão logística, modelo linear generalizado com efeitos mistos) da realização de R em <i>onset</i> em Porto Alegre com dados VARSUL.....	87
Tabela 2 – Estimativas dos parâmetros do modelo (de regressão logística, modelo linear generalizado com efeitos mistos) da realização de R em <i>onset</i> em Porto Alegre com dados LínguaPOA .....	88
Tabela 3 – Estimativas dos parâmetros do modelo (de regressão logística, modelo linear generalizado com efeitos mistos) da realização de R em <i>onset</i> em Porto Alegre com dados VARSUL e tonicidade amalgamada.....	88
Tabela 4 – Estimativas dos parâmetros do modelo (de regressão logística, modelo linear generalizado com efeitos mistos) da Realização de R em <i>onset</i> em Porto Alegre.....	92
Tabela 5 – Estatística descritiva para a variável <i>formal</i> .....	115
Tabela 6 – Estatística descritiva para a variável <i>inteligente</i> .....	118
Tabela 7 – Estatística descritiva para a variável <i>interior</i> .....	120
Tabela 8 – Estatística descritiva para a variável <i>porto-alegrense</i> .....	122
Tabela 9 – Estatística descritiva para a variável <i>sotaque</i> .....	124
Tabela 10 – Estatística descritiva para a variável <i>jovem</i> .....	125
Tabela 11 – Estatística descritiva para a variável <i>masculino</i> .....	127
Tabela 12 – Estatística descritiva para a variável <i>gaúcho</i> .....	129
Tabela 13 – Estatística descritiva para a variável <i>amigável</i> .....	130
Tabela 14 – Estatística descritiva para a variável <i>escolarizado</i> .....	131

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – /r/ inicial no Sul do Brasil em dois períodos de tempo .....	51
Gráfico 2 – Frequência geral das variantes da vibrante em ataque em Porto Alegre (RS) e Florianópolis (SC) .....	52
Gráfico 3 – <i>Boxplot</i> avaliação x estímulo para a variável <i>formal</i> com o uso de fricativa .....	117
Gráfico 4 – <i>Boxplot</i> avaliação x estímulo para a variável <i>formal</i> com o uso de vibrante .....	117
Gráfico 5 – <i>Boxplot</i> avaliação x estímulo para a variável <i>inteligente</i> com o uso de fricativa .....	119
Gráfico 6 – <i>Boxplot</i> avaliação x estímulo para a variável <i>inteligente</i> com o uso de vibrante .....	119
Gráfico 7 – <i>Boxplot</i> avaliação x estímulo para a variável <i>interior</i> com o uso de fricativa .....	121
Gráfico 8 – <i>Boxplot</i> avaliação x estímulo para a variável <i>interior</i> com o uso de vibrante .....	121
Gráfico 9 – <i>Boxplot</i> avaliação x estímulo para a variável <i>porto-alegrense</i> com o uso de fricativa .....	123
Gráfico 10 – <i>Boxplot</i> avaliação x estímulo para a variável <i>porto-alegrense</i> com o uso de vibrante .....	123
Gráfico 11 – Avaliação x Estímulo para a variável <i>sotaque</i> com o uso de fricativa....	124
Gráfico 12 – Avaliação x Estímulo para a variável <i>sotaque</i> com o uso de vibrante....	125
Gráfico 13 – <i>Boxplot</i> avaliação x estímulo para a variável <i>jovem</i> com o uso de fricativa .....	126
Gráfico 14 – <i>Boxplot</i> avaliação x estímulo para a variável <i>jovem</i> com o uso de vibrante .....	126
Gráfico 15 – <i>Boxplot</i> avaliação x estímulo para a variável <i>masculino</i> com o uso de fricativa .....	128
Gráfico 16 – <i>Boxplot</i> avaliação x estímulo para a variável <i>masculino</i> com o uso de vibrante .....	128
Gráfico 17 – <i>Boxplot</i> avaliação x estímulo para a variável <i>gaúcho</i> com o uso de fricativa .....	129

Gráfico 18 – <i>Boxplot</i> avaliação x estímulo para a variável <i>gaúcho</i> com o uso de vibrante .....	129
Gráfico 19 – <i>Boxplot</i> avaliação x estímulo para a variável <i>amigável</i> com o uso de fricativa .....	130
Gráfico 20 – <i>Boxplot</i> avaliação x estímulo para a variável <i>amigável</i> com o uso de vibrante .....	130
Gráfico 21 – <i>Boxplot</i> avaliação x estímulo para a variável <i>escolarizado</i> com o uso de fricativa .....	131
Gráfico 22 – <i>Boxplot</i> avaliação x estímulo para a variável <i>escolarizado</i> com o uso de vibrante .....	132

## LISTA DE ABREVIATURAS

POA	Porto Alegre
NURC	Norma Urbana Culta
VAR SUL	Varição Linguística na Região Sul do Brasil
CTG	Centro de Tradições Gaúchas
OCP	Princípio do Contorno Obrigatório
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
FH	DJ Frank Henessy
pt	Amálgama de pretônicas e tônicas
RBS TV	Rede Brasil Sul de Televisão – Afiliada da Rede Globo
SBT	Sistema Brasileiro de Televisão
E1:	Entrevistado 1
E2:	Entrevistado 2
E3:	Entrevistado 3
E4:	Entrevistado 4

## **APOIO DE FINANCIAMENTO CAPES**

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	14
<b>1 VARIÇÃO, MUDANÇA LINGUÍSTICA E IDENTIDADE.....</b>	<b>21</b>
1.1 VARIÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA.....	21
1.2 SIGNIFICADOS SOCIAIS NO PERCURSO DE ESTUDOS DA VARIÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA.....	25
<b>1.2.1 Etnografia no estudo da variação sociolinguística.....</b>	<b>26</b>
1.3 VARIÇÃO LINGUÍSTICA E IDENTIDADE: ESTILO, <i>STANCE</i> E GERENCIAMENTO DE <i>PERSONA</i> .....	29
<b>1.3.1 Identidade e comunidade de prática.....</b>	<b>32</b>
<b>2 A VIBRANTE EM <i>ONSET</i> SILÁBICO EM PORTUGUÊS.....</b>	<b>37</b>
2.1 CARACTERIZAÇÃO FONÉTICA DA VARIÁVEL.....	37
2.2 CARACTERIZAÇÃO FONOLÓGICA DA VARIÁVEL.....	40
2.3 REVISÃO DA LITERATURA .....	49
<b>3 PORTO ALEGRE: COMUNIDADE DE FALA.....</b>	<b>53</b>
3.1 PORTO ALEGRE E OS ESTILOS DE VIDA .....	55
3.2 SÓCIO-HISTÓRIA DE PORTO ALEGRE .....	59
3.3 O SURGIMENTO DO TRADICIONALISMO EM PORTO ALEGRE: IDEOLOGIA E SIGNIFICADO SOCIAL .....	66
<b>4 METODOLOGIA.....</b>	<b>72</b>
4.1 ETAPA QUANTITATIVA: ANÁLISE DE REGRA VARIÁVEL .....	72
<b>4.1.1 Variáveis linguísticas.....</b>	<b>73</b>
<b>4.1.2 Variáveis extralinguísticas.....</b>	<b>74</b>
<b>4.1.3 Análise quantitativa.....</b>	<b>75</b>
4.2 ETAPA QUALITATIVA .....	77
4.3 OBSERVAÇÃO E ENTREVISTAS NA COMUNIDADE DE PRÁTICA .....	79
4.4 SIGNIFICADOS SOCIAIS: ANÁLISE DE PERCEÇÃO E AVALIAÇÃO DAS VARIANTES .....	82
<b>5 RESULTADOS.....</b>	<b>86</b>
5.1 ANÁLISE QUANTITATIVA.....	86
<b>5.1.1 Análise em tempo real.....</b>	<b>86</b>
<b>5.1.2 Análise em tempo aparente.....</b>	<b>92</b>
5.2 ANÁLISE QUALITATIVA.....	94

<b>5.2.1</b>	<b>Análise de conteúdo de áudio e vídeo de intérpretes gaúchos .....</b>	<b>94</b>
<b>5.2.2</b>	<b>O gauchismo no cotidiano do porto-alegrense: análise de conteúdo de entrevistas sociolinguísticas .....</b>	<b>10</b>
<b>5.3</b>	<b>OBSERVAÇÕES E ENTREVISTAS NA COMUNIDADE DE PRÁTICA ...</b>	<b>105</b>
<b>5.4</b>	<b>A PERCEPÇÃO E AVALIAÇÃO DOS PORTO-ALEGRENSES SOBRE AS REALIZAÇÕES DE /R/ EM <i>ONSET</i> SILÁBICO NA CAPITAL GAÚCHA .</b>	<b>112</b>
<b>5.4.1</b>	<b>Entrevistas abertas .....</b>	<b>112</b>
<b>5.4.2</b>	<b>Questionário online.....</b>	<b>114</b>
	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>134</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>138</b>
	<b>ANEXO I.....</b>	<b>145</b>
	<b>ANEXO II.....</b>	<b>147</b>

## INTRODUÇÃO

Esta tese resulta de investigação sociolinguística sobre a realização de /r/ como vibrante múltipla alveolar [r] em *onset* silábico no português de Porto Alegre (RS), em contextos como carro, rua. O objetivo geral é verificar os efeitos dos significados sociais na variação e mudança de /r/ produzida como vibrante múltipla alveolar [r], em variação com realizações fricativas, velar [x] ou glotal [h]. Weinreich, Labov e Herzog (2006) prevêm a perda de significação da variante que atinge o patamar de constância ao final da mudança linguística. Essa tese afirma que a variante fricativa se tornou constante no falar do porto-alegrense e, conforme a análise de percepção e avaliação (LAMBERT *et al*, 1960), não é mais dotada de significado social, pois recebeu avaliações consideradas, nessa tese, como neutras, ou seja, o ouvinte não avaliou como pouco e nem como muito característica de nenhuma das variáveis ou características disponíveis no questionário online (ver capítulo 4, seção 4.4, e capítulo 5, seção 5.4). A variante vibrante múltipla caiu em desuso, mas ainda faz parte do imaginário do porto-alegrense e mantém significados sociais que permitem que seja utilizada para compor *personae*.

Pesquisas sobre as realizações de /r/ no português brasileiro vêm sendo feitas desde o início da década de 1970 no Brasil, com base nos dados do Projeto NURC (Norma Urbana Culta) – UFPE, UFBA, UFRJ, USP, UFRGS. O NURC foi um projeto de abrangência nacional que possibilitou a realização de trabalhos descritivos a respeito do português de cinco capitais brasileiras (Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre), falado por pessoas com nível superior de escolaridade, consideradas cultas por essa razão. Um dos mais importantes estudos realizados com os dados extraídos do NURC foi o Projeto da Gramática do Português Falado (1988-2002)<sup>1</sup>, coordenado pelo professor da Unicamp, Ataliba Teixeira de Castilho. Obteve-se, então, a descrição da norma culta do português falado no Brasil, mas não a descrição das normas consideradas coloquiais.

Na década de 1990 teve início o Projeto VARSUL (UFRGS, PUCRS, UFSC, UFTPR), que contempla, as capitais da região Sul do Brasil e municípios do interior de cada um dos três estados. Foi possível dar início a investigações sobre os padrões de fala existentes no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Monaretto (1992, 1997, 2009)

---

<sup>1</sup> Informações obtidas na Introdução de *Nova Gramática do Português Brasileiro*, de Ataliba T. de Castilho, publicada pela Editora Contexto em 2010.

e Brescancini e Monaretto (2008) apresentam um panorama da vibrante no Sul do Brasil com base nos dados do VARSUL.

Em 2015 teve início o Projeto LínguaPOA, idealizado pela professora Elisa Battisti (UFRGS), o qual tornou-se o banco de dados de fala mais atual de Porto Alegre. Até 2019 foram realizadas entrevistas com informantes nascidos na cidade, divididos em três faixas etárias, dois gêneros, quatro zonas da cidade, dois bairros em cada zona, e três níveis de escolaridade. Alguns estudos (OLIVEIRA, 2016; BATTISTI; OLIVEIRA, 2016; CORRÊA, 2017; DUARTE, 2017; MORAS, 2017; OLIVEIRA, 2018; SPINELLI, 2018; BATTISTI; PEROZZO; CUNHA, 2020) já foram realizados utilizando dados extraídos das entrevistas sociolinguísticas do LínguaPOA. A respeito das variáveis investigadas nesses estudos, três deles contemplam as que serão citadas ao longo dessa tese, pois fazem parte do conjunto de variáveis que compõem a persona gauchesca: Corrêa (2017) com investigação inicial sobre os estilos de vida em Porto Alegre, visando identificar as identidades sociais atreladas ao uso da vibrante múltipla alveolar em *onset* silábico em Porto Alegre (RS); Duarte (2017) que realiza uma análise em tempo real sobre a palatalização das oclusivas alveolares em Porto Alegre (RS); Moras (2017) que analisa o processo da vocalização do L em coda silábica em Porto Alegre (RS) e Flores da Cunha (RS). Os estudos de Oliveira (2016, 2018) e de Battisti e Oliveira (2016) se debruçam sobre a investigação do ingliding em vogais tônicas e seus significados sociais. Spinelli (2018) investiga a mudança paramétrica da retomada anafórica de 3ª pessoa na posição de objeto direto e o favorecimento do preenchimento pronominal da posição de sujeito. Battisti, Perozzo e Cunha (2020) tratam da motivação fonética do alçamento sem motivação aparente das vogais médias pretônicas /e, o/ no português brasileiro.

Os estudos sobre a realização de /r/ em *onset* silábico em Porto Alegre, realizados com base nesses bancos de dados, nos fornecem subsídios para fazer algumas considerações iniciais sobre a variável investigada nesta pesquisa. Antes, no entanto, é necessário considerar como essas realizações estão presentes no Brasil e no mundo.

Os sons de /r/ se fazem presentes em pelo menos 75% das línguas do mundo. As articulações dental-alveolar são predominantes, como ocorre no inglês e nas línguas românicas. Também são comuns as articulações pós-alveolares e retroflexas, os sons uvulares são mais raros (LINDAU, 1985).

Conforme Monaretto, Quednau e Da Hora (1999), no Brasil, o /r/ em *onset* pode ser pronunciado como vibrante ([r]ápido), fricativa velar ([x]ápido), uvular ([R]ápido) e

glotal ([h]ápido), ou como vibrante simples em encontros consonantais (c[r]avo), ou como um som retroflexo ([ɾ]ápido).

Malmberg (1954) afirma que, na década de 1950, havia um fenômeno de posteriorização em curso, entendido como um enfraquecimento da pronúncia da consoante, uma espécie de degeneração. Segundo ele, esse fenômeno é uma tendência universal e teve origem nas zonas urbanas e nas classes mais altas das cidades e, aos poucos, penetrou nas classes sociais mais baixas.

Camara Jr. (1953), Lopez (1979) e Callou (1987), entre outros autores, afirmavam que a posteriorização no português brasileiro era bastante comum no falar carioca e que se verificava mais lenta nas outras regiões brasileiras, em que havia predomínio da articulação anterior, conforme os estudos de Marquardt (1977) e Monaretto (1992) no Rio Grande do Sul e de acordo com Cagliari (1981), no português de São Paulo.

A presente tese parte da hipótese de que, em Porto Alegre, considerando-se a posição de *onset* silábico, o fenômeno da posteriorização atingiu o seu ponto máximo: a variante fricativa deve ter se tornado uma constante e a vibrante múltipla alveolar, caído em desuso. Labov (2008, p. 212) observa que “as pessoas não tomam empréstimos dos meios de comunicação ou de outras fontes distantes, mas daqueles que estão distantes delas no máximo uma ou duas unidades na faixa etária ou na escala social”. Portanto, se observada, a vibrante deverá permanecer apenas no falar de idosos ou de algumas *personae*, o que esta tese pretende investigar.

Monaretto (1992, 1997, 2009) e Brescancini e Monaretto (2008) apresentam boa parte dos resultados de pesquisas já feitas na região Sul do Brasil. Esses estudos mostram que a quantidade de trabalhos sobre a vibrante ainda não é grande e que, muitas vezes, esses trabalhos apresentam disparidade, já que seguem diferentes metodologias, investigam fatores de variáveis linguísticas e sociais diferentes, com os quais não se podem fazer comparações, ou abordam diferentes posições da variável na palavra (ataque ou coda). Segundo Monaretto (2009), as investigações de /r/ em Porto Alegre privilegiaram a posição de coda silábica. Apenas os trabalhos da própria autora apresentam algum resultado para vibrante múltipla alveolar em *onset* silábico Porto Alegre.

Na pesquisa realizada em 1992, Monaretto denomina a variável dependente como “articulação anterior” e a descreve dizendo que “esse tipo de articulação do r pode se manifestar como uma vibrante, como um tepe, como um retroflexo, ou ainda como um

som fricativado, provocando uma turbulência na passagem do ar entre os articuladores” (MONARETTO, 1992, p.19). Deduz-se, portanto, que o resultado de 29% de aplicação (amalgamados os dados de ataque (*onset*) silábico em início de palavra e ataque entre vogais) seja um valor aproximado de frequência de vibrante alveolar múltipla. Outras realizações podem ter sido consideradas como variável dependente no que a autora denominou “vibrante anterior”, embora tenha afirmado que, de 695 realizações da vibrante anterior, apenas 30 foram brandas (o mesmo que tepe alveolar para a autora). É importante destacar também que a autora não menciona Porto Alegre como uma das regiões (referentes à variável *Etnia* em seu trabalho) investigadas. Menciona “região metropolitana” em contraste com regiões de predominância alemã, italiana e fronteiriça. Resultados não amalgamados apontaram 26% de vibrante anterior em início de palavra (*rato, roupa*) e 32% entre vogais (*carro, terra*). A autora afirma que, com base nos cruzamentos realizados com a variável *Etnia*, a vibrante anterior não tem muito prestígio na capital, como parece ter nas regiões bilíngues ou fronteiriças.

O estudo de Monaretto (1997) apresenta uma análise n-ária considerando como variável dependente as quatro variantes da vibrante: vibrante anterior (que pela descrição refere-se à vibrante múltipla alveolar), vibrante posterior (possivelmente a reunião das fricativas velar e glotal), tepe e retroflexo. Os grupos geográficos controlados foram Porto Alegre, Florianópolis e Curitiba. A autora obteve o resultado de 26% de aplicação de vibrante anterior (ou vibrante múltipla alveolar) em ataque (*onset*) em Porto Alegre.

O panorama apresentado em 2009, também por Monaretto, trata da vibrante no Sul do Brasil e indica 20% de vibrante alveolar múltipla, não detalhando a metodologia empregada para chegar aos resultados de Porto Alegre. Há, na página 145 do capítulo *Descrição da vibrante no português do Sul do Brasil*, no livro de Bisol e Collischonn (2009), uma breve sugestão de que são frequências brutas às quais se chegaram a partir dos resultados dos estudos referidos ao longo do capítulo e que essas frequências “podem refletir a ocorrência de determinadas variantes nos dados” (MONARETTO, 2009, p.145).

Sabendo que a vibrante múltipla alveolar ocorria no português falado em Porto Alegre na década de 1990, mas que essa ocorrência era relativamente baixa, de 20% a 30%, e que os estudos sobre /r/ em *onset* silábico na capital gaúcha praticamente inexistem, formulamos duas questões norteadoras: a) qual é o padrão de realização de /r/ em *onset* silábico no português de Porto Alegre atualmente (2015-2019)? b) que relação há entre o padrão de realização do /r/ e identidades e significados sociais indexados pelas variantes?

A presente tese inicia-se com uma investigação sobre a variação e a mudança linguística (LABOV, 2008) acerca da produção de /r/ como vibrante múltipla alveolar em *onset* silábico na comunidade de fala de Porto Alegre (RS). Tem como primeiro objetivo específico medir, através de Análise de Regra Variável em tempo real, estudo de tendência (LABOV, 1994), a proporção total de realização de /r/ como vibrante atualmente (dados do LínguaPOA), para então contrastar com dados da década de 1990 (VARISUL) e comparar os condicionadores linguísticos e extralinguísticos da realização da vibrante múltipla nas duas amostras.

O segundo objetivo específico do estudo é identificar as identidades sociais que estão associadas à produção de vibrante múltipla alveolar em *onset* silábico em Porto Alegre (RS). O pressuposto é o de que essas identidades se controem na negociação e gerenciamento de estilos no contexto social (COUPLAND, 2007). É importante destacar que nos baseamos na concepção de estilo como produto de uma combinação de práticas sociais linguísticas e não-linguísticas para a construção de *persona*, o que Eckert (2000) denomina bricolagem. A *persona* não se constrói apenas com uma variável linguística, mas com várias, e acrescentam-se a elas outros recursos, como vestimentas, indumentárias, atitudes e posturas. Para Eckert (2018), a construção de *personae* se dá na intersecção de categorias sociais, no sentido de que reúne mais de uma categoria para formar a *persona*. Segundo a autora, o sucesso da apresentação de uma *persona* depende da habilidade do falante de reunir categorias capazes de fazer com que a *persona* seja significativa e reconhecível. Esse trabalho se dá no contexto de uma paisagem social que se torna significativa por categorias que estão em diferentes estágios de reificação. O gaúcho (como *persona*) se forma a partir da intersecção de categorias sociais como interiorano (campeiro, rural), pouco escolarizado, rude, corajoso, etc.

Nesta tese, assume-se a hipótese de que a variação linguística está relacionada ao sentimento de pertença cultural que, para Bauman e Briggs (1990), é um processo ativo, iterativo e reconstrutivo. Para os autores, não é apenas a perpetuação de uma identidade, o senso de cultura reside no processo local de legitimação ou reconstituição da cultura. Esse processo de recontextualização e legitimação é feito também (e talvez principalmente) pelo discurso. É o que fez Paixão Côrtes, no Rio Grande do Sul, a partir de Porto Alegre (Ver seção 3.3 – O surgimento do tradicionalismo em Porto Alegre: ideologia e significado social). Encabeçou um movimento de (re) valorização das práticas campeiras, ligadas principalmente à sociohistória de região sudoeste do estado, um marco

para recriar no presente uma “verdade estereotipada” do passado (GIDDENS, 1991), estabelecendo a “tradição gaúcha”.

A etapa qualitativa da análise tem o objetivo específico de investigar algumas variáveis linguísticas utilizadas como recurso para compor *personae*, especialmente a realização de vibrante múltipla alveolar, variável estudada nesta pesquisa. Para esse fim, realiza-se a análise de forma e conteúdo de vídeos de dois protagonistas da cena cultural local, à semelhança de Coupland (2001). Consideram-se vídeos da década de 1990 e vídeos atuais. Também se analisam, através do conteúdo das entrevistas sociolinguísticas do LínguaPOA, os níveis de aceitação e envolvimento dos falantes nativos porto-alegrenses com as tradições locais. Buscamos, com essas análises, articular resultados da abordagem macrossocial da sociolinguística quantitativa variacionista (LABOV, 2008) com um olhar para práticas estilístico-identitárias na interação pela fala, tentando compreender como questões de identidade mobilizam o uso das variantes em entrevistas das quais os protagonistas da cena cultural participam, e nas entrevistas sociolinguísticas com os informantes do LínguaPOA.

Com a observação não-participante e as entrevistas de explicitação (GORE *et al.*, 2012), investiga-se se a vibrante múltipla alveolar está presente em comunidades de prática da cena cultural. Como se esclarecerá na presente tese, essas se relacionam à imagem estereotípica do gaúcho e ao tradicionalismo<sup>2</sup>.

Realiza-se, também, estudo de percepção e atitudes. (LAMBERT *et al.*, 1960 e GILES, 1970). Esse estudo fornece elementos para atingirmos o objetivo específico de abordar os significados sociais indexados pela variável e relacioná-los – ou não – ao padrão de realização da vibrante em Porto Alegre. Essa etapa é realizada em dois blocos: no primeiro, em que são feitas entrevistas abertas, os ouvintes têm a oportunidade de destacar características que consideram estar relacionadas a cada uma das pessoas que ouvem quatro áudios e explicar o motivo pelo qual as relacionam; o segundo, em que participantes são convidados a responder um questionário *online* para cada áudio, destacando as características que pensam ter cada uma das pessoas ouvidas. Os resultados são analisados estatisticamente.

---

<sup>2</sup> Barbosa Lessa (1954) define tradicionalismo como movimento nitidamente popular, não simplesmente intelectual, que visa a auxiliar o estado na consecução do bem coletivo, através de ações que o povo pratica a fim de reforçar o núcleo de sua cultura. Para o autor, os Centros De Tradições Gaúchas têm o papel de estudar, divulgar e fazer com que o povo “viva” as tradições rio-grandenses. Com base nisso, destaca que o tradicionalismo não é uma tentativa de retorno ao passado, mas o oposto: o tradicionalismo constrói para o futuro.

Organiza-se a presente tese em cinco capítulos além da Introdução e da Conclusão. O primeiro aborda variação, mudança e identidade, perpassando a variação como prática social e a relação entre comunidade de práticas e identidade. O segundo caracteriza a vibrante em *onset* silábico em português no âmbito fonético e fonológico, além de apresentar a revisão da literatura sobre a vibrante em *onset*. O terceiro apresenta Porto Alegre como comunidade fala, abordando estilos de vida dos porto-alegrenses, sociohistória e práticas sociais do século XIX ao século XXI. Aborda-se também a relação entre ideologia e significado social, além das características fonético-fonológicas que estão presentes hoje na capital do Rio Grande do Sul. No quarto capítulo, apresenta-se a metodologia das análises quantitativa e qualitativa e no quinto capítulo, os resultados dessas análises. Por fim, a Conclusão.

Os resultados revelam que o padrão da realização de /r/ em *onset* entre os porto-alegrenses nativos é a forma fricativa. A vibrante múltipla alveolar atingiu um patamar de relíquia na capital gaúcha e não indexa o falar desta comunidade de fala, indexa o falar do interior, carregado de sotaque. No entanto, os ouvintes parecem não ter clareza sobre a variável indexar o falar gaúcho, conforme os resultados do estudo de percepção e avaliação. O que sustenta a eventual realização de /r/ como [r] nessa variedade é a figura do gaúcho estereotipado, mantida pela indústria cultural. O trabalho que se apresenta aqui trata, portanto, de variação, mudança linguística e identidade, assuntos que serão abordados a seguir, no que compõe o primeiro capítulo desta tese.

# 1 VARIAÇÃO, MUDANÇA LINGUÍSTICA E IDENTIDADE

Este capítulo trata dos fundamentos teóricos da tese, sobre uma variável (a realização de /r/ em *onset* silábico) na mudança em progresso no português brasileiro e os significados sociais das variantes – em especial, da realização vibrante múltipla alveolar, em variação com a realização fricativa (velar ou glotal) no português falado em Porto Alegre. Inicia-se, na seção 1.1, traçando a trajetória dos estudos de variação e mudança linguística, partindo do século XIX, desde Hermann Paul, passando pelo programa proposto por Weinreich, Labov e Herzog (2006) no início do século XX, e chegando aos estudos realizados por Labov (2008) desde a década de 1960. Foi a partir da dissertação de mestrado de Labov (2008), realizada em Martha’s Vineyard, que os significados sociais da variação passaram a ter papel relevante nas pesquisas sociolinguísticas. Na seção 1.2, trata-se dos significados sociais no percurso de estudos de variação sociolinguística. Parte-se do estudo realizado por Labov (2008) em Martha’s Vineyard, passando pelo estudo do mesmo autor sobre a estratificação social de /r/ em coda silábica em lojas de departamento na cidade de Nova Iorque, e situa-se a etnografia nos estudos de variação sociolinguística, perpassando o conceito de comunidades de prática e de construção de estilo, a partir da visão de Eckert (2003, 2005, 2012, 2016). Na seção 1.3, aborda-se a relação entre variação linguística e identidade, o que envolve o conceito de estilo, *stance* e gerenciamento de *persona*. Essa seção se sustenta nos estudos realizados por Coupland (2001), Shilling-Estes (2004) e Kiesling (2009) e inclui uma subção, baseada em Wenger (1998), que trata da construção de identidade nas comunidades de prática.

## 1.1 VARIAÇÃO E MUDANÇA LINGUÍSTICA

No século XIX, Hermann Paul se baseava em princípios que, segundo Weinreich, Labov e Herzog (2006), representavam as melhores realizações da linguística pelos neogramáticos. O estudioso “desenvolveu a ideia de que o falante-ouvinte individual encerra a natureza estruturada da língua, a coerência do desempenho falado e a regularidade da mudança” (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006, p. 39). Portanto o foco de seus estudos era a língua falada pelo indivíduo (idioleto), isolada do uso linguístico do grupo no qual esse falante estava inserido, o que apresentava a dificuldade

de explicar os padrões sistemáticos de mudança linguística verificados, por exemplo, em regiões de um determinado território.

De acordo com Weinreich, Labov e Herzog (2006), embora Hermann Paul reconhecesse o ponto de vista dialetológico sobre a mudança linguística, afirmava que se deveriam distinguir tantas línguas quantos fossem os indivíduos, o que o tornou alvo da oposição antineogramática.

No início do século XX, surge a homogeneidade como a palavra-chave para os estudos da língua, termo que perduraria por muito tempo até o surgimento da Teoria da Variação e da Mudança, de Weinreich, Labov e Herzog (2006). O estruturalista Saussure (2006 [1916]) considerava que o objeto de estudo da linguística deveria ser a língua como um sistema de leis próprias e homogêneas. Em sua dicotomia língua (*langue*) e fala (*parole*), a língua passou a ser abordada com grande ênfase e ganhou destaque desde a última metade do século XIX, enquanto a linguística não dava atenção à fala.

Segundo Calvet (2002), mais tarde Chomsky fortaleceria a dicotomia saussuriana com a oposição entre competência e desempenho. A primeira é o conhecimento abstrato das regras da língua e o segundo é a seleção e execução dessas regras, ou seja, competência está para a língua assim como desempenho está para a fala. A linguística continuava sendo definida de uma forma que excluía o estudo do comportamento social ou o estudo da fala.

No entanto, havia um contemporâneo de Saussure que também definia a língua como fato social, se distanciando das ideias do Mestre, principalmente após o lançamento do Curso de Linguística Geral. Este estudioso era Meillet, cuja obra implicava ao mesmo tempo uma abordagem interna e uma abordagem externa dos fatos da língua e também uma abordagem tanto sincrônica quanto diacrônica desses fatos, enquanto Saussure as distinguia, priorizando a sincronia, e buscava elaborar um modelo abstrato de língua. Para Calvet (2002, p. 15) “tudo opõe os dois homens tão logo os situamos no terreno da linguística geral”.

Segundo Calvet (2002), Meillet criticava afirmações de que a língua é social, quando essas afirmações não eram explicadas. Essas afirmações eram proferidas, mas logo deixadas de lado pela linguística formal, que estudava a língua em si mesma e por si mesma. Essas afirmações deveriam ter implicações metodológicas e estar no centro da teoria linguística. Calvet (2002) afirma que Meillet considerava a língua ao mesmo tempo um fato social e um sistema que tudo contém. E por ser a língua um fato social, a linguística é uma ciência social. O autor considera a mudança social como o único

elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação linguística. Essa posição se aproximava muito do que viríamos a encontrar mais tarde na obra de Labov.

Meillet (1948 [1906]) não ignorava a concepção de língua como dotada de autonomia e capacidade de se desenvolver de um ponto de vista puramente linguístico, mas afirmava que estruturas linguísticas correspondem a estruturas sociais e que mudanças na estrutura social resultam em mudanças na estrutura linguística:

[...] nunca são os fatos históricos em si que determinam diretamente as mudanças linguísticas, e são somente as mudanças de estrutura da sociedade que podem modificar as condições de existência da linguagem. Será necessário determinar qual estrutura social corresponde uma dada estrutura linguística e como, de maneira geral, as mudanças da estrutura social se traduzem em mudanças da estrutura linguística (MEILLET, 1948 [1906], p. 17-18 tradução nossa).

Foi em 1963 que a Teoria da Variação se consagrou a partir da dissertação de mestrado de William Labov, e deu espaço a essa relação entre estrutura social e linguística defendida por Meillet (1948 [1906]). O estudo foi realizado na comunidade de fala de Martha's Vineyard, uma ilha no estado de Massachussets, nos Estados Unidos, e mostrou o quanto os fatores sociais são decisivos para explicar a variação linguística. A variável investigada na ilha foi a centralização da vogal-núcleo dos ditongos /aj/, em palavras como *right* “certo” e *White* “branco” e /aw/, em palavras como *house* “casa” e *doubt* “dúvida”, do inglês. O autor concluiu que a elevação da vogal-núcleo era utilizada por parte dos moradores da ilha com o objetivo de preservar a identidade cultural e social da comunidade de fala (LABOV, 2008).

No ano seguinte, 1964, Labov realizou mais um estudo de grande importância, dessa vez em Nova York. A pesquisa foi realizada em três lojas da cidade, em três camadas socioeconômicas: superior, média e inferior. O autor analisou a estratificação social do (r), observando duas maneiras distintas de se pronunciar o (r) pós-vocálico: presença ou ausência desse segmento fônico em final de sílaba, como em *fourth floor* “quarto andar”. Mais uma vez, a importância dos fatores sociais sobre a variação linguística tornou-se evidente, os vendedores da loja com *status* mais alto apresentaram valores mais altos da realização de (r), o que demonstrou que a presença de (r) se correlaciona com a hierarquia socioeconômica da sociedade novaiorquina.

Weinreich, Labov e Herzog (2006) consideravam incoerentes os modelos teóricos baseados no pressuposto da homogeneidade linguística de uma comunidade e propuseram, então, um novo conceito: o de heterogeneidade ordenada. Os autores

também defendiam que era preciso lidar operacionalmente com a noção de variável linguística – um elemento variável dentro do sistema controlado por regras. As variantes, ou seja, as realizações possíveis de uma variável, podem coocorrer em situação de estabilidade ou podem coocorrer por um período de tempo até que uma ou mais variantes deixem de ser produzidas enquanto outra, ou outras, se sobressaiam. Os autores afirmam que a mudança linguística começa quando um traço linguístico da variação na fala se difunde através de um subgrupo específico da comunidade de fala. Esse traço linguístico então assume certa significação social, simbolizando os valores sociais associados àquele grupo. Para os autores, a mudança linguística, quando em vias de se completar, pode ser acompanhada de um aumento do nível de consciência social da mudança e do estabelecimento de um estereótipo social. Quando a mudança está completa – e a variável passa a ser uma constante – é porque houve perda de qualquer significação social que o traço possuía.

O programa de estudo da variação e mudança linguística vislumbrado por Weinreich, Labov e Herzog (2006) veio a se consolidar, posteriormente, com o trabalho de Labov (2008). Verifica-se que a variação investigada é etapa de uma mudança em progresso quando, no controle da variável Faixa Etária, percebe-se que a frequência de realização da variante investigada é menor na faixa etária mais baixa e maior na faixa etária mais alta, indicando que pode haver desaparecimento da variante com o passar do tempo. Trata-se, conforme Labov (1994), de uma análise em tempo aparente. Essa análise baseia-se na concepção de que a língua atinge estabilidade quando o indivíduo chega na vida adulta. A mudança em progresso também pode ser verificada com a realização de uma análise em tempo real, conforme Labov (1994). Esse modelo de análise prevê coleta de dados em uma mesma comunidade de fala em dois períodos de tempo diferentes e a comparação das proporções de aplicação da regra nesses dois momentos. A investigação em tempo real pode ser realizada com os mesmos informantes e instrumentos nos dois períodos de tempo (estudo de painel) ou pode ser realizada com outros indivíduos de mesmo perfil, da mesma comunidade, escolhidos aleatoriamente (estudo de tendência). Pode-se, então, comparar os índices de aplicação da regra em dois momentos diferentes. Possivelmente os índices serão distintos, em razão de particularidades sociais que resultam em mudanças linguísticas.

## 1.2 SIGNIFICADOS SOCIAIS NO PERCURSO DE ESTUDOS DA VARIAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA

A pesquisa de Labov (2008) em Martha's Vineyard comprovou que os falantes podem relacionar as variáveis linguísticas, nesse caso fonológicas, a significados sociais. No entanto, nas décadas seguintes, o estudo de variação afastou-se do estudo de significado social e estabeleceu como foco as análises estatísticas que fazem correlações entre variáveis linguísticas e categorias macrosociológicas, como classe socioeconômica, sexo, idade, escolaridade e etnia, categorias que estruturam a propagação da mudança linguística no espaço social. Estudos com macrocategorias são replicáveis, por essa razão conferem maior credibilidade às pesquisas sociolinguísticas, além de tornar possível afirmações sobre mudança linguística. No entanto, não abrangem significados sociais, o que seria necessário em análises de variação linguística e estilo, por exemplo. Nos estudos com macrocategorias, estilo está relacionado ao grau de atenção prestada à fala no procedimento canônico de obtenção de dados, a entrevista sociolinguística, podendo ser um estilo mais monitorado ou menos monitorado.

A pesquisa de Labov (2008) sobre a estratificação social de /r/ em coda silábica em lojas de departamento na cidade de Nova Iorque é um exemplo de estudo que prescindiu das entrevistas sociolinguísticas, mas ainda assim se afastou da noção de significado social e lidou com estilo como grau de atenção dado à fala. O método utilizado por Labov (2008) – rápido e anônimo, baseado no pedido de informação a um atendente da loja sobre o andar em que se localizava determinado produto – baseava-se na repetição da resposta do informante, a qual era considerada como um grau mais monitorado de fala. No primeiro momento, o entrevistador perguntava: “Por favor, onde ficam os sapatos femininos?”, e obtinha geralmente a resposta “*Fourth floor*” (*quarto andar*). Logo em seguida, o entrevistador perguntava: “Como?”, e, normalmente, obtinha a repetição como resposta: “*Fourth floor*”, pronunciada em estilo monitorado com acento enfatizado.

O conceito de comunidade de fala, com o qual lida a Teoria da Variação, tem destaque nesses estudos como delimitador do espaço de investigação, em que ocorre a interação entre língua e sociedade. Uma comunidade de fala compartilha as mesmas normas a respeito da língua, segundo Labov (2008), ou seja, os membros da comunidade de fala não usam todas as mesmas formas linguísticas, mas têm atitudes convergentes a respeito da produção linguística.

Conforme Freitag, Martins e Tavares (2012, p. 917), “os padrões regulares e sistemáticos de covariação social e linguística levantaram questões sobre relações sociais subjacentes às categorias sociais primárias”, o que fez retornarem os estudos de cunho etnográfico à Sociolinguística Variacionista, considerando-se populações mais localmente definidas, como Labov havia feito em Martha’s Vineyard.

### 1.2.1 Etnografia no estudo da variação sociolinguística

Nas ciências sociais e na antropologia, a etnografia é utilizada para explorar categorias e configurações locais constituidoras de categorias sociais mais amplas. Em estudos de variação que realizam etnografia, entende-se que a variação constitui, não apenas se correlaciona a categorias sociais, sendo identidade entendida como afiliação a uma dada categoria, e estilo, relacionado com o grau de afiliação às categorias localmente definidas.

Eckert (2012) examina o panorama de estudos de variação linguística desde as primeiras pesquisas de Labov e destaca três exemplos de estudos de viés etnográfico: (1) o estudo de Labov (2008) sobre o inglês afroamericano (AAVE), cujos resultados apontam para o uso de traços vernaculares por adolescentes como indexadores do *status* entre o grupo de comunidade de prática; (2) o estudo de Milroy (1980), que enfoca comunidades de classe operária e examina a relação entre engajamento local e uso do vernáculo, correlacionando o uso de variáveis vernaculares locais com a densidade e a multiplicidade da rede de relações sociais do falante; e (3) o estudo da própria Eckert sobre o papel das categorias *jocks* e *burnouts* na indexação de classe socioeconômica em grupos adolescentes (ECKERT, 2000).

Labov (2008), após realizar observações etnográficas e entrevistas em Martha’s Vineyard, estabeleceu que a pronúncia de /aj/ havia sido selecionada pelos habitantes da ilha como um recurso simbólico em um campo de luta ideológica. Esse ditongo tinha um núcleo centralizado no dialeto de Vineyard, mas durante alguns anos, os falantes da ilha seguiram a tendência do continente, o abaixamento do núcleo para [a]. Labov descobriu que alguns falantes estavam revertendo essa tendência de redução do ditongo, em uma aparente mudança, na tentativa de recapturar uma das características mais salientes do dialeto da ilha, liderado pela comunidade de pescadores nativos, cujo controle sobre a economia local estava ameaçado pela indústria turística controlada pelo continente. Esse renascimento de uma pronúncia local “tradicional” foi uma alegação de autenticidade da

ilha, um exemplo do que Michael Silverstein (SILVERSTEIN, 2003) denominou ordem indexical. Uma característica que marcou um falante como “vineyardense” passou a ser usada estilisticamente dentro da ilha para indexar um tipo particular de nativo, destacando um aspecto particular da identidade local. Por isso, considera-se que o estudo de Labov em Martha’s Vineyard encaixe-se nessa vertente.

Um conceito-chave para esses estudos de variação é o de comunidade de prática, que, conforme Eckert (2005), são grupos de pessoas que se reúnem com regularidade e se engajam em alguma atividade em comum. Esse engajamento faz com que os membros da comunidade de prática – que podem ser centrais ou periféricos na comunidade – construam uma orientação compartilhada para o mundo que os cerca.

Para Eckert (2003), sempre que uma diferença linguística se torna distintiva, os termos dessa distinção são baseados em relações sociais que cercam os grupos de falantes. É na interação social do dia a dia que comunidades constroem ideias compartilhadas em si mesmas, baseadas no contraste com os outros e nas diferenças entre eles. Enquanto um grupo de pessoas não tem razões particulares para interagir com outro grupo, se prestará pouca atenção ao que elas têm em comum e em contraste com o(s) outro(s) grupo(s). Quando certas circunstâncias criam um interesse na diferença e ganham destaque, o significado social das variáveis linguísticas pode tornar-se bastante específico.

Uma terceira vertente enfatiza o significado social das variáveis, considerando que os falantes se situam na paisagem social por meio de práticas estilísticas. Nessa vertente, estilo está associado às categorias identitárias e à construção de *personae*. *Personae*, para Eckert (2016), são identidades sociais construídas por, e que contribuem para, padrões macrossociais. Segundo a autora, a noção de *personae* – introduzida por Coupland (2001) nos estudos de estilo e variação, apontando a relação entre *personae* e categorias macrossociais – está na origem desses estudos.

Para Labov (2008) e Eckert (2012), nos estudos centrados no significado social das variáveis, (a) a variação é um sistema semiótico que expressa uma gama de questões sociais numa dada comunidade; (b) os significados das variáveis são especificados no contexto estilístico; (c) a variação não só reflete, mas também constrói significado social, sendo assim uma das forças motrizes da mudança social.

Eckert (2003) destaca que o significado da variação se situa no seu papel na construção de estilos e propõe que esse papel seja investigado. É uma das pretensões da presente tese. Para a autora, as variáveis não se encaixam em um estilo com um significado específico, mas assumem tal significado no processo de construção do estilo,

e isso mostra que esse estilo (como língua) é uma prática em que as pessoas criam significado social, de forma que estilo é a manifestação visível do significado social. A autora diz ainda que a seleção de variáveis para realizar alternâncias de estilo é baseada na interpretação do falante sobre o significado potencial de recursos linguísticos disponíveis.

No caso do estudo de /aj/ e /aw/ na ilha de Martha's Vineyard por Labov, em 1963, a separação continente-ilha e as diferenças dialetais que vêm com a separação fazem desses ditongos recursos estilísticos primordiais para a construção de estilos que incorporam a separação de alguma forma. Esse estudo mostrou que variáveis fonológicas podem assumir significados locais muito texturizados. A altura do núcleo de /aj/ funcionava como um recurso simbólico de luta pelo destino da ilha de Martha's Vineyard.

Quando Labov chegou a Martha's Vineyard, o crescimento da quantidade de turistas e de casas de veraneio trazia grandes mudanças para a vida e economia da ilha, e os habitantes dividiam-se quanto a essa incursão dos falantes do continente. De um lado, estavam pessoas engajadas na economia local de pesca, as quais utilizavam, predominantemente, a variedade de língua inglesa falada por famílias tradicionais da ilha. Essas pessoas viam a situação como uma ameaça ao controle local da vida e da economia. Outros viam o comércio de verão como uma oportunidade.

Conforme Eckert (2003), a questão do controle do continente *versus* a cultura tradicional da ilha, então, foi a luta ideológica central na comunidade local. Labov mostrou que a pronúncia de /aj/ era um recurso simbólico dessa luta. O abaixamento do núcleo veio a ser associado não simplesmente ao continente, mas a implicações locais de uma orientação continental. Os moradores mais envolvidos com a comunidade de pesca local e os jovens que estavam fora e planejavam retornar para a ilha mais tarde estavam resistindo e revertendo esse abaixamento, mostrando um alto índice de elevação

Em Porto Alegre, o estudo da realização de /r/ como vibrante múltipla alveolar em *onset* silábico, do qual esta tese se ocupa, parte da hipótese de que a produção de vibrante alveolar múltipla, neste contexto silábico, seja pouco frequente. Quando usada, pode ser ferramenta para, junto a outras variáveis linguísticas disponíveis, compor um estilo.

Segundo Eckert (2003), a comunidade de prática é um local nobre da construção estilística. Cada falante participa de uma variedade de comunidades de prática ou grupo de pessoas que praticam uma atividade em conjunto – uma banda de garagem, uma família, um escritório. A comunidade olha para a paisagem social, interpretando essa paisagem e construindo o seu lugar e posição dentro dela. E o lugar dos indivíduos na

comunidade está intimamente relacionado com a sua participação nesse processo de construção. Uma parte importante do processo de construção de significado é a caracterização e avaliação de pessoas e grupos nessa paisagem, e também suas práticas estilísticas.

Por isso, partimos de Eckert (2003), que defende um estudo de variação voltado a traçar o caminho de uma variável a partir do seu estado de disponibilidade geral na comunidade de fala para a sua implementação em estilos de *personae*. Essa abordagem distingue-se da análise tradicional de variação, que se concentra em variáveis em virtude do seu papel no sistema dialetal ou na mudança linguística em andamento.

Entendemos que os padrões demográficos gerais são tanto o resultado como a fonte do significado social na variação, e compreendê-los requer explorar a relação entre significado local e essas distribuições maiores. É o que pretendemos explorar na presente tese, especificamente no que diz respeito à realização da vibrante em *onset* silábico em Porto Alegre (RS).

Se a análise quantitativa (Análise de Regra Variável) confirmar a realização pouco frequente de /r/ em *onset* silábico como vibrante múltipla alveolar, consideraremos a hipótese de que a realização da vibrante em uma comunidade de fala (Porto Alegre), onde a realização de fricativa de /r/ é predominante, representa a orientação positiva dos falantes para o Rio Grande do Sul pampeano, visto como o gaúcho, e não para o universo urbano da grande metrópole. Ou seja, seguiremos a ideia de que, com a vibrante múltipla e outros recursos semióticos, o porto-alegrense pode eventualmente construir significados pela prática estilística. Nossa ideia é a de que o porto-alegrense que produz a vibrante múltipla alveolar pode utilizar a variável para a construção de uma *persona* gauchesca.

### 1.3 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E IDENTIDADE: ESTILO, *STANCE* E GERENCIAMENTO DE *PERSONA*

Coupland (2001) analisou o uso da variação linguística para construir *personae*. Seu estudo, sobre um *disc jockey* (DJ) de uma rádio de Cardiff, no País de Gales, Reino Unido, mostra o uso estratégico de uma gama de características dialetais na produção de uma *persona* dinâmica.

O DJ Frank Hennessy (FH) é falante do dialeto inglês Cardiff, além da variedade-padrão de inglês britânico. FH não é apenas apresentador de um programa de rádio, mas também animador, cantor popular, compositor, comentarista social e humorista, que

construiu uma imagem popular promovendo a cultura local e o folclore Cardiff em larga medida através do dialeto. O programa se constitui dialetalmente. O uso do dialeto não é uma característica acidental de FH, ele permeia muito da performance e a insere na significância regional. O autor chega a três generalizações a partir da análise de fala do DJ ao longo dos programas: (1) quando FH fala sobre as pessoas e eventos do Cardiff, parece haver uma tendência ao uso de variantes mais significativas localmente; (2) pronúncias características do Cardiff são usadas quando FH faz brincadeiras se referindo à própria incompetência; (3) FH usa mais pronúncias-padrão na conexão com estruturação e divulgação do programa, quando “competência” e “especialidade” se tornam aspectos mais salientes de sua identidade.

Shilling-Estes (2004) faz uma análise da alternância de etnicidade na interação entre dois homens jovens adultos do município de Robeson, situado à sudeste da Carolina do Norte. Essa comunidade de zona rural é formada pela presença de três diferentes etnias: branca, afro-americana e índios Lumbee. A situação é de entrevista, mas os participantes se conhecem, frequentaram a mesma universidade e ocuparam o mesmo dormitório. O entrevistador (Alex) se identifica – e é identificado pelos outros – como afro-americano, além de afirmar que também tem origem, em parte, nos índios Cherokee. O entrevistado (Lou) se identifica – e é identificado pelos outros – como índio Lumbee.

Foram investigadas, na pesquisa de Shilling-Estes (2004), variáveis fonológicas e morfossintáticas. Entre as fonológicas estão o apagamento de r pós-vocálico ou a vocalização de r ([fɪ<] *fear* ‘medo’) e a monotongação de /aj/ ([ra:d] *ride* ‘passeio’). Entre as morfossintáticas estão a ausência da marcação de terceira pessoa do singular (-s), como em *He like ice cream* (‘Ele gosta de sorvete’), o apagamento de cópula, como em *He a nice guy* (‘Ele é um cara legal’), uso de *be* habitual, como em *John always be working late* (‘John está sempre trabalhando até tarde’), e a regularização da forma não-padrão para o passado de *be*, como em *They was/n’t there/She were/n’t home* (‘Eles estava/não estava lá/ Ela estavam/não estavam em casa’). Cada uma dessas variáveis está associada a grupos étnicos e regionais.

A autora defende que os padrões mais amplos (nacionais) dessas variáveis são refletidos nos padrões interétnicos do município de Robeson e que variáveis linguísticas podem ser associadas a mais de um grupo, bem como podem ser usadas, ao gerenciar estilo na conversa, com o significado social atual ou com o significado social prévio. Por exemplo, uma variável como a vocalização de /r/, que atualmente é associada ao vernáculo dos membros da comunidade, pode não ter perdido o seu significado social

anterior e ainda ser utilizada como a fala prestigiada dos sulistas brancos dos tempos passados. É o que parece ter ocorrido quando, durante a entrevista analisada por Shilling-Estes (2004), o entrevistado utiliza com frequência a vocalização de /r/ durante o tópico “Guerra Civil”, caracterizando personagens históricos e eventos desse período com muitos detalhes, exagerando nos contornos prosódicos e fazendo citações com alta frequência de vocalização de /r/. Uma situação como essa foi observada em um dos trechos de entrevistas sociolinguísticas do LínguaPOA (informante 32), durante o levantamento de contextos para a análise quantitativa da presente pesquisa, em que o informante imitava o falar gaúcho, destacando a vibrante alveolar múltipla como característica desse grupo de frequentadores do Acampamento Farroupilha e dos Farrapos como personagens históricos: “E eles têm o espírito Fa[r]oupinha, dos Fa[r]apos ali naquele acampamento Fa[x]oupinha.”

A construção de *persona* está relacionada à identidade social do falante que, segundo Bourdieu (2015, p. 164), afirma-se na diferença, na distinção. Para o autor, “as práticas de um agente são sistemáticas por serem produto de aplicação de esquemas idênticos e, ao mesmo tempo, sistematicamente distintas das práticas constitutivas de outro estilo de vida.” Ou seja, as práticas são produto das características que identificam o agente (falante) com um grupo e, ao mesmo tempo, o diferenciam de um outro grupo.

O gosto, propensão e aptidão para a apropriação de determinada classe de objetos ou de práticas classificadas e classificantes é a fórmula geradora que se encontra na origem do estilo de vida, conjunto unitário de preferências distintivas que exprimem, na lógica específica de cada um dos subespaços simbólicos – mobiliário, vestuário, linguagem ou hexis corporal – a mesma intenção expressiva. Cada dimensão do estilo de vida “simboliza com” os outros e os simboliza. (BOURDIEU, 2015, p. 165).

Segundo Kiesling (2009), as identidades sociais e *personae* se constroem pela postura (do inglês *stance*) do falante perante a conversa (postura epistêmica), que demonstra o quanto o falante tem certeza de suas afirmações, e pela postura do falante perante o interlocutor (postura interpessoal) que demonstra, por exemplo, se o falante pretende parecer amigável ou dominante em relação ao interlocutor. As duas formas de postura estão relacionadas pelo conteúdo da conversa e pela socialidade da conversa. As variantes têm significados difusos (tais como casual ou urbano) em interações que são feitas especificamente para criar posturas junto com outras variáveis na conversa, e a mudança desses significados depende da estabilidade da variável e da idade da mudança, se está em progresso. É importante destacar que os mesmos traços linguísticos (variáveis)

podem ser usados para sustentar diferentes posturas, dependendo dos outros elementos do contexto.

A postura, ou *stance*, sustenta os estilos pessoais ou *personae*, o que faz Kiesling (2009) afirmar que entende os estilos pessoais como repertórios de posturas. Esses repertórios são construídos desde a infância. Ao mesmo tempo em que a criança adquire uma língua materna, ela adquire também o repertório de posturas que constituem os diferentes papéis sociais na cultura na qual a criança está inserida. Esse repertório é, inicialmente, transmitido pelos cuidadores e se desenvolvem nas vivências e no ato de brincar. Kiesling (2009) menciona um estudo de Schieffelin e Ochs, de 1986, em que as autoras mostram que aprender postura faz parte do processo de aquisição da língua. Foram analisadas conversas entre cuidadores e crianças, nas quais as autoras identificaram diferentes posturas normativas associadas à acomodação dos cuidadores às crianças. Em alguns casos, é responsabilidade da criança falar para que seja compreendida (como na cultura Samoana, observada por Ochs). Em outros, é responsabilidade do cuidador repetir e adivinhar o que a criança está dizendo (como na cultura branca de classe média americana). Schieffelin e Ochs (1986) mostram que as diferentes posturas dos cuidadores ensinam às crianças importantes lições sobre como se orientar em conversas na sociedade nas quais estão inseridas, e que os significados da postura não são separados, mas aprendidos como parte da gramática.

Para agregar repertório, também são importantes as comunidades de prática, pois nela se fazem presentes as questões de identidade. Para assumir uma ou outra identidade, se adotam certas posturas condizentes com as posturas do grupo com o qual se deseja parecer e ao qual se deseja pertencer.

### **1.3.1 Identidade e comunidade de prática**

Conforme Wenger (1998), as nossas práticas, a nossa língua e a visão que temos do mundo refletem as nossas relações sociais. Mesmo o nosso pensamento mais privado faz uso de conceitos, imagens e perspectivas que entendemos através da nossa participação na comunidade social.

Para a autora, a construção de identidade consiste em negociar os significados de nossas experiências individuais como membros de diferentes comunidades. Portanto, estudos de identidade devem ser focados no processo de mútua constituição entre pessoa e comunidade.

Nossas identidades, no contexto específico da prática, não são apenas o que ocorre dentro da comunidade de prática, mas também a nossa posição e a posição da comunidade dentro da estrutura social geral. A formação de uma comunidade de prática é também a negociação de identidades. Wenger (1998) traça um paralelo entre prática e identidade, resumido no Quadro 1.

Quadro 1 – Relação entre Prática e Identidade

Prática como...	Identidade como...
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Negociação de significado (em termos de participação e reificação)</li> <li>• Comunidade</li> <li>• Compartilhamento de história de aprendizagem</li> <li>• Limite e panorama</li> <li>• Constelações</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Experiência negociada da autoimagem (em termos de participação e reificação)</li> <li>• Associação (como membro)</li> <li>• Trajetória de aprendizagem</li> <li>• Relação de multiassociação (como membro)</li> <li>• Pertença definida globalmente, mas experimentada localmente</li> </ul>

Fonte: Adaptado de Wenger (1998, p. 150. Tradução nossa).

Identidade pode ser, segundo Wenger (1998), caracterizada como experiência negociada, ou seja, nós definimos quem somos pelas maneiras como nós experimentamos nossa autoimagem através da participação em comunidades, assim como pelas maneiras com que nós e os outros reificam a nossa autoimagem. Também a identidade pode ser caracterizada por associação à comunidade, ou seja, nós definimos quem somos pelo que é familiar e o que não é familiar em um determinado grupo. Outra característica é a trajetória de aprendizagem, a definição de quem somos considerando onde estivemos e para onde vamos. Identidade é também relação de multiassociação, em que nós definimos quem somos conciliando nossas várias formas de agir como membros em uma comunidade. Por fim, identidade é caracterizada como uma relação entre o local e o global, ou seja, nós definimos quem somos negociando formas locais de pertencer a comunidades de prática mais amplas e de manifestar amplos estilos e discursos.

Identidade é uma experiência e uma exposição de competência que requer tanto uma explícita autoimagem (*self-image*), quanto uma identificação com uma comunidade de pertença. Para Wenger (1998) são três as dimensões que definem a comunidade:

- 1) Mutualidade de engajamento: é mais importante dar e receber ajuda do que conhecer tudo a respeito de cada um. “Nós nos tornamos quem somos por sermos aptos a fazer parte das relações de compromisso que constituem nossa comunidade” (WENGER, 1998, p. 152).

- 2) Responsabilidade com uma iniciativa: identidade se manifesta nas interpretações que tendem a emergir em certas situações, no engajamento em certas ações, para fazer certas escolhas, valorizar certas experiências.
- 3) Negociabilidade de repertório: nós fazemos parte da história da comunidade e ela faz parte de nós. Negociamos repertório através de nossa história pessoal de participação em comunidades de prática. O resultado da negociação se traduz num conjunto pessoal de eventos, referências, memórias e experiências que formam trajetórias de participação.

Com base no conceito de trajetória, Wenger (1998) argumenta que identidade é fundamentalmente temporal. Sua constituição resulta de um trabalho contínuo, realizado no contexto social. A temporalidade da identidade é mais complexa que a noção linear de tempo, já que identidades são constituídas pela interação de trajetórias convergentes e divergentes.

No contexto da comunidade de prática, há vários tipos de trajetórias:

- Trajetória periférica: por escolha ou necessidade, algumas trajetórias não conduzem a (proporcionam) uma participação total. Elas podem prover um tipo de acesso a uma comunidade e essa prática se torna suficientemente significativa para contribuir para determinada identidade.
- Trajetória de entrada: novos participantes entram na comunidade com o propósito de se tornarem participantes completos (*full*) nessa prática.
- Trajetória “de dentro” (*insider*): a formação da identidade não termina com a participação total dos membros. A evolução da prática é contínua – novos eventos, novas demandas, novas invenções e novas gerações criam ocasiões para renegociar uma determinada identidade.
- Trajetória de “fronteira” (*boundaries*): algumas trajetórias encontram seus valores na relação entre as comunidades de prática. Sustentar uma identidade através de fronteiras (limites) é um dos mais delicados desafios desse tipo de situação.
- Trajetória *outbound*: algumas trajetórias conduzem para fora da comunidade, como quando uma criança cresce. O que acontece então é que uma forma de participação possibilita (gera) o que vem a seguir. O caminho percorrido fora da comunidade também envolve o desenvolvimento de novas relações.

A noção temporal de trajetória caracteriza identidade como a) um trabalho em progresso; b) moldada por esforços individuais e coletivos para criar uma coerência através do tempo, coerência essa que alinha sucessivas formas de participação na definição de *persona*; c) incorporação do passado e do futuro na experiência do presente; d) negociação com respeito a trajetórias paradigmáticas; e) investimento em histórias de práticas e na política geracional.

Wenger (1998) considera que todas as formas de participação contribuem para a produção de nossas identidades e, portanto, defende que a melhor noção de identidade envolve: a) uma experiência de múltiplos ou variados papéis como membros; e b) o trabalho de reconciliação necessário para manter uma identidade através dos limites ou fronteiras.

O nosso papel como membro de qualquer comunidade de prática é apenas uma parte da nossa identidade, segundo Wenger (1998). Para o autor, nossas formas de participação não são meramente sequências no tempo, são um nexo de multipapéis. Não importa o quanto são distintas umas das outras, as múltiplas identidades podem interagir, influenciar umas às outras, e requerem coordenação.

Se um nexo de multipapéis é mais do que uma identidade fragmentada, compor uma *persona* requer algum trabalho de reconciliação das nossas diferentes formas de participação. Wenger (1998) afirma que diferentes práticas podem fazer demandas competirem, tornando-as difíceis de combinar dentro da experiência que corresponde a uma única identidade. Para a autora, diferentes formas de engajamento na prática podem refletir diferentes formas de individualidade, bem como podem invocar diferentes respostas para as mesmas circunstâncias. Wenger (1998) destaca também que elementos de um repertório podem ser bastante inapropriados, incompreensíveis ou, até mesmo, ofensivos em outra comunidade.

Wenger (1998) defende que reconciliar esses aspectos de competência demanda mais do que apenas aprender regras sobre o que fazer e quando. Para a autora, requer a construção de uma identidade que pode incluir diferentes significados e formas de participação em um nexo (ou coerência). Entendida como a negociação de uma identidade, o processo de reconciliação de diferentes papéis como membro vai além das escolhas tácitas ou das crenças.

É essencial para este trabalho a ideia de que a construção de uma identidade pode incluir diferentes significados, pois é aos significados sociais que as variantes linguísticas

são associadas e utilizadas para compor uma *persona*. É o que se investiga na presente tese, sobre a realização vibrante múltipla alveolar de /r/ em *onset* silábico.

Antes de apresentar a metodologia de pesquisa e passar às análises propriamente ditas, é necessário caracterizar a variável em termos fonológicos e fonéticos, o que se faz a seguir (capítulo 2), e descrever a comunidade de fala, Porto Alegre (capítulo 3), para esclarecer aspectos linguísticos relevantes às análises realizadas, bem como as dinâmicas sociais da comunidade, que originam as identidades e os significados sociais indexados pela variável.

## 2 A VIBRANTE EM *ONSET* SILÁBICO EM PORTUGUÊS

Descrevem-se, neste capítulo, as características fonéticas e fonológicas da variável investigada, /r/ em *onset* silábico, e da variante de interesse, a vibrante múltipla alveolar. Além disso, revisam-se estudos sobre a variação de /r/ em *onset*, com o objetivo de subsidiar a análise da variável e discussão dos resultados no percurso da variação e mudança linguística no português brasileiro, especialmente, na variedade de português falado em Porto Alegre.

### 2.1 A CARACTERIZAÇÃO FONÉTICA DA VARIÁVEL

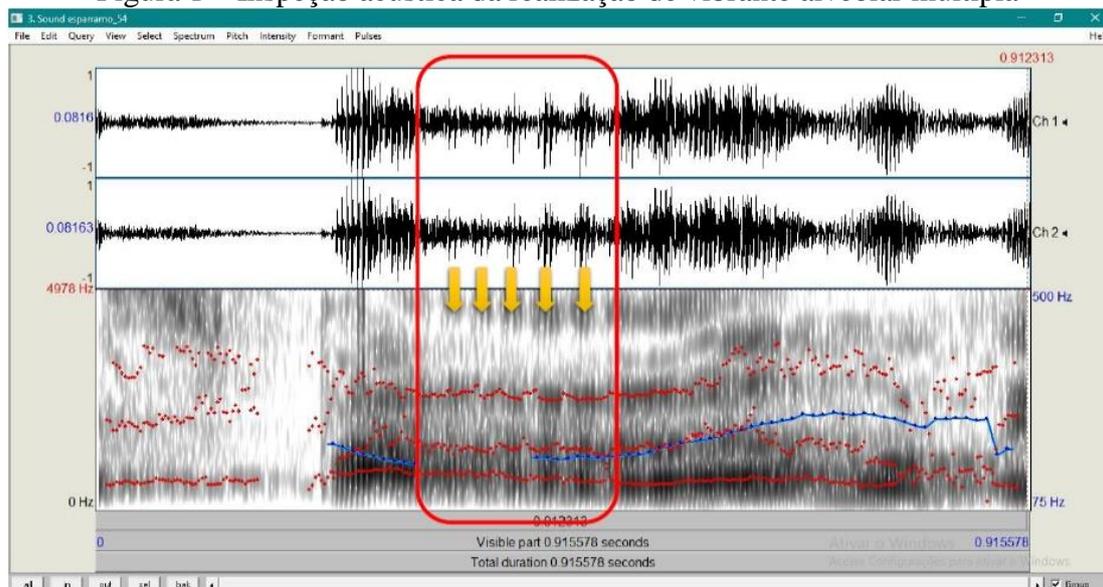
A vibrante múltipla alveolar, realização de /r/ em *onset* de especial interesse nesta tese, é enquadrada na categoria das consoantes líquidas, que engloba os sons de /l/ e de /r/. A articulação vibrante múltipla ocorre quando a ponta da língua (articulador ativo) bate mais de uma vez na região alveolar (articulador passivo). Conforme Silva (2007), a vibrante alveolar [r] se constitui de uma sucessão de três a cinco momentos de quase interrupção da corrente de ar no trato oral seguidos da retomada da produção de voz, ou “abertura oral”.

Selecionamos um dado da amostra utilizada nesta pesquisa para ilustrar a realização de vibrante alveolar múltipla. Este dado, *esparramo*, foi produzido por uma mulher, a informante de número 54 do LínguaPOA. A inspeção acústica foi feita no programa Praat<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Agradeço ao Professor Dr. Reiner Vinícius Perozzo (UFRGS) pelas orientações para a realização da inspeção acústica, em maio de 2019.

Figura 1 – Inspeção acústica da realização de vibrante alveolar múltipla



Fonte: Elaborado pela autora<sup>4</sup>.

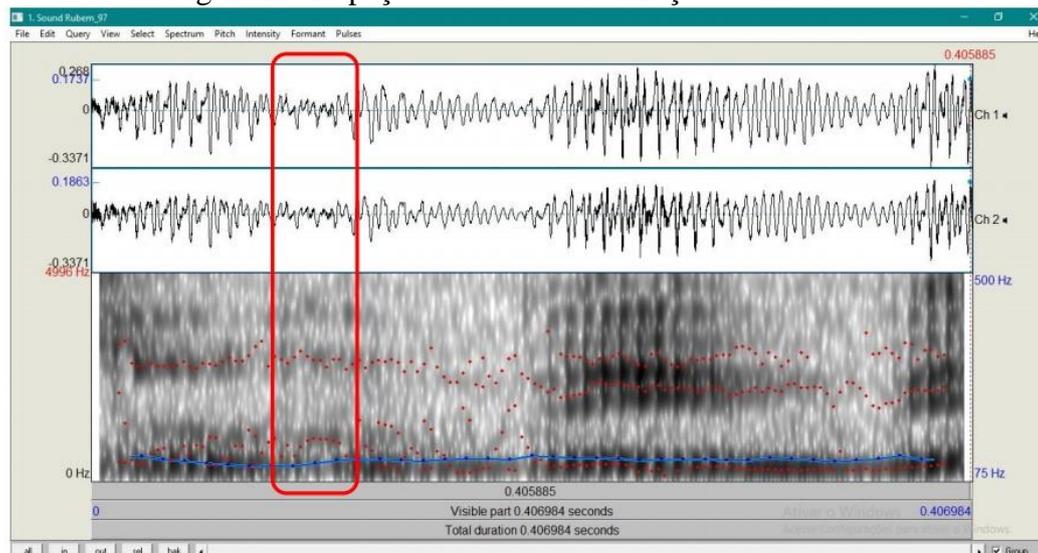
Na Figura 1, é possível ver que a realização de /r/ é nitidamente uma vibrante múltipla. As setas indicam os pontos de contato e distanciamentos consecutivos da ponta da língua em relação à região alveolar. Pode-se perceber claramente os formantes nessa figura, pois uma vibrante múltipla sempre tem resquícios de vogal.

Malmberg (1954) afirma que pode acontecer de a vibração desaparecer, e que a ponta da língua, em vez de produzir uma série de oclusões e aberturas, nunca feche completamente a passagem do ar, que continua a passar por uma pequena abertura produzindo um ruído de fricção, passando a se tratar de uma constrictiva ou fricativa.

Selecionamos um dado da amostra utilizada nesta pesquisa para ilustrar a realização de fricativa. Este dado, *Rubem*, foi produzido por um homem, o informante de número 97 do LínguaPOA. A inspeção acústica foi feita no programa Praat.

<sup>4</sup> Com o auxílio do professor Reiner Vinícius Perozzo (UFRGS).

Figura 2 – Inspeção acústica da realização de fricativa



Fonte: Elaborado pela autora.

Na figura 2, é possível ver que há indícios de realização de uma fricativa glotal vozeada. No oscilograma, vemos que a amplitude da onda diminui em comparação com os segmentos vocálicos adjacentes, o que implica normalmente uma articulação consonantal. No espectrograma, a linha do *pitch* (em azul) se mantém, apontando vozeamento, e os formantes praticamente não enfraquecem, sugerindo uma articulação nada abrupta (diferente do que seria em relação a uma oclusiva, por exemplo), o que reforça a ideia de ser um som fricativo glotal.

Silva (2002) defende que a variabilidade de realizações de /r/ se explica pela existência de um contínuo físico, ou seja, de segmentos intermediários, com diferentes graus de sobreposição de ruído fricativo à estrutura acústica da vibrante. A autora mostra, através de uma análise acústica, que alguns dialetos mais conservadores contam com uma realização vibrante espirantizada posteriorizada em ataque silábico, e que essa realização é, muitas vezes, confundida com uma fricativa velar.

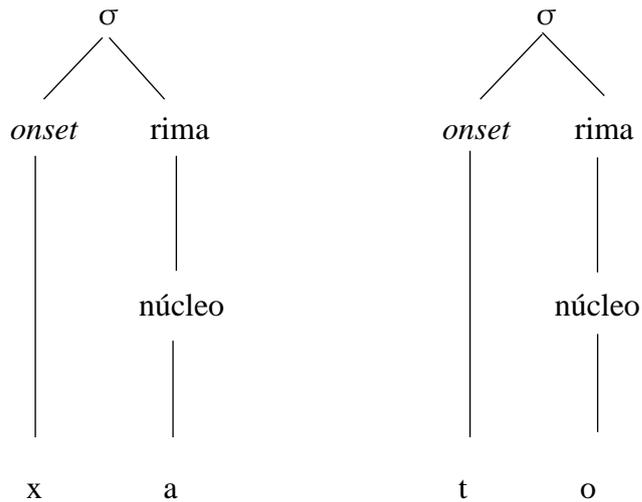
Vibrante alveolar múltipla e realizações fricativas são as realizações que esperávamos encontrar em início de sílaba na comunidade de fala de Porto Alegre (RS). Mas, ao surgirem dúvidas sobre dados que não poderiam ser classificados claramente como uma ou outra, buscou-se explicação na literatura. A possibilidade, apresentada por Silva (2002), de que há um contínuo físico ao longo do qual se estende a variabilidade de produção de /r/ é a que, talvez, possa explicar esses dados.

## 2.2 CARACTERIZAÇÃO FONOLÓGICA DA VARIÁVEL

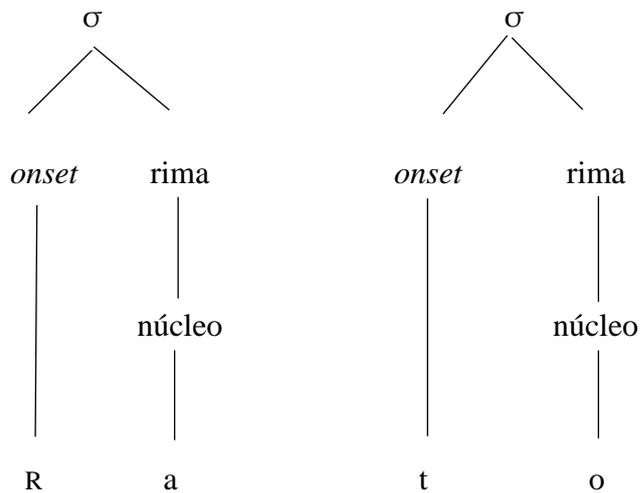
Em português, o r-forte, nesta tese representado por /r/, pode realizar-se diferentemente, a depender da posição silábica que ocupa. As realizações possíveis (CAMARA JR., 1985, p. 35) são:

Ex.: /rato/

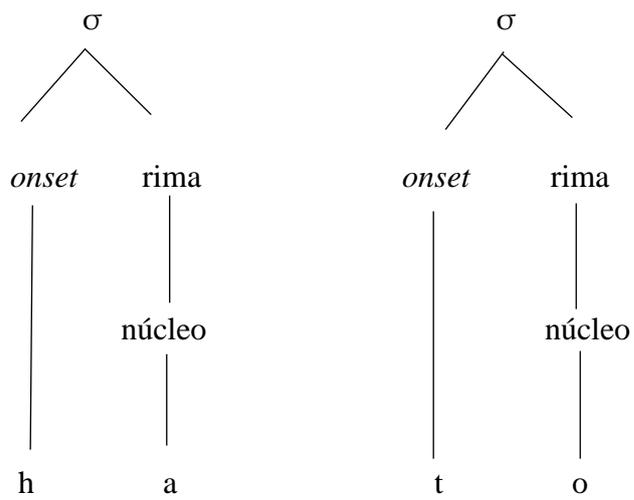
a) velar [x]



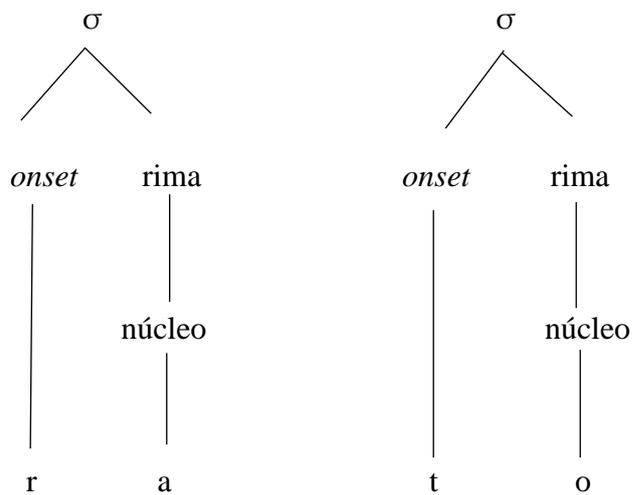
b) uvular [R]



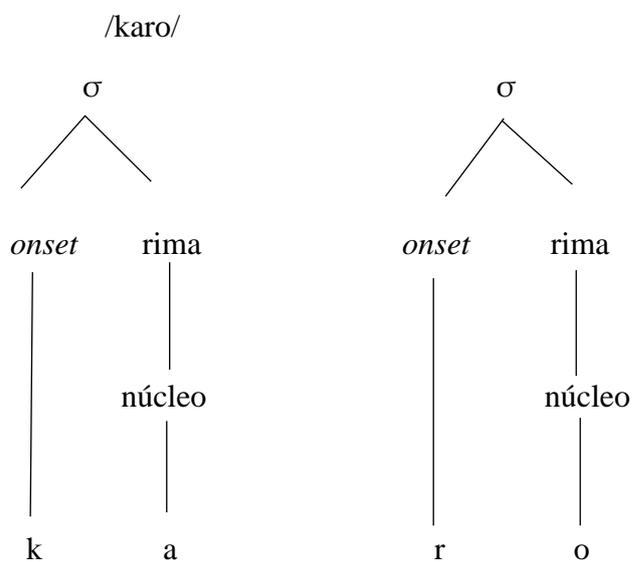
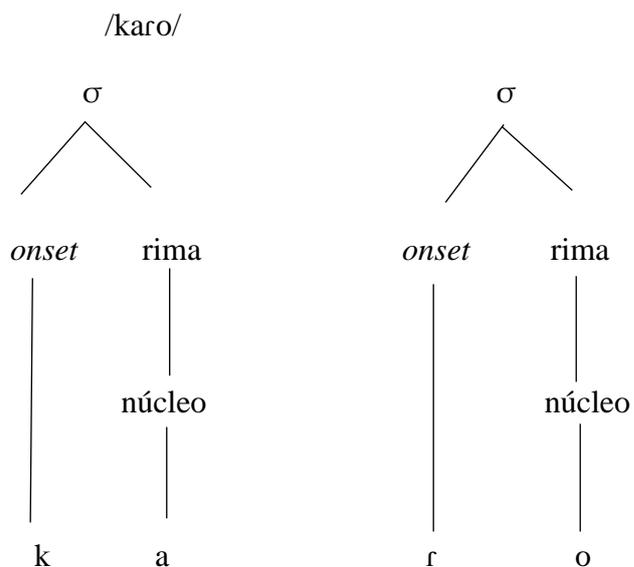
c) glotal [h]



d) dental múltipla [r]

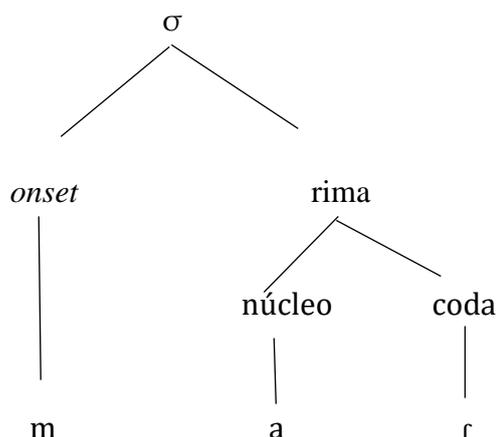


Em posição intervocálica, existe contraste fonêmico entre o r-forte e o r-fraco (/r/), que se pode verificar em pares mínimos: *caro-carro*, *careta-carreta*, *muro-murro*, *era-erra*.



O r-forte também pode ocorrer em início de sílaba (*onset*) precedido de uma consoante, como em “Israel”.

Em final de sílaba (coda), pode haver realização de r-fraco (tepe ou vibrante simples) ou r-forte (vibrante múltipla alveolar ou fricativas velar e glotal), podendo também haver realização de tepe retroflexo ou, principalmente em final de palavra, o apagamento do segmento. Exemplo de tepe em coda silábica: /mar/.



Como já afirmado na Introdução, há um fenômeno de posteriorização da articulação da vibrante acontecendo em algumas línguas naturais, segundo Malmberg (1954). É um fenômeno de tendência universal que teve origem nas classes superiores das cidades e que só lentamente penetrou na pronúncia “da gente da província”. “Trata-se de um enfraquecimento da pronúncia da consoante, uma espécie de degeneração” (MALMBERG, 1954, p. 84).

Na posição de *onset* absoluto (*rua, roda, rato*), há tanto a produção de fricativas velar ou glotal, quanto a de vibrante múltipla alveolar, mas não de tepe alveolar<sup>5</sup>.

Face a essas regularidades na distribuição de r-forte e r-fraco, discute-se, na literatura em fonologia, qual seria a representação subjacente desses segmentos: seriam mapeados a um fonema ou a dois? Em outras palavras, o português teria em seu sistema fonológico um ou dois fonemas relacionados a r-forte e r-fraco? Nesta pesquisa, adotaremos a posição de Abaurre e Sandalo (2003), sustentada nos critérios de avaliação da teoria gerativa (naturalidade, poder de predição e simplicidade), de que há apenas um fonema subjacente em português e esse fonema seria /r/, o que se conforma à visão de Camara Jr (1953). Para as autoras, o chamado r-forte nas línguas ibéricas é um epifenômeno<sup>6</sup> de dois segmentos adjacentes, isto é, um efeito do Princípio do Contorno Obrigatório (OCP) (MCCARTHY, 1986). Esse princípio estabelece que elementos adjacentes são proibidos – e proibiria, nesse caso, a ideia de que o r-forte seriam dois /r/ em sequência, especialmente na posição de *onset* absoluto (*rua, roda, rato*).

<sup>5</sup> Em português brasileiro, tepe alveolar em *onset* silábico se verifica apenas em interior de palavra, não em início de palavra (*onset* absoluto). Exceções a essa generalização verificam-se em variedades de português ainda em contato com línguas de imigração (italianas e alemãs), conforme Altenhofen e Margotti (2011).

<sup>6</sup> Entende-se epifenômeno, na literatura gerativa, como um fato que pode ser interpretado como reflexo de um fenômeno subjacente (ABAURRE; SANDALO, 2003).

As autoras destacam que, para uma interpretação a respeito das realizações de r-forte dentro da teoria gerativa, não se podem ignorar os critérios de avaliação das análises, propostos por essa teoria. São eles:

**Naturalidade:** um fenômeno natural deve ser frequente. É frequente que línguas evitem segmentos idênticos adjacentes com o mesmo ponto de articulação, o que motivou o OCP. Esse critério confere plausibilidade à hipótese de que o r-forte é um epifenômeno em línguas ibéricas, isto é, de que há apenas um erre subjacente.

**Poder de predição** da análise proposta com relação a fatos da fonologia da língua: por exemplo, para Harris (2002), numa análise do espanhol, língua românica como o português, a lacuna na distribuição das realizações de /r/ em certas posições decorre de haver apenas um fonema no espanhol, o tepe. De acordo com essa análise, o erre forte é um epifenômeno de uma sequência de dois tepes adjacentes, um dos quais ocorre em coda silábica e um em ataque. A análise prevê que apenas o tepe pode ocorrer em coda e em encontros consonantais devido à estrutura silábica do espanhol.

Se seguíssemos essa explicação para o português, não teríamos como explicar a ocorrência exclusiva de r-forte em início de palavra, já que, nessa posição, não há geminação, conforme afirmam Abaurre e Sandalo (2003). Harris (2002) diz que há uma regra de tensionamento de tepe em início de palavra e depois de sílaba travada por consoante, que transforma um único tepe em uma vibrante, nessas posições. Essa explicação de Harris (2002), no entanto, cria um problema analítico: como explicar que apenas /r/ entre as líquidas seja tensionado e /l/ não seja?

Bonet e Mascaró (1996) propõem uma análise alternativa para as realizações de r-forte em algumas línguas românicas: há dois fonemas em línguas como espanhol, catalão e português. A oposição entre esses fonemas é neutralizada em posição de início de palavra, depois de consoantes e em coda, devido ao princípio de sonoridade (CLEMENTS, 1990). Mas, como observam Abaurre e Sandalo (2003), uma hipótese baseada na sonoridade não explica por que apenas a soante rótica sofre, também no espanhol, pressões de sonoridade no início absoluto de palavra. Esse fato também é importante e deve ser levado em conta ao se considerar a existência de um único fonema de r-forte.

**Simplicidade:** uma análise simples seria aquela que postula um léxico menor. Na análise de Harris (2002), é o número de fonemas que é reduzido. Na fonologia gerativa, a noção de economia faz referência ao número de traços. Conforme Abaurre e Sandalo (2003), aplicar a análise de Harris ao português do Brasil, em termos de traços, é algo

bastante complexo, porque não permite derivar de forma simples todos os alofones de /r/ do português (fricativa velar ou glotal, vibrante alveolar ou uvular) tomando como forma básica o tepe. Por exemplo, como explicar que o tensionamento de /r/ em *onset* absoluto correspondesse a uma realização fricativa, que é vista como enfraquecimento segmental? Lopez (1979) e Monaretto (1992, 1997) assumem a análise de Harris para o português, mas, como Harris, não apresentam nenhuma representação, em termos de traços, da derivação das variantes do erre forte a partir do tepe, e não explicam o tensionamento e posterior fricativação da consoante em *onset* absoluto.

Na literatura gerativa, identifica-se que a maioria dos autores defende a existência de apenas um fonema a que se relacionam as manifestações de r-forte e r-fraco nas línguas ibéricas, enquanto a maior parte dos estruturalistas afirma serem dois, com base nos pares mínimos encontrados entre vogais (*carro* - *caro*). No quadro gerativo, não se considera crucial a busca de segmentos em contraste. Lacunas, bem como fatos de agramaticalidade, são o que conduzem o gerativista a levantar uma questão para estudo, como esclarecem Abaurre e Sandalo (2003). Nas línguas ibéricas não ocorrem palavras com dois erres adjacentes em que o primeiro erre travaria uma sílaba e o segundo iniciaria outra sílaba, uma vez que sílabas podem ser travadas por erre. Esse fato é intrigante para os gerativistas. Em português, conforme Abaurre e Sandalo (2003), o que se questiona no gerativismo é por que o falante não permite que certos segmentos ocorram em certas posições, nesse caso, tepe alveolar em *onset* absoluto?

Camara Jr. (1953), apesar de ser estruturalista, defende a ideia gerativista de que existe apenas um fonema de r-forte e r-fraco no português, ao escrever a primeira edição do livro *Para o estudo da fonêmica portuguesa*, em 1953. Nessa edição, o autor afirma que esse fonema é uma vibrante e que poderia ocorrer geminada intervocalicamente. Se não geminado, esse /r/ se realizaria como um tepe entre vogais. O r-forte pode ocorrer em início de sílaba absoluto e em coda. Na segunda edição do livro, o autor abandona essa interpretação em favor de uma análise que suporta a existência de dois fonemas em português.

Lopez (1979) e Monaretto (1992, 1997) defendem que o segmento subjacente do português é o tepe com base em um argumento estruturalista, utilizando o critério de frequência de ocorrência de uma dada variante. Esse critério não é utilizado pelo gerativismo para a escolha da forma subjacente. Nesse quadro, escolhe-se a forma que melhor permite derivar todas as formas variantes de maneira simples, natural e com alto poder de previsão. Nada no gerativismo impõe que a fricativa seja tomada como base.

Para Abaurre e Sandalo (2003), postular que o elemento subjacente é /r/ captura melhor a realidade sonora desse segmento, bem como o fato de se tratar de um segmento [+contínuo]. Desde Chomsky e Halle (1968), a representação de /r/ tem sido aceita sem grandes controvérsias. O traço [contínuo] tem sido usado para diferenciar uma vibrante de um tepe (representação do enfraquecimento, ou seja, da perda do traço de continuidade entre vogais, transformando uma vibrante em tepe).

Mateus e d'Andrade (2002) também postulam um único fonema relacionado ao r-forte para o português, por assumirem subespecificação radical na caracterização dos segmentos. Para eles, o fonema não tem especificação de ponto. O ponto vai ser implementado dialeto por dialeto, por inclusão de traços de ponto. Para Abaurre e Sandalo (2003), essa análise apresenta dois problemas: o primeiro é que esses pontos teriam que ser adicionados inclusive em posição de coda, na proposta daqueles. Sabe-se que essa posição favorece a perda de traços. Portanto seria uma análise de menos naturalidade em relação à análise de Abaurre e Sandalo (2003); o segundo problema é que, para derivar a fricativa glotal do português brasileiro, os autores precisam adicionar o nódulo de Ponto para, em seguida, desligá-lo. Essa análise seria menos econômica do que a proposta de Abaurre e Sandalo (2003).

Conforme a proposta das autoras, /r/ subjacente [+contínuo] realiza-se como tepe [-contínuo] na segunda posição de *onset* complexo (*cravo*) e em posição intervocálica (*aro*). A autoras defendem que, em posição intervocálica, a vibrante (considerada por elas como a forma subjacente) sofre um processo de enfraquecimento. Em termos de hierarquia de traços, elas afirmam que esse enfraquecimento se dá pela perda de um traço, o de continuidade, que transforma a vibrante em um tepe, conforme a Figura 3.

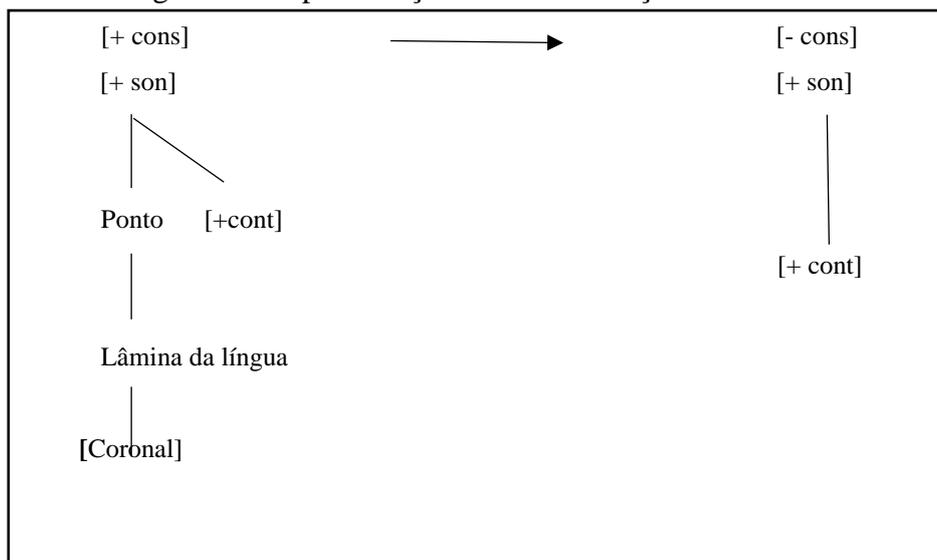
Figura 3 – Representação da perda do traço de continuidade na transformação da vibrante em tepe no contexto intervocálico



Fonte: Adaptado de Abaurre e Sandalo (2003, p. 161).

Já quando o /r/ se manifesta como r-forte em contexto intervocálico (*carro*, *carreta*) deve haver alguma especificação na entrada lexical, já que, embora pares mínimos existam, não são comuns no padrão do português. Abaurre e Sandalo (2003) defendem que um dos pontos positivos da análise que propõem é o fato de poder prever a direção da mudança linguística, trazendo a proposta de Calllou, Leite e Moraes (2002), em que  $r > R > x > h > \emptyset$ . Abaurre e Sandalo (2003) afirmam que, quando se chega a realização fricativa glotal (h) há um processo de debucalização, ou seja, a perda do nódulo de Ponto como um todo, conforme a Figura 4.

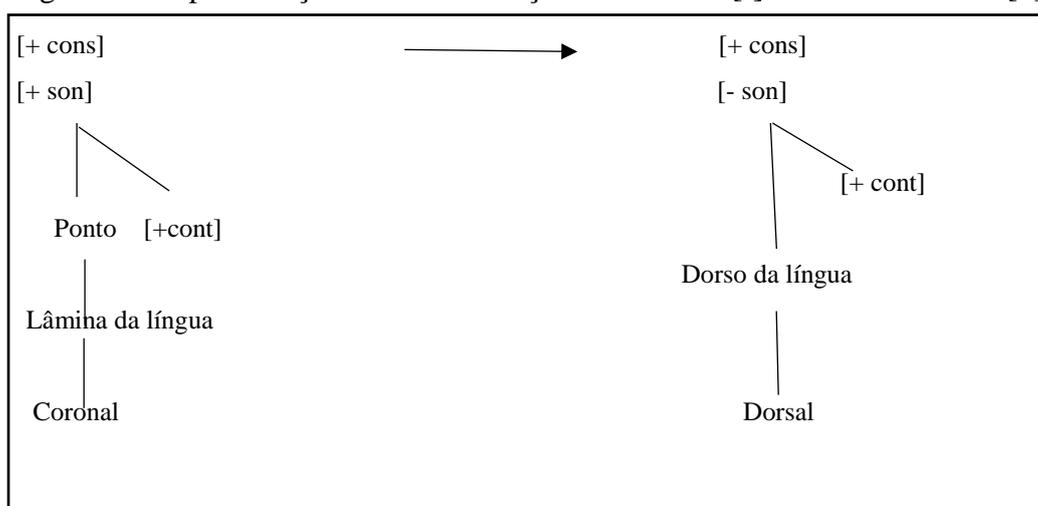
Figura 4 – Representação da debucalização da vibrante



Fonte: Adaptado de Abaurre e Sandalo (2003, p. 164).

Na passagem de uma vibrante para fricativa, há perda do traço de ponto e implementação de *default*. As autoras explicam que, desligando apenas o traço de ponto (não o nódulo como um todo, como ocorre na debucalização), o traço *default* é implementado, gerando uma velar. Mas destacam que não existe vibrante velar, portanto, ao se adicionar por *default* o ponto dorsal, cria-se uma fricativa. Por sua vez, a constricção no trato oral da fricativa causa aumento de pressão supra-glotal, fazendo com que o segmento mude automaticamente para [- soante], conforme a Figura 5:

Figura 5 – Representação da transformação da vibrante [r] em fricativa velar [x]



Fonte: Elaborado pela autora.

Partindo da proposta de Abaurre e Sandalo (2003), que defendem que um dos pontos positivos da análise que propõem é o fato de poder prever a direção da mudança linguística, conforme a proposta de Callou, Leite e Moraes (2002), em que  $r > R > x > h > \emptyset$  em coda, realiza-se, a seguir (seção 2.3), a revisão da literatura com o intuito de verificar como o processo de variação e mudança linguística vem ocorrendo em *onset* silábico em Porto Alegre.

### 2.3 REVISÃO DA LITERATURA

Apesar da existência de, pelo menos, três grandes bancos de dados (NURC, anos 1970; VARSUL, anos 1990; LínguaPOA, anos 2010) com gravações em áudio realizadas com informantes porto-alegrenses, as investigações sobre /r/ em *onset* silábico em Porto Alegre são raras. Além disso, os resultados são de difícil comparação, pois os autores utilizam diferentes metodologias e controlam distintos fatores e variáveis. A maior parte desses estudos privilegia a posição de coda silábica.

Com base nos resultados de sua dissertação de mestrado, de 1992, Monaretto afirma que a posição de *onset* é preponderantemente inibidora de anteriorização da vibrante, enquanto a posição de coda se mostra mais propícia. Talvez esses resultados tenham influenciado a tendência de as análises realizadas após o estudo da autora privilegiarem a posição de coda.

No estudo de 1992, Monaretto investigou a realização da vibrante em 3.966 dados de uma amostra coletada em 1978 por Bisol para sua tese de doutorado. Mais tarde, essa amostra foi incorporada ao VARSUL. Monaretto (1992) confirmou a existência de vibrante alveolar múltipla no Rio Grande do Sul. Nesse estudo, Monaretto denomina a vibrante alveolar múltipla como vibrante anterior, e controla a variável linguística Posição na Sílabas, apresentando os resultados por região/etnia (metropolitana, alemães, fronteira e italianos). Na região metropolitana, a autora encontrou os seguintes resultados para a realização de /r/ em *onset* silábico:

- Em início de palavra, como em *rato* e *roupa*: 48/184, ou 26% de realização de vibrante anterior, com peso relativo de 0,07.
- Entre vogais, como em *carro* e *terra*: 53/165, ou 32% de realização de vibrante anterior, com peso relativo de 0,12.

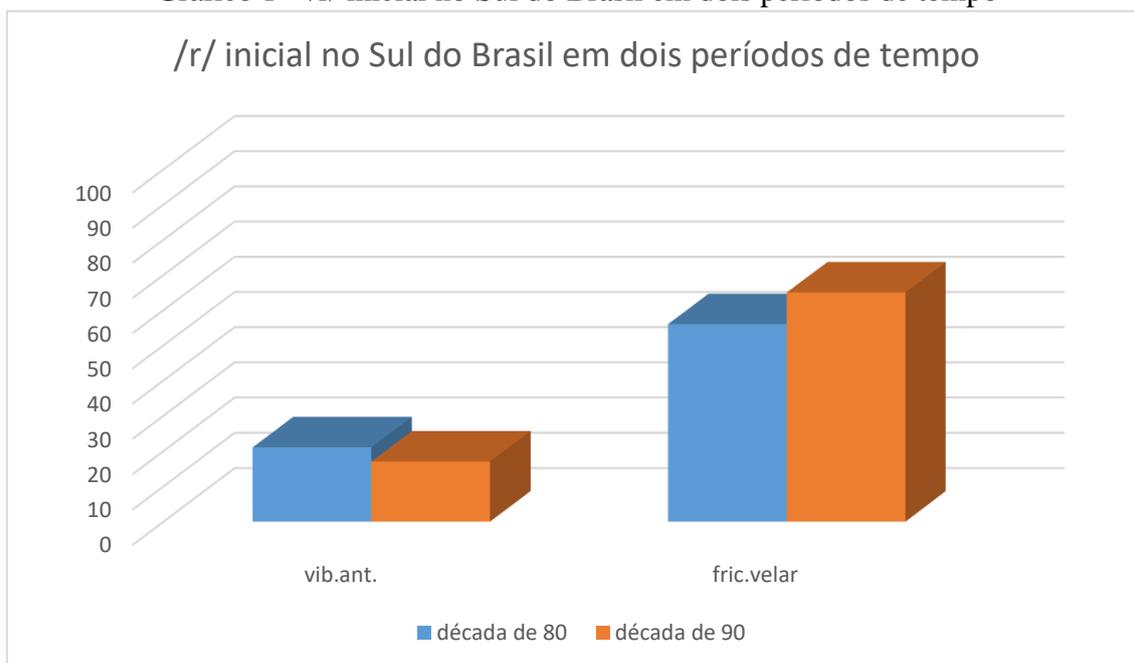
Em 1997, em sua tese de doutorado, Monaretto realiza nova investigação acerca das realizações da vibrante, contemplando as três capitais do Sul do Brasil, com 12 informantes de cada uma delas, totalizando 36 informantes. A autora volta a defender a posição de coda como a posição variável por excelência, argumentando que, nessa posição, ocorrem os mais altos índices de frequência para cada variante. As variáveis linguísticas controladas foram posição na sílaba, contexto precedente, contexto seguinte, acento e velocidade de fala. As variáveis extralinguísticas controladas foram sexo, faixa etária, escolaridade e grupo geográfico.

Em Porto Alegre, o resultado encontrado para a posição de *onset* silábico foi de 26% de realização vibrante anterior (115/446). Os resultados para a posição de *onset* em Porto Alegre incluem tanto a posição de início de palavra quanto a posição intervocálica. A autora apresenta resultados individualizados para essas posições considerando as três capitais juntas: 35% (224/627) para a posição intervocálica e 28% (222/627) para a posição de início de palavra.

Os resultados mostram também que, considerando as três capitais, a vibrante em posição de ataque é mais utilizada pelos informantes de mais de 50 anos, ou seja, pela faixa etária mais avançada da amostra, com 41%. Os resultados indicam 21% de vibrante anterior em ataque no falar dos mais jovens (de 25 a 50 anos).

Em Monaretto (2002), a autora apresenta um gráfico comparativo dos dois estudos (1992 e 1997), considerando o /r/ inicial no Sul do país em dois períodos de tempo (1980 e 1990), demonstrando haver decréscimo no uso da vibrante alveolar e crescimento da realização fricativa velar.

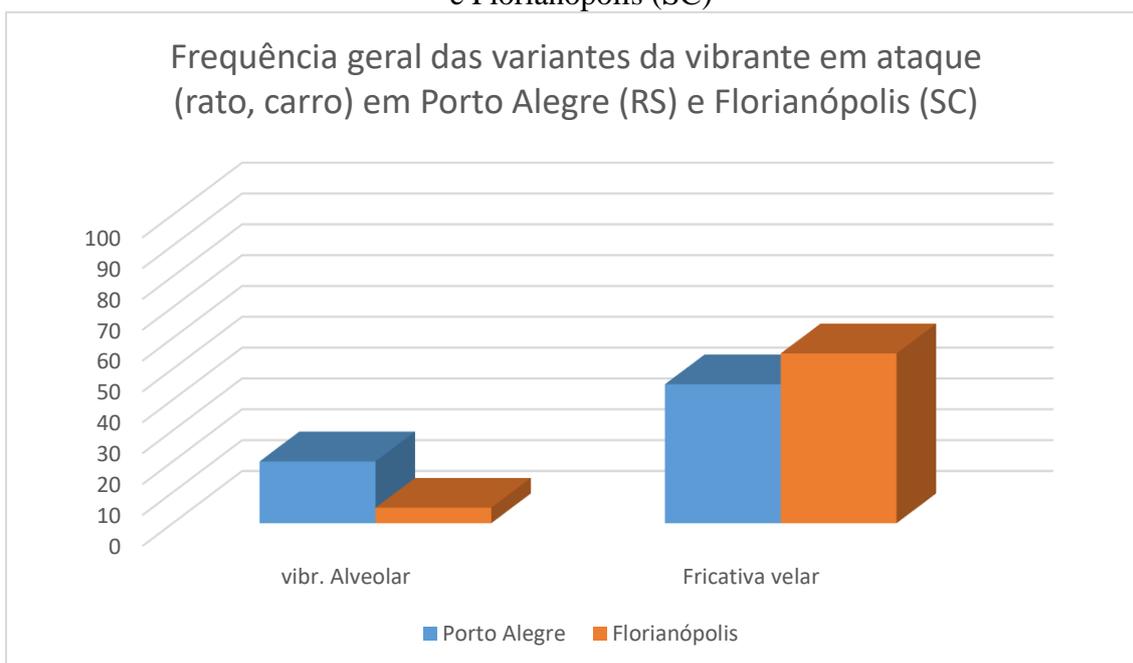
Gráfico 1 – /r/ inicial no Sul do Brasil em dois períodos de tempo



Fonte: Adaptado de Monaretto (2002).

No capítulo intitulado “Descrição da vibrante no português do Sul do Brasil”, no livro organizado por Bisol e Collischonn, *Português do Sul do Brasil: Variação Fonológica*, Monaretto (2009) apresenta um gráfico que ilustra a frequência geral de realização da vibrante em ataque nas capitais do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, indicando 20% de aplicação de vibrante alveolar em Porto Alegre, índice maior do que em Florianópolis.

Gráfico 2 – Frequência geral das variantes da vibrante em ataque em Porto Alegre (RS) e Florianópolis (SC)



Fonte: Adaptado de Monaretto (2009).

Esses são os estudos que se tem até o momento relacionados à realização de /r/ em *onset* silábico em Porto Alegre. Embora sejam poucos, atestam o decréscimo da realização vibrante múltipla alveolar e o aumento do uso da fricativa velar.

No próximo capítulo, está a caracterização de Porto Alegre como comunidade de fala. Nele se traça um percurso histórico para esclarecer que mudanças sociais podem ser relacionadas à mudança linguística em questão. Também abordam peculiaridades da comunidade atualmente, o que auxiliará a compreender as macrocategorias sociais controladas na análise quantitativa, como também as identidades e significados sociais mobilizados pela realização variável de /r/ que nos interessa aqui, a vibrante alveolar múltipla.

### 3 PORTO ALEGRE: COMUNIDADE DE FALA

Consideramos, nesta tese, Porto Alegre como uma comunidade de fala. Segundo Labov (2008), uma comunidade de fala é formada por um grupo de pessoas que compartilha normas de uso e de avaliação das formas linguísticas conforme os valores compartilhados, em maior ou menor grau, dentro da comunidade. É possível, portanto, que os falantes nativos identifiquem determinadas formas como mais ou como menos porto-alegrenses, bem como é possível que falantes não-nativos apontem determinados traços linguísticos como sendo “típicos” do falar porto-alegrense. Nem sempre a avaliação é consciente. Ao ouvir alguém falando, um determinado ouvinte pode afirmar que o falante é de Porto Alegre devido ao que é popularmente chamado de “sotaque”, mas pode não identificar claramente quais variáveis linguísticas levam a essa avaliação.

A população estimada atual de Porto Alegre, segundo dados de 2019 do IBGE<sup>7</sup>, é de 1.483.771 pessoas. O último censo, realizado em 2010, contabilizava 1.409.351 pessoas vivendo na cidade, sendo a densidade demográfica de 2.837,53 hab/km<sup>2</sup>. O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) é de 0,805, segundo o censo de 2010. De acordo com a lei 12.112, de 22 de agosto de 2016<sup>8</sup>, Porto Alegre conta 94 bairros oficiais<sup>9</sup>.

O português falado em Porto Alegre vem exibindo significativos processos de variação e mudança linguística nas últimas décadas. Alguns deles, de natureza fonético-fonológica, têm sido estudados através da comparação de amostras de fala da década de 1990 (VARSUL) com dados atuais de fala (LínguaPOA). As análises apresentam resultados que indicam mudança já completada. É o caso da palatalização das oclusivas

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/porto-alegre/panorama>. Acesso em: 17 abr. 2020.

<sup>8</sup> Disponível em: [http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?p\\_secao=299](http://www2.portoalegre.rs.gov.br/spm/default.php?p_secao=299). Acesso em: 31 mar. 2019.

<sup>9</sup> Aberta dos Morros, Agronomia, Anchieta, Arquipélago, Auxiliadora, Azenha, Bela Vista, Belém Novo, Belém Velho, Boa Vista, Boa Vista do Sul, Bom Fim, Bom Jesus, Camaquã, Campo Novo, Cascata, Cavalhada, Centro Histórico, Chácara das Pedras, Chapéu do Sol, Cidade Baixa, Coronel Aparício Borges, Costa e Silva, Cristal, Cristo Redentor, Espírito Santo, Extrema, Farrapos, Farroupilha, Floresta, Glória, Guarujá, Higienópolis, Hípica, Humaitá, Independência, Ipanema, Jardim Botânico, Jardim Carvalho, Jardim do Salso, Jardim Europa, Jardim Floresta, Jardim Isabel, Jardim Itu, Jardim Leopoldina, Jardim Lindóia, Jardim Sabará, Jardim São Pedro, Lageado, Lami, Lomba do Pinheiro, Mário Quintana, Medianeira, Menino Deus, Moinhos de Vento, Montserrat, Morro Santana, Navegantes, Nonoai, Parque Santa Fé, Partenon, Passo da Areia, Passo das Pedras, Pedra Redonda, Petrópolis, Pitinga, Ponta Grossa, Praia de Belas, Restinga, Rio Branco, Rubem Berta, Santa Cecília, Santa Maria Goretti, Santa Rosa de Lima, Santa Tereza, Santana, Santo Antônio, São Caetano, São Geraldo, São João, São Sebastião, Sarandi, Serraria, Sétimo Céu, Teresópolis, Três Figueiras, Tristeza, Vila Assunção, Vila Conceição, Vila Ipiranga, Vila Jardim, Vila João Pessoa, Vila Nova e Vila São José. Fonte: [http://www.observapoa.com.br/default.php?reg=536&p\\_secao=17](http://www.observapoa.com.br/default.php?reg=536&p_secao=17). Acesso em: 29 fev. 2020.

alveolares ([t]ime ~ [tʃ]ime, [d]ica ~ [dʒ]ica) (DUARTE 2017) e da vocalização da lateral (fo[t̪]ga ~ fo[w]ga) (MORAS, 2017). Outra mudança, como a posteriorização e fricativização de /r/ em *onset* silábico, (ca[x]o ~ ca [h]o, em lugar de ca[r]o), já se encontrava avançada nos anos 1990 (MONARETTO, 1997) e vem a ser objeto de investigação nesta pesquisa, com base nos dados atuais do banco de dados LínguaPOA.

Duarte (2017) fez uma análise em tempo real do processo variável de palatalização das oclusivas alveolares antes de /i/ não derivado ([t]ime ~ [tʃ]ime, [d]ica ~ [dʒ]ica) na comunidade de fala de Porto Alegre, comparando dois períodos de tempo: a década de 1990 (dados do VARSUL) e 2016 (dados do LínguaPOA). Foram extraídos contextos de palatalização de 12 entrevistas sociolinguísticas do VARSUL e de 12 entrevistas do LínguaPOA. A estratificação das amostras dos dois bancos por Gênero (masculino, feminino) e Faixa Etária (20 a 39 anos, 40 a 59 anos, 60 ou mais anos) permitiu a comparação dos resultados. A proporção total de palatalização foi de 96% nos dados do VARSUL e 99% nos dados do LínguaPOA. Os resultados alcançados com os dados do VARSUL apresentaram o fator feminino (99%) destacando-se em relação ao masculino (93%), mostrando que as mulheres estiveram na liderança na variação e mudança linguística. Os jovens (de 20 a 39 anos) apareceram como a Faixa Etária que mais palatalizava. Nos dados do LínguaPOA, a aplicação quase categórica da palatalização não possibilitou ao programa Rbrul (JOHNSON, 2017) selecionar variáveis favorecedoras. Então, o autor constatou que a regra desencadeada por /i/ não derivado já está consolidada no português brasileiro falado na capital gaúcha, sendo aplicada categoricamente.

O mesmo ocorre com a vocalização de /L/ em coda silábica (fo[t̪]ga ~ fo[w]ga), variável pesquisada por Moras (2017). Estudos anteriores, realizados em tempo aparente e com dados de entrevistas de Porto Alegre do VARSUL (TASCA, 1999; COSTA, 2003), identificavam mudança em progresso, embora a proporção de vocalização em Porto Alegre se mostrasse mais baixa em comparação com resultados obtidos para outras capitais, conforme estudo realizado com dados do NURC (LEITE; CALLOU; MORAES, 2002). Moras (2017), com uma análise em tempo real, constatou que a vocalização atingiu *status* de realização categórica em Porto Alegre, com proporção de aplicação de 92% nos dados de 1990 (VARSUL) e de 100% nos dados de 2016-2017 (LínguaPOA). A autora controlou as variáveis sociais sexo/gênero (masculino e feminino) e Faixa Etária (20 a 39 anos, 40 a 59 anos e 60 anos ou mais), em que sexo/gênero não apresentou papel significativo, não sendo selecionado pelo programa Rbrul (JOHNSON, 2017) como variável relevante. Para Faixa Etária, foram encontrados altos índices de vocalização em

todas as faixas, sendo que a faixa etária mais baixa (20-39 anos) favorece a vocalização, com 0,60 de peso relativo, a faixa etária intermediária fica em torno do ponto neutro, com 0,52 e a faixa etária mais alta (60 anos ou mais) desfavorece a aplicação da regra analisada. Novamente, como em Duarte (2017), pesos relativos não foram obtidos para os dados LínguaPOA porque o programa de análise estatística, Rbrul (JOHNSON, 2017), não detectou variação.

É possível, com base nesses estudos, afirmar que o falar porto-alegrense é caracterizado pela palatalização das oclusivas alveolares antes de /i/ não derivado e pela vocalização da lateral /L/ em coda silábica. A realização de /r/ em *onset* silábico, tema desta tese, parece seguir uma linha semelhante na comunidade de fala, indicando mudança em vinte anos rumo à realização de fricativa.

Esses resultados reforçam a ideia de que Porto Alegre é uma comunidade de fala e reage de forma semelhante a diferentes variáveis linguísticas. As variáveis investigadas nesses estudos também fazem parte do conjunto de características que compõem a *persona* do gaúcho, mas com a seleção de variantes distintas. O falar que compõe o estereótipo do gaúcho envolve a não-palatalização das oclusivas alveolares antes de /i/ não derivado e envolve a não vocalização da lateral /L/ em coda silábica, além da realização de /r/ como vibrante múltipla. É o que se pode ver em caracterizações como a do Guri de Uruguiana, por exemplo<sup>10</sup>. Todas essas variantes, segundo os estudos citados neste capítulo e segundo a presente pesquisa, se tornaram inexistentes em Porto Alegre.

Considera-se que os porto-alegrenses, na comunidade de fala de Porto Alegre, compartilham, além de traços linguísticos, estilos de vida em comum, tanto no que tange às mudanças sociais, quanto no que tange às mudanças linguísticas. Trata-se da temática dos estilos de vida dos porto-alegrenses na próxima seção, 3.1.

### 3.1 PORTO ALEGRE E OS ESTILOS DE VIDA

Partimos da noção de *habitus*, que, segundo Bourdieu (2015), é o princípio gerador de práticas objetivamente classificáveis e, ao mesmo tempo, o sistema de classificação de tais práticas, para compreender como se formam os estilos de vida e como eles se materializam nas práticas sociais das pessoas em Porto Alegre. Para o autor, as práticas de um agente são sistemáticas por serem produto de aplicação de esquemas

---

<sup>10</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/jairkobe/>. Acesso em: 29. mai. 2020.

idênticos e, ao mesmo tempo, sistematicamente distintas das práticas constitutivas de outro estilo de vida. (O que nos identifica com um grupo e o que nos diferencia de outro grupo).

É na noção de *habitus* que se desenvolvem os gostos e as disposições que levam as pessoas a comporem um estilo de vida a partir da noção de distinção, também discutida na teoria de Bourdieu (2015). Para o autor, no espaço social ocorrem lutas por distinção. As classes sociais diferenciam-se umas das outras e essas diferenças entre as classes são sustentadas pelo *habitus*, que funciona como um potente fator de reprodução social.

O gosto (reproduzido pelo *habitus*) é a propensão e a aptidão para a apropriação de certas classes de objetos ou de práticas. Essa apropriação supõe disposições e competências que não são universais. O que leva os membros das classes a gostarem e consumirem determinados produtos e adotarem certas práticas é o *habitus*, que gera e reforça gostos e tendências de consumo pautados pela distinção.

O *habitus*, apesar de ser duradouro, não é imutável. É possível que haja mudanças no estilo de vida das pessoas, se houver grande mudança no *habitus*, o que geralmente ocorre quando alguma necessidade se apresenta. O *habitus* é composto pela *hexis* corporal (apresentação corporal, postura, incluindo linguagem), pela *ethos* que se relaciona à moral (fazer o que é certo) e pela *doxa*, que é um conjunto de pressupostos, ou seja, crenças que são carregadas mesmo antes de iniciar (repetir) práticas.

A linguagem é um sinal distintivo e agrega valores aos estilos de vida, assim como qualquer outro instrumento de apresentação de si, como vestuário, por exemplo. Em Porto Alegre, entre as variedades de estilo, predominam as práticas urbanas. No entanto, por ser a capital do estado do Rio Grande do Sul, e agregar representantes dos diferentes grupos populacionais, há algumas práticas peculiares ao estilo de vida rural, pampeano, dito tradicionalista, incorporadas ao cotidiano de alguns porto-alegrenses. Estão naqueles que preservam e valorizam, através das roupas, da postura corporal, dos gestos e da linguagem as características do homem do campo, do estancieiro. A nossa hipótese é de que o uso de vibrante múltipla alveolar faz parte da construção de um capital simbólico que legitima<sup>11</sup> a *persona* do gaúcho. Possuir uma identidade social própria é, antes de

---

<sup>11</sup> Segundo Bourdieu (2015), uma cultura é legitimada por categorias de percepção e sistemas de classificação (palavras). A imagem do gaúcho é tida como legítima quando as pessoas a percebem como algo que sempre existiu, que sempre foi o que é, contendo propriedades que a distinguem de outros estilos de vida, de outros grupos.

tudo, ser reconhecido pelos outros, adquirir importância, visibilidade, ter um sentido, ser percebido em certas propriedades distintivas.

O estilo do gaúcho como estereótipo do homem campeiro, representado muitas vezes como herói, foi transplantado para Porto Alegre. Esse estilo se baseia em características e costumes que não são comuns na capital. Paixão Côrtes foi quem conseguiu despertar interesse e amenizar o estigma que existia por parte dos porto-alegrenses em relação a essas características. Em 1947, Paixão Côrtes e o seu “Grupo dos Oito”, sobre o qual trataremos mais aprofundadamente adiante (seção 3.3), iniciam um movimento a partir de que se formaram comunidades de prática como os Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) e, mais tarde, eventos que reúnem os CTGs e simpatizantes do tradicionalismo em uma comunidade maior, o Acampamento Farroupilha, que acontece uma vez por ano, no mês de setembro, em comemoração à Revolução Farroupilha e reproduz o campo na cidade, construindo galpões de madeira em um grande parque da capital (Parque da Harmonia), onde se faz churrasco e se recebem os amigos, cantando e dançando a música tradicionalista gaúcha.

Segundo Monteiro (2012), Porto Alegre sempre se caracterizou por práticas mais urbanas, especialmente a partir de 1920, quando a cidade cresce e passa ser mais cosmopolita, momento em que intelectuais se reuniam na Rua da Praia, no centro da cidade. Em 1950, a cidade se torna ainda mais moderna em relação aos hábitos e formas de consumo, segundo o autor. Surgem lojas de departamento e os anúncios dos produtos em jornais e revistas.

Monteiro (2012) afirma que o êxodo do campo para a cidade se deu em 1960 e que, em 1977, Teixeira se firmava como principal intérprete da música tradicionalista gaúcha. Como não se tem estudos com dados anteriores a 1970 sobre a vibrante múltipla em *onset* em Porto Alegre, é possível pensar que essa variável tenha sofrido um incremento na capital devido ao trabalho de Paixão Côrtes e o Grupo dos Oito e ao êxodo do campo para cidade. Ambos os fatos elevaram a música tradicionalista gaúcha a um patamar de destaque na capital. Segundo Monteiro (2012), em 1980 o bairro Bom Fim se torna o centro da vida noturna na cidade e as discotecas tocavam músicas de *punk rock* e *pop*, que concorriam com a música tradicionalista gaúcha em Porto Alegre.

Ao final da década de 1990, a música tradicionalista gaúcha, bem como o tradicionalismo, parece ter começado a perder espaço em Porto Alegre. Pode ser que, por essa razão, a vibrante múltipla tenha passado a ser menos utilizada pelos porto-alegrenses. A hipótese desta tese é a de que o pouco prestígio que a realização vibrante múltipla

alveolar de /r/ em *onset* silábico ainda mantém parece vir do mercado cultural, que segue vendendo o tradicionalismo como um produto.

Segundo Bourdieu (2015), o campo cultural funciona como um mercado, com oferta e procura. Nele há produtores culturais que criam códigos simbólicos, sistemas culturais diferenciados. Forma-se assim um universo simbólico (autonomiza-se o campo) que estrutura as relações sociais. Para o autor, o campo da produção cultural é fruto do trabalho de especialistas (indivíduos com capital cultural elevado e autoridade legítima reconhecida). A imagem do gaúcho como é vendida hoje foi construída, inventada (autonomizou-se o campo).

No entanto, em Porto Alegre raramente se vê alguém andando pilchado pelas ruas, carregando uma cuia em uma das mãos e produzindo vibrante múltipla alveolar ao mesmo tempo. Há comunidades de prática que favorecem a manutenção de elementos desse estilo de vida na capital do Rio Grande do Sul. É o que a presente pesquisa investiga: quais são essas comunidades? São CTGs? São grupos relacionados às mídias e ao turismo? São grupos de pessoas que nasceram em Porto Alegre, mas que têm os pais vindos de certas regiões do interior e que mantêm as práticas consideradas tradicionalistas? Até que ponto essas comunidades de prática favorecem a realização de vibrante múltipla alveolar e de que forma? Com que intenção? Quais os significados sociais da produção de vibrante alveolar em Porto Alegre?

É investigando a sócio-história da cidade, na próxima seção (3.2), e a cultura tradicionalista em Porto Alegre, na seção seguinte, além de analisar o conteúdo das entrevistas sociolinguísticas dos anos 1990 e da atualidade, que pretendemos obter respostas para essas questões.

Intuitivamente, se percebe a existência de distintas orientações entre os porto-alegrenses: não há apenas os que se voltam para a cultura de fora do estado (e do país) e os que se voltam para o interior do Rio Grande do Sul, numa perspectiva tradicionalista, centrada no homem do campo. Entre essas duas grandes tendências parece haver gradação ou, até mesmo, alternância. Um mesmo informante pode ter traços de ambas as orientações ou alternar os estilos de acordo com a comunidade de prática. Ouve-se falar, em Porto Alegre, da existência do “gaúcho uma vez por ano”, que é aquele que só incorpora o estilo gaúcho em setembro, quando ocorre o Acampamento Farroupilha. Ouve-se também sobre o “gaúcho raiz”, que se veste à risca dentro das regras do Movimento Tradicionalista Gaúcho e tem hábitos considerados autênticos, e o “gaúcho

nutella”, ou o “gaúcho de apartamento”, aquele que tenta parecer, mas foge à autenticidade, cometendo alguns equívocos ou modificando as vestimentas.

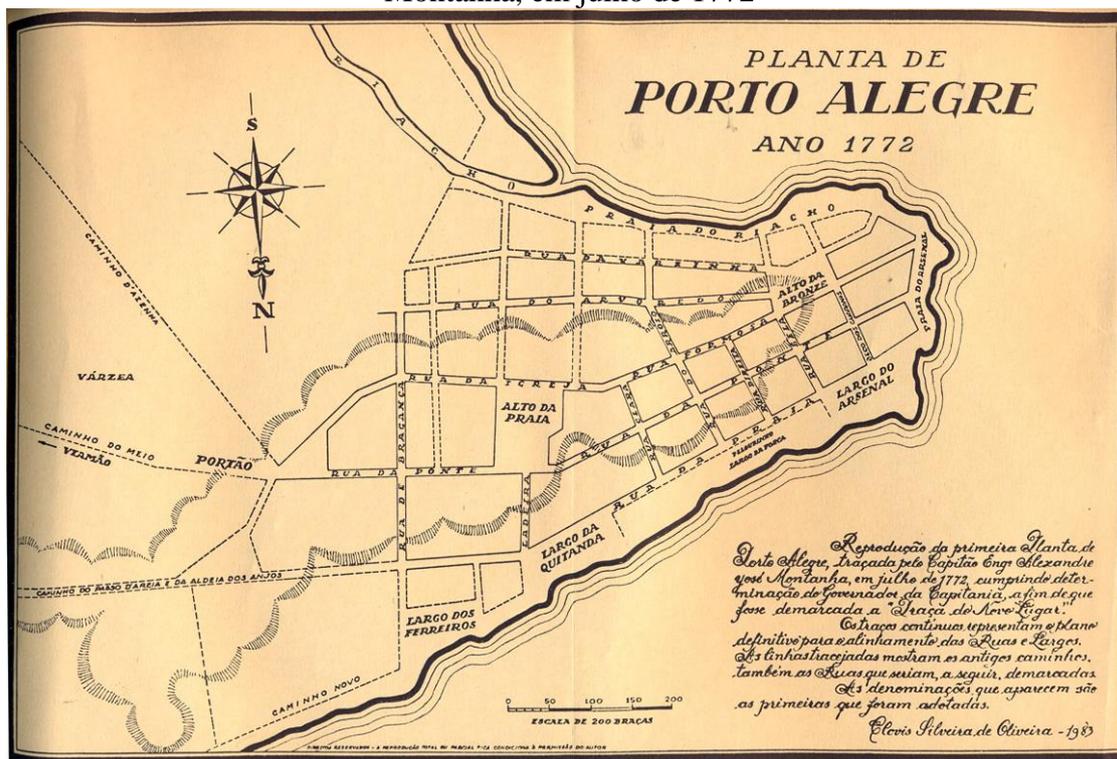
### 3.2 SÓCIO-HISTÓRIA DE PORTO ALEGRE

Conforme Monteiro (1995), a fundação da cidade de Porto Alegre estava inserida na expansão dos domínios portugueses ao Sul do Brasil, os quais visavam a participar do comércio no Rio da Prata. Tropeiros paulistas e lagunenses descobriram, no século XVIII, que havia gado se reproduzindo livremente nos Campos de Viamão e essa descoberta foi decisiva para a colonização da planície costeira e das pastagens naturais do interior, segundo o autor. A primeira fase da conquista do território foi marcada pelo apresamento desse gado e pela construção de currais.

Monteiro (1995) afirma que, em 1740, era concedida a primeira carta de sesmaria nos Campos de Viamão. Os sesmeiros ou estancieiros se instalaram próximos ao lago Guaíba – no lugar conhecido como Porto de Viamão. A sesmaria de Jerônimo de Ornelas, situada entre o Arroio Dilúvio e o Guaíba, cedeu espaço à povoação que nasceria no chamado Porto do Dorneles. Ela equivaleria aos atuais bairros do Centro de Porto Alegre: Cidade Baixa, Bom Fim, Moinhos de Vento, Passo D’Areia e Navegantes. Nesse período, não havia intenção de povoamento, apenas interesse no gado.

Monteiro (1995) narra também que, em 1752 teve início o processo de povoamento do Porto do Dorneles, em decorrência do Tratado de Madri e do projeto da Coroa portuguesa de assentar colonos no território das Missões. O povoamento da cidade iniciou pelos terrenos que correspondem às atuais ruas Washington Luís, Andradas, General Salustiano, Vasco Alves, Duque de Caxias, a antiga Beira do Guaíba até o Beco do Bragança (atual Marechal Floriano) e Caminho Novo (atual Voluntários da Pátria).

Figura 6 – Planta de Porto Alegre traçada pelo Capitão Engenheiro Alexandre José Montanha, em julho de 1772



Fonte: <https://portoimagem.wordpress.com/historia/>. Acesso em: 02 abr. 2020.

Monteiro (1995) discorre ainda sobre a transferência da capital da Província, que se localizava em Viamão, para a Freguesia de São Francisco dos Casais (Porto Alegre), em 1773. Segundo o autor, até 1795, todos os poderes já estavam representados em Porto Alegre: já havia o Palácio do Governo (ao lado da Igreja Matriz), a Casa da Junta e a Cadeia.

Para Monteiro (1995), em fins do século XVIII e início do século XIX, os “largos” eram espaços de reunião e de atualização das sociabilidades públicas: Largo da Quitanda, Largo dos Ferreiros, Largo do Pelourinho e Largo do Arsenal. Constituíam espaços polissêmicos que reforçavam os laços comunitários, onde o trabalho, as festas e a religiosidade popular se revezavam. A Praça da Matriz era um espaço de síntese, reunia os órgãos administrativos e as camadas médias, frequentadoras do Clube Bailante. Nesse clube, dançavam músicas populares, conta o autor. As elites frequentavam saraus ou realizavam recepções em casa, onde comia-se, bebia-se, cantava-se, ouviam-se recitais de música e declamava-se poesia. Os homens da classe popular marcavam presença nos botequins e tavernas, enquanto as mulheres dessa mesma classe restringiam-se ao trabalho, atuando como lavadeiras, quitandeiras, amas de leite, meretrizes e etc.

No Largo da Quitanda, depois da Praça da Alfândega, Monteiro (1995) afirma que se praticava o comércio, principalmente de amendoim, lenha, hortifrutigranjeiros, carnes e ovos. Em 1804 surgiu nesse ponto o primeiro trapiche para embarque e desembarque de mercadorias e pessoas. Em torno do Cais se reuniam comerciantes e quitadeiras com seus tabuleiros, a maior parte composta de negros, como narra o viajante francês Saint-Hilaire (1974).

Monteiro (1995) descreve o Largo dos Ferreiros, entre o Beco da Ópera (atual Rua Uruguai) e a Rua de Bragança (atual Marechal Floriano), afirmando que se tratava de um terreno plano e aberto à beira do Guaíba e que, nessa época, seguia o alinhamento do Caminho Novo, atual Voluntários da Pátria. Nas imediações estabeleciam-se oficinas para atender os comerciantes e as embarcações que atracavam no trapiche do Largo da Quitanda. Com a construção da Alfândega, no Largo da Quitanda, as quitadeiras foram transferidas para o Largo do Paraíso.

Em 1822, a capital é elevada à categoria de cidade. Segundo Saint-Hilaire (1974), Porto Alegre tornou-se, nesse período, porto de chegada dos artigos importados e ponto de partida para a exportação do couro, charque e outros produtos.

Em 1824, teve início a imigração alemã para São Leopoldo. Segundo Monteiro (1995), os imigrantes tinham que esperar o transporte de barco, difícil e demorado, de Porto Alegre, onde chegavam, para o seu lugar de destino. Dessa forma, começou a ocupação entre o porto e a desembocadura do Rio dos Sinos: o Arraial dos Navegantes. O autor conta que os arraiais eram também usados para recreação, pois neles se localizavam os hipódromos: Rio-Grandense (Menino Deus), Boa Vista (São Miguel), Independência (São Manuel) e o dos Navegantes. Surgem ainda o arraial da Glória e do Partenon (onde funcionava o Partenon Literário<sup>12</sup>).

Monteiro (1995) afirma que, da segunda metade do século XIX até a década de 1920, cresceu a influência da presença alemã na cidade com a prática de esportes como o ciclismo, o remo e o tiro, e valorizava-se o rio e os arraiais para passeios e piqueniques. A influência alemã também se fez presente no estilo arquitetônico dos prédios, estabelecimentos comerciais, novas empresas, e sociedades fundadas. Segundo o autor, entre 1913 e 1920 ocorre uma expansão da vida pública. Os antigos saraus e a Sociedade

---

<sup>12</sup> O Partenon Literário foi fundado em 1868 por jovens intelectuais rio-grandenses que foram porta-vozes da base inicial do regionalismo gaúcho, através de seus livros, das suas conferências e em artigos de jornais, com idéias liberais, nativistas e abolicionistas. Foi criado pelo médico e escritor José Antônio Caldre e Fião e pelo jovem Apolinário Porto Alegre. A sociedade foi extinta por volta de 1925.

Bailante são substituídos pela vida elegante da burguesia dos cafés, como o Colombo e o América, nas confeitarias, como a Rocco e a Central, e nos cinemas Avenida, Rio Branco, Odeon, Colombo, Garibaldi, Carlos Gomes, Talia, Palácio, Marabá, Central e Astor. Lugares de reunião igualmente importantes eram o Clube do Comércio, o Grande Hotel, os cassinos e os cabarés. Frequentá-los era sinônimo de distinção social.

Sobre as práticas sociais do século XIX ao século XX, Monteiro (2012) afirma que, no século XIX, os largos da área central eram os principais espaços de reunião e de sociabilidades públicas. Era onde se reforçavam laços comunitários, faziam-se festas populares e religiosas, além de ser local de trabalho. Nessas ocasiões, reunia-se quase toda a população de Porto Alegre, ricos e pobres, senhores livres e escravos.

Monteiro (2012) relata que o Largo da Matriz, hoje praça Marechal Deodoro, reunia a elite nos principais órgãos administrativos, as sociabilidades públicas ocorriam nos salões das casas da elite, nos saraus, onde se comia, bebia, cantava, tocava piano e declamava poesias. As camadas médias se reuniam na Sociedade Bailante, onde dançavam valsas, polcas, mazurcas e modinhas. Os populares se reuniam nas procissões e festas religiosas, que iniciavam diante da Igreja Matriz.

Em 1845, com o fim da Guerra dos Farrapos, a cidade começa a se expandir da ponta da península para as estradas e caminhos, originando os arraiais, segundo Monteiro (2012). Na zona sul, no Arraial da Tristeza, a elite construiu as suas casas de repouso e de veraneio.

Segundo Monteiro (2012), o Arraial do Partenon recebeu este nome por causa da Sociedade Partenon Literário, que reuniu a partir de 1868 a elite dos intelectuais locais, como Apolinário José Gomes Porto Alegre, Aquiles Porto Alegre e José Antônio do Vale Caldre e Fião. Além da divulgação literária, o Partenon Literário oferecia cursos noturnos para adultos, criou uma biblioteca com obras de Filosofia, História e Literatura e um museu.

Em 1890, Monteiro (2012) afirma que houve um aumento da população de Porto Alegre para 52 mil habitantes, tornando necessárias reformas urbanas, que transformaram o Centro em local de sociabilidade e conduta moral civilizada, devendo ser frequentado pela burguesia, enquanto os arrabaldes deviam ser habitados pelos proletários.

Conforme Monteiro (2012), no século XX, a rua dos Andradas, principal rua do Centro da cidade, contava com a presença de joalherias, lojas de tecidos finos, de luvas, de chapéus, de meias, de porcelanas, de charutos e também papelarias e livrarias. Políticos, funcionários públicos, jornalistas, artistas e intelectuais encontravam-se nos

cafés, bares, restaurantes, cinemas, teatros e livrarias da Rua da Praia e arredores no Centro de Porto Alegre. Foi no início desse século que as corridas de cavalo se tornaram populares. Macedo (1982) considera que as corridas de cavalo significaram à época o que o futebol passou a significar no final do século XX.

Para Monteiro (2012), o cinema era também uma das formas de sociabilidade que mais se expandia, movimentando a rua da Praia aos domingos, nas matinês. Um dos pioneiros do cinema em Porto Alegre foi Francisco Damasceno Ferreira, dono do Recreio Ideal, fundado em 1907 por Eduardo Hirtz. Mais tarde, Ferreira criou o cinema Avenida, localizado na rua da Ladeira.

Monteiro (2012) narra que, a partir de 1920, a cidade cresce e passa a ocupar um novo lugar no contexto nacional, tornando-se mais cosmopolita, mesmo mantendo os traços socioculturais locais. Grupos de intelectuais como jornalistas, artistas, músicos, historiadores e políticos se reuniam na Rua da Praia, a principal artéria do Centro da cidade, segundo Monteiro (2012). Famoso era o Café Colombo, que reunia esses intelectuais e permitia encontro de rapazes e moças das famílias de camadas médias e altas da sociedade local.

Era também na rua da Praia, segundo Monteiro (2012), que estavam localizados os bares frequentados pelos jornalistas e colaboradores do Correio do Povo e do Diário de Notícias, principais jornais locais. Após o expediente, dirigiam-se aos bares da região para tomar chope e ouviam música ao vivo.

As livrarias também eram muito frequentadas pelos intelectuais da época, conforme Monteiro (2012). Algumas livrarias eram especializadas em livros escolares, como a Selbach e a livraria João Mayer Filho, que atendiam os colégios Anchieta, Seigné e Bom Conselho. Foi a Livraria do Globo que reuniu os empresários do ramo editorial e jornalístico e as elites políticas locais, marcando o destino de toda uma geração de intelectuais entre 1930 e 1940.

Para Monteiro (2012), restaurantes, hotéis e pensões também eram espaços de sociabilidade em Porto Alegre. Os primeiros reuniam o público de intelectuais em torno da boa mesa, alguns eram especialistas em culinária alemã e outros em culinária italiana. Os hotéis hospedavam personalidades políticas, músicos e artistas de teatro de passagem pela cidade. Alguns disponibilizavam uma ala só para residentes, como o Hotel Magestic, onde moraram Mario Quintana e Érico Verissimo. As pensões recebiam os estudantes do interior do estado que vinham estudar nas melhores escolas da capital (Colégio Militar e

Júlio de Castilhos) e fazer os preparatórios para ingressar nas faculdades de Direito, Medicina ou Engenharia.

Monteiro (2012) afirma que a década de 50 foi marcada pela modernização dos hábitos e das formas de consumo. Nesse período, segundo o autor, começaram a aparecer as lojas de departamentos como o Varejo Bromberg e as Lojas Renner. As páginas das revistas e jornais anunciavam edifícios, carros, eletrodomésticos, roupas, produtos de higiene e beleza para o indivíduo moderno. As salas de cinema localizadas ao redor da praça da alfândega e seus letreiros de neon anunciavam filmes em cores com grandes estrelas de Hollywood, que difundiam novos hábitos de vida e de consumo nas telas.

A Feira do Livro de Porto Alegre, a criação do Museu de Arte do Estado do Rio Grande do Sul e a construção de novo Aeroporto Salgado Filho, além da ponte móvel do Guaíba, também aconteceram na década de 1950, conforme Monteiro (2012). No entanto, o desenvolvimento apresentava um lado negativo, aprofundando as diferenças entre as camadas sociais alta, média e popular e tornando visível o processo de segregação social entre áreas ricas e pobres da cidade, afirma o autor.

Ainda segundo Monteiro (2012), o problema das contradições sociais se agrava na década de 1960 quando acontece o êxodo do campo para a cidade. Cresce a periferia da cidade ao longo das principais avenidas (Farrapos, Assis Brasil, Protásio Alves e Bento Gonçalves, entre outras) e se expande aos municípios vizinhos causando a metropolização de Porto Alegre.

O cenário musical dos anos 60 foi marcado pela música popular brasileira (MPB). Em Porto Alegre, surgia uma nova geração de cantores e compositores nos programas de auditório da Rádio Gaúcha. Rodas de música eram promovidas pela Faculdade de Arquitetura da UFRGS. Muitos shows eram realizados no auditório Araújo Vianna, na Redenção, lançando novos talentos.

Na década de 70, teve fim a cultura urbana ligada às experiências sociais das elites e camadas médias nos cafés, confeitarias, bares e restaurantes do Centro de Porto Alegre. Foram criados os calçadões para pedestres nas ruas dos Andradas e Uruguai.

Na música, em 1977, firmava-se o intérprete gaúcho “Teixeirinha”, nome artístico de Vítor Mateus Teixeira, que conquistava o cenário nacional com a canção “Coração de Luto” (1966). Teixeira foi a primeira expressão de um certo estilo musical gauchesco a projetar-se no Rio Grande do Sul e no Brasil. Teixeira também atuou e produziu filmes em que cantava suas canções, como em “Gaúcho de Passo Fundo” e “Trapeiro Velho”, filmes de 1978.

É na década de 1970 que Porto Alegre se afasta do Guaíba, abandonando os balneários, antes muito frequentados pelas famílias nos fins de semana, da Tristeza, Pedra Redonda, Assunção e Ipanema. Monteiro (2012) afirma que esse afastamento se deu pelas denúncias de poluição das águas por esgoto doméstico e por resíduos químicos despejados por fábricas de sapatos e outras nos rios que deságuam no Guaíba. Os balneários da Zona Sul continuaram a ser frequentados apenas pelas camadas mais populares, já que nesse período, o governo facilitou a aquisição de imóveis e as camadas médias passaram a comprar casas nas praias do litoral Norte (Pinhal, Cidreira, Tramandaí, Imbé, Capão da Canoa, Atlântida, entre outras). O crédito também foi facilitado para a compra de automóveis, propiciando maior mobilidade à classe média em direção a essas praias.

A elite começa a se deslocar para os bairros, gerando nas atividades comerciais a necessidade de descentralização. Assim, inaugura-se o Shopping Center Iguatemi em 1983 e, posteriormente, o Shopping Praia de Belas, em 1991, fora do Centro da cidade. Como consequência, o Centro passou por um processo de esvaziamento e abandono, o que levou as administrações municipais seguintes a tomarem medidas de revitalização dessa área.

Na década de 1980, o bairro Bom Fim concentrava a vida noturna da cidade, nas margens e arredores da avenida Oswaldo Aranha. Destaca-se a presença do bar Ocidente, o qual lançou várias bandas de *rock* e *punk*, marcando a época de ouro da cultura jovem do período.

Eram tempos de auge para o *punk rock*, *new age* e *pop* e os adeptos desses ritmos se reuniam nos bares e discotecas ao longo da avenida Independência e rua 24 de Outubro, no Cabaré Voltaire, Amarelinho, Fim do Século, Crocodilos e 433. Este último marcou época com a explosão de grupos como Paralamas do Sucesso, Titãs, Legião Urbana, Barão Vermelho e RPM. Já na Crocodilos, destacava-se o *punk rock* dos Smiths, do Cure e o *rock* dos Rolling Stones.

Na década de 1990, a vida noturna passa do Bom Fim para a Cidade Baixa e para o bairro Moinhos de Vento. Por lá, todos os estilos musicais tinham espaço garantido, incluindo a música regionalista gaúcha. Os bares do Moinhos de Vento privilegiavam os bares temáticos e os restaurantes de cozinha internacional das ruas Fernando Gomes e Padre Chagas. Por lá se reúne uma clientela bastante seleta, pertencente à elite cultural (MONTEIRO, 2012).

Paralelamente à história da cidade contada por Monteiro (1995, 2012), o tradicionalismo gaúcho surgia e tentava se firmar na capital. Muitas vezes, coocorria e concorria com o estilo de vida mais cosmopolita de parte dos porto-alegrenses, mas mesmo assim veio a se firmar em termos identitários e ideológicos.

### 3.3 O SURGIMENTO DO TRADICIONALISMO EM PORTO ALEGRE: IDEOLOGIA E SIGNIFICADO SOCIAL

Milroy (2004) trata as atitudes linguísticas como manifestações de ideologias linguísticas construídas localmente, que interagem com restrições linguísticas internas para estruturar padrões de variação e trajetórias de mudança. Para a autora, ideologias podem ser definidas como conjunto de crenças completamente naturalizadas sobre a língua intersubjetivamente realizadas pelos membros das comunidades de fala. Uma abordagem integrativa das atitudes linguísticas e do uso da língua, como a de Woolard (2002), Silverstein (1979), Irvine (1989) e Gal (2016), trata as ideologias como modelos de processos semióticos que lhes dão sustentação e de que derivam os significados sociais.

Nessa abordagem, as ideologias de linguagem são definidas por Milroy (2004), como conjuntos de crenças sobre a linguagem articuladas pelos usuários quanto à racionalização ou justificação da estrutura ou uso da linguagem percebida. Milroy (2004), assim como Irvine (1989), também as define como o sistema cultural de ideias sobre relações sociais e linguísticas, junto com o conteúdo de interesses morais e políticos. Para ambas, as ideologias fornecem subsídios para a compreensão cotidiana do significado social da língua, desempenhando importante papel na definição de grupos sociais e de nações inteiras. As ideologias envolvem crenças sobre variação da língua e sobre os usuários da língua, bem como envolvem a criação de linhagens e histórias para línguas padrão nacionais que surgem dessas crenças.

A ideologia que resultou na mitificação e incorporação do gaúcho à temática literária foi, para Golin (1983), a “ideologia de dominação”. Segundo o autor, foi a partir da Guerra do Paraguai que o Rio Grande do Sul passou a ter uma “estruturação organizacional de intelectuais”, especialmente a partir da metade do século XIX, quando a intelectualidade passou a ter importante papel na luta de classes. Nesse ponto, a terra já havia sido conquistada e surgiu a “necessidade de acomodamento e justificativas de

mundo às ideias e às concepções do universo social dos latifundiários” (GOLIN, 1983, p. 21).

Foi fundado, então, em 18 de junho de 1868, o Partenon Literário. Essa sociedade, que trazia entre os principais membros Apolinário Porto Alegre e Caldre Fião<sup>13</sup>, se caracterizou como base intelectual ideologicamente dominante. Os homens do Partenon Literário eram de classe baixa e buscavam ascensão social através de sua arte.

Os artistas obtinham certo reconhecimento e prestígio ao atuarem como multiplicadores das crenças e ideias da oligarquia. Para Golin (1983), foi através do discurso, absorvendo a linguagem popular, que os intelectuais do Partenon Literário conseguiram efetivar o “transplante ideológico” à totalidade da população. Desse processo, destaca o autor, surgiram as condições propícias para, anos mais tarde, ser criado o Movimento Tradicionalista.

Golin (1983) afirma que o nascimento do tradicionalismo se deu na República Velha, no primeiro mandato de Borges de Medeiros como presidente do Rio Grande do Sul. Não houve, segundo o autor, do regime anterior para o regime republicano, uma alternância de classe no poder, assim como no âmbito cultural não houve substituição de símbolos, ídolos, vultos patrióticos, da Colônia ou do Império por novos heróis republicanos. Esses fatores levam a crer que a luta pela conquista do aparelho do estado se deu somente no seio da classe dominante.

Golin (1983) explica que:

os meios de produção, historicamente, se circunscrevem na permanência da estância, donde decorre todo o misticismo social de conteúdo latifundiário, e a eternização do poder com a grande propriedade. O passado passou a ser uma espécie de testemunha incisiva, que guarda em suas furnas marcos inatacáveis. E os mitos, as lendas que vêm dessa nebulosa memória histórico-social, desempenham um papel fundamentalmente alienador no cotidiano da sociedade. É por essa razão – e não só por essa – que jamais partiu da historiografia oficial a iniciativa de destruir qualquer mito, seja do ponto de vista político ou moral. Como esses heróis são genericamente da classe dominante, aquela fração que sobe ao poder, independentemente do regime político, incumbe-se de acender as luzes que resplandecem os “vultos” a ela correspondentes. (GOLIN, 1983, p. 29-30)

As palavras de Golin (1983) ratificam a ideia de Milroy (2002) e Woolard (2002) de que a dimensão histórica é crucial para uma compreensão de como as ideologias

---

<sup>13</sup> Apolinário Porto Alegre foi membro-fundador do Partenon Literário (1868), do Centro de Literatura de Porto Alegre e da Academia Rio-Grandense de Letras. Nasceu em 1844 em Porto Alegre e morreu na mesma cidade em 1904. O médico e escritor José Antônio do Vale Caldre e Fião foi presidente honorário do Partenon Literário. Nasceu em 1824 em Porto Alegre e faleceu em 1876.

funcionam: elas são historicamente arraigadas e completamente naturalizadas – daí sua resistência a análises e revisões pautadas por argumentos racionais. Os tradicionalistas da primeira fase pertenciam à classe dominante. Mesmo tendo essa elite dominante passado por um processo de clivagem, não houve alterações no comportamento dos cultivadores da tradição, apesar de os clubes serem integrados por componentes das suas frações. Nesse sentido, as atividades culturais dos clubes passam a ser um importante trabalho ideológico. Houve então uma supervalorização do passado, especialmente do que representava a parte latifundiária, que era hegemônica. Todas as coisas que estavam relacionadas à estância eram acessórios fundamentais para a sociedade rio-grandense. Essa apologia incluiu o cavalo, o homem da estância, o laço, a boleadeira, o arreo, entre outros.

Foi esse trabalho ideológico, visando a inculcar o tradicionalismo, que gerou o discurso de defesa das chamadas “tradições” por parte dos porto-alegrenses, como o discurso do informante 45 do LínguaPOA, o qual afirma que não se deve mexer com as tradições:

Eu acho que o movimento Farroupilha, os desfiles, essas manifestações são todas absolutamente válidas e necessárias... por mais que as pessoas briguem e reclamem, eu acho que nós temos que ter uma identidade cultural. Eu acho que não é um grupinho ou outro que vai impor – ah mas isso não pode! – a tradição é isso. [...] O que mantém o povo unido e coeso é a tradição. Pode até ficar reduzido lá no futuro a um grupo de 500 pessoas, mas o importante é que eles sejam tradicionais. [...] Esquece o tradicional, deixa o tradicional em paz, não mexe com a tradição. Seja para manter-se o hábito ou como registro de como já foi mas em qualquer um desses sentidos tem que manter. [...] Não vou. Admiro, aplaudo, mas não vou. Não vou por comodidade... ah tu vai lá para voltar com o sapato todo embarrado, não sei o quê, cheirando a fumaça. (Informante 45, LínguaPOA).

O trabalho desenvolvido através do discurso no Partenon Literário gerou um modelo cultural que envolvia ideias e propósitos dos homens das classes dominantes, especialmente dos estancieiros. Um dos assuntos mais abordados nos textos do Partenon foi o da abolição. Nos poemas abolicionistas, pregava-se que a liberdade nunca é conquistada, mas sim concedida. É o que se lê no poema Gambila, de Apolinário Porto Alegre, em que os farrapos libertam o escravo. O escravo sonha com a liberdade e a vê representada na natureza, especialmente no cavalo (ZILBERMANN, 1980).

O estilo (ou registro) é um processo meta-semiótico pelo qual se constrói o modelo cultural, de modo que as associações indexadas de um falante típico, ocasião, variedade de fala, e valores são reconhecidos por alguns usuários da língua (SILVERSTEIN, 2003).

Dessa forma, o escravo (como parte das classes mais baixas da população) passava a reconhecer esse estilo elaborado pelos integrantes das classes dominantes como típico.

Tanto escravos quanto os integrantes do Partenon Literário buscavam (conscientemente ou não) ascensão social. Bourdieu (2015) explica que as lutas por distinção ocorrem no espaço social, ou seja, as classes sociais são sustentadas pelo *habitus* que funciona como um potente fator de reprodução social, se diferenciando, assim, umas das outras. O gosto (reproduzido pelo *habitus*) é a propensão e a aptidão para a apropriação de certas classes de objetos ou de práticas. Essa apropriação supõe disposições e competências que não são universais. O que leva os membros das classes a gostarem e consumirem determinados produtos e adotarem certas práticas é o *habitus*, que gera e reforça gostos e hábitos de consumo pautados pela distinção.

As disposições de uma determinada classe social, em uma determinada posição, estão sempre relacionadas às outras classes, a outras posições. Assim, a intenção de consumo de cada classe está baseada nos hábitos de consumo das outras classes, por exemplo, a classe B, com intenção de parecer, (de ser-para-o-outro) tende a consumir produtos e cultivar práticas que a aproximem da classe A e a diferencie das classes mais baixas, que consomem com base na necessidade. Todas as escolhas estão associadas a uma posição distinta, portanto, afetadas por um valor distintivo que, segundo Bourdieu (2015), ocorre até mesmo sem qualquer intenção de distinção. Quando intencional, os membros das classes buscam se distinguir do grupo imediatamente inferior e se identificar com o grupo da posição imediatamente superior.

Em Porto Alegre, atualmente, os estilos de vida das classes mais altas são compostos por gostos e hábitos diferentes dos que se faziam presentes durante a República Velha. O estancieiro não é, necessariamente, o detentor do poder na capital. Ele não representa mais o objetivo a ser alcançado. Embora o estancieiro tenha estado em evidência no período denominado por Barbosa Lessa<sup>14</sup> como Gauchismo Cívico (anos 1890), o tradicionalismo passou por um período de grande desprestígio (a partir de 1937) ao longo da vigência do Estado Novo de Getúlio Vargas<sup>15</sup>, que pregava a centralização e o nacionalismo, ofuscando ao mesmo tempo o prestígio do estancieiro na capital. Para

---

<sup>14</sup> Barbosa Lessa foi folclorista, escritor, historiador, músico e advogado. Nasceu em 1929 e faleceu em 2002. Assim como o amigo Paixão Côrtes, foi um grande incentivador e pesquisador das tradições gaúchas. Fonte: <http://www.paginadogaicho.com.br/barbosalessa/bio.htm>. Acesso em: 24 jul. 2019.

<sup>15</sup> Estado Novo foi o regime político brasileiro instaurado por Getúlio Vargas em 10 de novembro de 1937, que vigorou até 31 de janeiro de 1946. Era caracterizado pela centralização do poder, nacionalismo, anticomunismo e por seu autoritarismo. É parte do período da história do Brasil conhecido como Era Vargas. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Estado\\_Novo\\_\(Brasil\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Estado_Novo_(Brasil)). Acesso em: 28 jul. 2019.

Barbosa Lessa, Porto Alegre voltava-se para a cultura “importada” e jamais seria propícia ao desenvolvimento de clubes como o Grêmio Gaúcho, de Cezimbra Jacques<sup>16</sup>.

Como reação, Paixão Côrtes liderou um movimento de resistência com a intenção de legitimar as práticas nativistas que vinham sendo rejeitadas em Porto Alegre. Em 1947, fundou o Departamento de Tradições Gaúchas do Grêmio Estudantil Júlio de Castilhos. Por ocasião da semana da pátria, Paixão Côrtes formou o Grupo dos Oito. Nascia o Piquete da Tradição, que realizou a cavalgada cívico-gaúchesca, acompanhando os restos mortais de David Canabarro, em 5 de setembro de 1947, abrindo caminho para uma nova tropeada ao culto das tradições do Rio Grande do Sul.

Para finalizar esta seção e também o capítulo, voltemos à questão da variação linguística, identidade (investigada aqui como estilo de *persona*) e significados sociais na comunidade de fala de Porto Alegre. Práticas estilísticas envolvem adaptação de variáveis linguísticas disponíveis para a construção de significado social no nível local. Assim se firmaram os CTGs na capital do Estado do Rio Grande do Sul, com o propósito de reunir os seguidores de Paixão Côrtes, os quais não só simpatizavam com o tradicionalismo, como buscavam o seu reconhecimento e manutenção em Porto Alegre. Essa comunidade de prática estabeleceu o seu lugar e a sua posição na capital ao adotar um estilo próprio e adquirir significado social em uma cidade que tem todas as características desfavorecedoras para a aceitação e para a manutenção do tradicionalismo gaúcho. Porto Alegre, segundo Monteiro (2012), sempre foi urbana. Segundo Savaris (2016), sociedades que investiam no culto às tradições do Rio Grande do Sul em Porto Alegre, como o Grêmio Gaúcho, de João Cezimbra Jacques, sofreram muita resistência durante a implantação, tendo levado Jacques a se exilar no Rio de Janeiro. O autor afirma que Barbosa Lessa considerava Porto Alegre “uma bastilha da cultura importada e jamais seria propícia ao desenvolvimento de entidades como as preconizadas por Cezimbra Jacques”. (SAVARIS, 2016, p. 2). Barbosa Lessa afirma que o interesse pela cultura tradicionalista se renova a cada trinta anos – 1890, 1920, 1950 (1947 em diante), 1980 (SAVARIS, 2016).

Embora se renove, o movimento parece não fazer parte das práticas diárias dos porto-alegrenses, fator que pode estar relacionado à diminuição da produção de vibrante

---

<sup>16</sup> Cezimbra, professor e militar, foi agraciado com o título de Patrono do Tradicionalismo Gaúcho, resolução tomada em Congresso Tradicionalista Gaúcho efetivado na cidade de Rosário do Sul em 1976. Escreveu obras sobre os costumes do Rio Grande do Sul, como *Ensaio Sobre os Costumes do RS* (1883) e *Assuntos do RS* (1912). Fonte: <http://www.paginadogaicho.com.br/pers/jcj.htm> Acesso em: 28 jul. 2019.

alveolar múltipla em Porto Alegre (RS). É o que se pretende investigar nesta tese, adotando a metodologia detalhada no próximo capítulo.

## 4 METODOLOGIA

A presente tese sustenta-se essencialmente na Teoria da Variação (LABOV, 2008) e na ideia de variação como prática social (ECKERT, 2000). Descreve-se, neste capítulo, a metodologia da pesquisa, a qual envolve quatro etapas: (a) uma etapa de análise sociolinguística quantitativa (seção 4.1) dos dados de produção de fala, para captar o padrão de realização de /r/ em *onset* silábico; (b) uma etapa qualitativa (seção 4.2), que abrange uma análise de forma e conteúdo de áudio e vídeo de intérpretes da música gaúcha e uma análise do conteúdo das entrevistas sociolinguísticas do LínguaPOA; (c) uma etapa etnográfica (seção 4.3), com observação e entrevistas em um CTG de Porto Alegre; e (d) uma etapa de análise de percepção e avaliação dos porto-alegrenses em relação à realização de /r/ como vibrante múltipla alveolar em *onset* silábico (seção 4.4).

### 4.1 ETAPA QUANTITATIVA: ANÁLISE DE REGRA VARIÁVEL

Investiga-se a realização de /r/ em *onset* silábico em Porto Alegre adotando-se como variável resposta a realização vibrante múltipla alveolar. Dessa forma, considera-se a vibrante múltipla como aplicação da regra e a fricativa como não aplicação.

Realiza-se a Análise de Regra Variável (CEDERGREN; SANKOFF, 1974) com o programa R (R CORE TEAM, 2018), na plataforma RStudio, para a obtenção de resultados quantitativos que revelem a proporção total de aplicação de vibrante múltipla alveolar [r] em *onset* silábico em Porto Alegre e os condicionadores linguísticos e extralinguísticos da variável em questão. A hipótese é a de que a realização de /r/ como vibrante alveolar múltipla em *onset* silábico diminuiu em Porto Alegre no período de 1990 a 2016-2018, fazendo jus à tendência apontada na literatura (ver capítulo 2, seção 2.3). Realizam-se análises quantitativas em tempo real e em tempo aparente (LABOV, 1994). A primeira proporciona a comparação entre dados retirados de entrevistas sociolinguísticas de informantes de mesmo perfil em diferentes períodos de tempo, nesse caso, da década de 1990 (VARSUL) e atuais (LínguaPOA). A segunda se faz com dados retirados de entrevistas sociolinguísticas atuais (LínguaPOA) comparando os resultados obtidos nas diferentes faixas etárias dos informantes.

Foram controladas variáveis independentes (variáveis previsoras) linguísticas e extralinguísticas (ou sociais). As variáveis linguísticas, bem como os fatores que as

compõem e seus exemplos, são apresentadas no Quadro 2. As variáveis extralinguísticas ou sociais são apresentadas no Quadro 3.

Quadro 2 – Variáveis linguísticas com fatores e exemplos

<b>Variáveis linguísticas</b>
<u>Tonicidade da sílaba</u> Tônica: <i>rua, arroz</i> Pretônica: <i>reforma, ferramentas</i> Postônica: <i>bairro, carro</i>
<u>Posição da sílaba na palavra</u> Inicial: <i>rua, resto</i> Medial: <i>churrasco, arroz</i>
<u>Número de sílabas na palavra</u> Monossílabas: <i>rã, ré</i> Dissílabas: <i>rua, erro</i> Trissílabas: <i>reforma, garrafa</i> Polissílabas: <i>reportagem, farroupilha</i>

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 3 – Variáveis extralinguísticas e seus fatores

<b>Variáveis extralinguísticas</b>
<u>Sexo/Gênero</u> Feminino Masculino
<u>Faixa Etária</u> 20-39 anos 40-59 anos 60 anos ou mais

Fonte: Elaborado pela autora.

A seguir, apresentam-se as hipóteses testadas com o controle das variáveis dos Quadros 2 e 3.

#### 4.1.1 Variáveis linguísticas

Tonicidade da sílaba: a hipótese é de que essa variável não se apresente como relevante na análise, conforme os resultados encontrados por Monaretto (1997, p. 97): “o acento não exerce papel algum quanto às variantes anterior e posterior, não selecionadas pelo programa”.

Posição da sílaba na palavra: a hipótese é a de que a posição medial seja favorecedora da aplicação de vibrante múltipla alveolar, conforme os resultados encontrados por Monaretto (1997).

Número de sílabas na palavra: considerando a hipótese de que a posição medial se apresenta como favorecedora, a hipótese aventada para o número de sílabas na palavra é de que as palavras polissílabas favorecem a realização vibrante múltipla alveolar.

#### 4.1.2 Variáveis extralinguísticas

Gênero: partimos da hipótese de que os homens realizam mais a vibrante múltipla alveolar do que as mulheres, as quais se orientam para a variante inovadora em processos de mudança em progresso (LABOV 2008).

Faixa Etária: considerando a revisão de literatura, as formas fricativas vêm sendo mais utilizadas pelo grupo etário mais jovem, portanto espera-se que a faixa etária mais avançada (60 anos ou mais anos) realize a vibrante múltipla alveolar em maior proporção.

Para a análise em tempo real, foram levantados 1.095 contextos extraídos de 12 entrevistas sociolinguísticas do VARSUL e 1.452 contextos retirados de 12 entrevistas do LínguaPOA, estratificadas conforme os critérios nos Quadros 4 e 5 e selecionadas de forma aleatória. A estratificação por idade não é a mesma nos dois bancos de dados utilizados, portanto foi necessário adaptar a estratificação do VARSUL, que se divide em 25 a 50 anos e mais de 50 anos de idade, à estratificação do LínguaPOA, a mesma adotada nesta pesquisa.

Quadro 4 – Informantes VARSUL – Tempo Real

VARSUL			
Gênero Masculino		Gênero Feminino	
Faixa Etária	Nº informante	Faixa Etária	Nº informante
20-39 anos	11 e 15	20-39 anos	08 e 12
40-59 anos	01 e 03	40-59 anos	02 e 05
60 anos ou mais	07 e 18	60 anos ou mais	16 e 24

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 5 – Informantes LínguaPOA – Tempo Real

LínguaPOA			
Gênero Masculino		Gênero Feminino	
Faixa Etária	Nº informante	Faixa Etária	Nº informante
20-39 anos	93 e 111	20-39 anos	06 e 60
40-59 anos	63 e 81	40-59 anos	30 e 120
60 anos ou mais	15 e 69	60 anos ou mais	90 e 126

Fonte: Elaborado pela autora.

Para a análise em tempo aparente, foram levantados 5.231 contextos extraídos de 48 entrevistas do LínguaPOA, banco de dados que segue os critérios de estratificação a seguir:

- 4 zonas: Centro, Sul, Leste e Norte
- 2 bairros por zona: um de renda alta e um de renda baixa<sup>17</sup>
- 3 grupos etários: 20-39 anos, 40-59 anos e 60 anos ou mais
- 3 níveis de escolaridade: fundamental, médio e superior
- 2 gêneros: masculino e feminino

O Quadro 6 informa a estratificação da amostra aleatória utilizada nesta pesquisa, seguindo a estratificação do LínguaPOA.

Quadro 6 – Informantes LínguaPOA – Tempo Aparente

LínguaPOA			
Gênero Masculino		Gênero Feminino	
Faixa Etária	Nº informante	Faixa Etária	Nº informante
20-39 anos	03, 21, 39, 57, 93, 74, 129, 111	20-39 anos	06, 24, 60, 41, 78, 95, 131, 132
40-59 anos	09, 27, 63, 45, 81, 97, 117, 135	40-59 anos	30, 10, 66, 65, 83, 102, 120, 138
60 anos ou mais	15, 33, 69, 50, 86, 104, 141, 122	60 anos ou mais	18, 35, 54, 72, 90, 106, 126, 125

Fonte: Elaborado pela autora.

#### 4.1.3 Análise quantitativa

Inicialmente, realiza-se uma análise de distribuição dos dados (estatística descritiva), com realização de teste de qui-quadrado de Pearson, para verificar se há diferenças significativas entre os fatores considerados em cada variável. O valor de qui-quadrado, segundo Oushiro (2017), é a medida da diferença entre os valores observados e esperados em uma distribuição. Para a autora, quanto mais próximos de zero, mais os valores observados se aproximam dos valores esperados. O valor de significância é a probabilidade de se observar determinada distribuição em caso de a hipótese nula ser verdadeira. Essa hipótese, segundo Guy e Zilles (2007, p. 86), “sempre afirma que nada está acontecendo, que a fonte de distribuição é normal, que as variáveis independentes não influenciam as variáveis dependentes, etc”.

<sup>17</sup> Os bairros foram estratificados por renda média mensal em salários mínimos, cf. ObservaPoa ([www.observapoa.com.br](http://www.observapoa.com.br)). Acesso em: 14 abr. 2020.

Nessa etapa, importa o princípio da contabilidade (LABOV, 2008) para compreender e descrever o padrão de variação, pois garante que se estabeleça a relação entre a quantidade de dados em que a variável é aplicada e a quantidade total de dados da amostra. Sabe-se também a quantidade de dados em que a variável não foi produzida (não-aplicação). A quantidade total de dados (ou totais marginais), segundo Guy e Zilles (2007), é necessária para a realização do teste de qui-quadrado.

Conhecendo a distribuição dos dados e os valores de qui-quadrado e de  $p$ , parte-se para uma análise multivariada para verificar como os grupos de fatores interagem entre si. Guy e Zilles (2007, p. 34) explicam que uma análise multivariada “computa o efeito de uma variável independente e controla explicitamente o efeito de todas as outras variáveis independentes conhecidas”. Os autores consideram a análise multivariada “uma tentativa de modelar os dados como uma função de várias forças simultâneas, interseccionadas e independentes, que podem agir em diferentes direções” (GUY e ZILLES, 2007, p. 34). Para eles, um dos produtos da análise é uma medida numérica do peso e da “direção” (favorável ou desfavorável) de cada força.

Segundo Tagliamonte (2007), a Análise de Regra Variável é um tipo de análise multivariada amplamente utilizada em estudos de variação linguística. A autora explica que as regras variáveis são modelamento probabilístico e o tratamento estatístico de escolhas discretas e seu condicionamento. Por meio dessa análise se obtém a proporção total de aplicação de vibrante alveolar múltipla em *onset* silábico em Porto Alegre e se conhecem os fatores que condicionam essa realização. A Análise de Regra Variável possibilita, portanto, a descrição de padrões de variação.

Realiza-se a análise estatística de regressão logística, modelo linear geral com efeitos mistos, com o R (R CORE TEAM, 2018) usando a função `glmer` do pacote `lme4`. Os modelos de efeitos mistos incluem tanto variáveis aleatórias quanto variáveis fixas. No caso da presente pesquisa, as variáveis aleatórias são Informante e Item Lexical, e as variáveis fixas são Gênero, Faixa Etária, Tonicidade da Sílabas, Número de Sílabas e Posição da Sílabas na Palavra. Conforme Oushiro (2017), o principal resultado a ser checado num modelo de efeitos mistos é se os mesmos efeitos fixos continuam sendo relevantes após a inclusão de variáveis aleatórias. São incluídas nessa rodada as variáveis fixas que obtêm resultados no teste de qui-quadrado de Pearson.

Realizam-se também análises qualitativas para identificar as identidades sociais que se constituem com a realização de vibrante múltipla alveolar em *onset* silábico em Porto Alegre. Essas análises serão detalhadas a seguir, no item 4.2

## 4.2 ETAPA QUALITATIVA

A etapa qualitativa é baseada na ideia de Coupland (2001) de que estilos dialetais são lidos no contexto discursivo das trocas linguísticas. Essa leitura é um aspecto central da produção e recepção linguística. Segundo o autor, é na recepção de um dialeto que se negocia a avaliação de uma *persona* projetada pelo falante, relativa à contextualização do local da fala, mas também relativa a experiências pessoais dos ouvintes e expectativas normativas.

Por essa razão a metodologia da investigação realizada nesta tese é composta também pela análise qualitativa, considerando-se que a realização de /r/ como vibrante múltipla alveolar seja mobilizada pelos falantes na construção de um estilo de *persona* gaúcha. A análise qualitativa se desdobra em:

a) Análise de elementos como características fonológicas e lexicais, vestimentas e indumentárias, postura corporal e letras de música, de dois reconhecidos intérpretes da música tradicionalista gaúcha, Neto Fagundes e Berenice Azambuja<sup>18</sup>. Serão analisados dois tipos de situações discursivas para cada intérprete: cantando e dando entrevista. Os áudios e vídeos estão disponíveis no YouTube.

O primeiro vídeo é de 1990, quando Neto Fagundes canta *Louco por Chamamé*, no 10º Festival da Música Crioula de Santiago (RS)<sup>19</sup>. No segundo, Neto Fagundes canta *Origens* no evento Concertos Populares com Orquestra, em 2015<sup>20</sup>. O terceiro vídeo é de um depoimento dado por Neto Fagundes à Rádio Gaúcha, em 2016, sobre a morte do tio, Nico Fagundes<sup>21</sup>. O quarto vídeo é de Berenice Azambuja, interpretando *É Disso que o Velho Gosta*, em um programa de televisão, em 1997<sup>22</sup>. No quinto vídeo, Berenice Azambuja é recebida por Jô Soares, em 1990, no programa de televisão Jô Soares Onze

---

<sup>18</sup> Neto Fagundes é membro da família Fagundes, muito conhecida no cenário da música tradicionalista gaúcha. Filho de Bagre Fagundes, autor do famoso Canto Alegretense, e de Marlene Fagundes. Nasceu em Alegrete, em 1963. Passou a dedicar-se exclusivamente à música em 1982. Em 1991 lançou seu primeiro disco, *Gauchosco e Brasileiro*. Hoje, apresenta o *Galpão Crioulo*, programa musical veiculado pela RBS TV, e faz participações no programa de rádio *Pretinho Básico*, da mesma emissora, em que conta piadas do "Nego Veio". Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Neto\\_Fagundes](https://pt.wikipedia.org/wiki/Neto_Fagundes). Acesso em: 07 jul. 2018. Berenice Azambuja é cantora, compositora e instrumentista brasileira de música tradicionalista gaúcha, nascida em Porto Alegre em 21 de março de 1952. Seu maior sucesso é a canção *É Disso Que o Velho Gosta*, que compôs com Gildo Campos. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Berenice\\_Azambuja](https://pt.wikipedia.org/wiki/Berenice_Azambuja). Acesso em: 07 jul. 2018.

<sup>19</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sdegOfkEN9A>. Acesso em: 06 jul. 2018.

<sup>20</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MYRIggcUiBI>. Acesso em: 06 jul. 2018.

<sup>21</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UG9S2VzE0GI>. Acesso em: 06 jul. 2018.

<sup>22</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hncjqIIhfEw>. Acesso em: 06 jul. 2018.

e Meia<sup>23</sup>. O sexto vídeo é de uma entrevista mais atual, publicada em 2016, em que Berenice fala ao Programa *De Bem com a Vida*, do Paraná<sup>24</sup>. O sétimo e último vídeo analisado é de um show ao vivo de Berenice Azambuja no Villa Country, em São Paulo, em 2006<sup>25</sup>.

Conforme Schilling-Estes (2004), a negociação de identidades regionais e étnicas se dá com base no tópico, mas não somente nele. A autora afirma que é preciso considerar também como as atitudes dos falantes orientam seus tópicos e como essas atitudes orientam um ao outro na entrevista. É o que pretendemos ao analisar as entrevistas com os intérpretes da música gaúcha e que está bastante claro, especialmente na entrevista de Jô Soares com a cantora Berenice Azambuja, na década de 1990, no programa de televisão Jô Soares Onze e Meia.

Tomaremos a análise de Coupland (2001) e a de Shilling-Estes (2004) como modelos para a realização do item (a) da análise qualitativa, buscando identificar se há diferenças na pronúncia dos intérpretes da música tradicionalista gaúcha de variáveis como a vibrante múltipla alveolar (foco desta pesquisa), a (não) palatalização das oclusivas alveolares e a (não) vocalização da lateral, além de observar o vocabulário, as roupas, a postura e as atitudes entre a performance em palco e a fala em entrevistas.

b) Análise de conteúdo das entrevistas sociolinguísticas do LínguaPOA, com o intuito de verificar qual o grau de envolvimento dos informantes com a “cultura tradicionalista gaúcha”, ou seja, o quanto os informantes se reconhecem como “gaúchos” e praticam o tradicionalismo no cotidiano, considerando a forma como a *persona* do gaúcho é explorada pelos meios de comunicação de massa.

Além das perguntas gerais sobre lazer, costumes antigos, trabalho, cidade, família, entre outros, o roteiro de entrevista do LínguaPOA (Anexo 1) contém algumas perguntas sobre comportamento que levam o informante a falar sobre o seu envolvimento com o tradicionalismo gaúcho e sobre considerar ou não certos eventos como válidos enquanto manifestação cultural: “O que achas de eventos como o ‘acampamento farroupilha’ e o movimento separatista<sup>26</sup> ‘o Sul é meu país’, tu participas? Sabes de alguém que participe?”

<sup>23</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jKoInyYoDiI>. Acesso em: 06 jul. 2018.

<sup>24</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=TvqZYNfQuJ0&index=22&t=0s&list=PL-XUzSxWOREEt79dz\\_rc7WeARBIgW6G](https://www.youtube.com/watch?v=TvqZYNfQuJ0&index=22&t=0s&list=PL-XUzSxWOREEt79dz_rc7WeARBIgW6G). Acesso em: 07 jul. 2018.

<sup>25</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EYnLamliaD0>. Acesso em: 07 jul. 2018.

<sup>26</sup> O movimento separatista defende que os estados do Sul do Brasil se tornem um país independente. Esse movimento ganhou destaque nacional na década de 1990 a partir das ideias de Irton Marx, autor do livro *Vai Nascer um Novo País: República do Pampa. O Movimento Tradicionalista Gaúcho não compactua dessa ideia*. Fonte: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2014/07/por-que-o-separatismo-permanece-vivo-no-estado-4543932.html>. Acesso em: 22 abr. 2020.

O que te chama atenção nesses eventos e movimentos? São válidos como cultura ou como manifestação?”

Na realização do item (b) da análise qualitativa, buscamos identificar os níveis de aceitação e participação dos informantes do LínguaPOA no cenário tradicionalista gaúcho, construído com base no sistema semiótico que envolve também características dialetais, observando o que Jaffe (2016) denomina *stance*, ou seja, o ponto de vista ou a postura das pessoas entrevistadas sobre a “cultura tradicionalista”.

#### 4.3 OBSERVAÇÃO E ENTREVISTAS NA COMUNIDADE DE PRÁTICA

A metodologia escolhida para a realização dessa etapa é baseada na ideia de Gore, *et al.* (2012), que defendem abordagens reflexivas, ou seja, que “reconhecem a situação da produção do conhecimento antropológico não apenas no encontro etnográfico construído dialogicamente como processo de co-construção, mas também em sua contextualização” (GORE *et al.* 2012, p. 127). Os autores dizem que, ao realizar uma prática, os atores mobilizam conhecimento. Esse conhecimento pode não estar totalmente claro nem para o ator, nem para o pesquisador – é um conhecimento tácito. Mas que conhecimento é esse e como ele se constitui durante as práticas? Os autores defendem que o pesquisador tem de acessar esse conhecimento e saber como ele se constitui, mas que isso gera questões metodológicas, já que o conhecimento não pode ser observado nem explicitamente formulado.

Gore *et al.* (2012) sugerem, citando Grasseni (2008, p. 152), que a participação periférica ou totalmente reflexiva pode habilitar o pesquisador “a compartilhar a mesma experiência vivida de uma ‘posição adjacente’. Essa posição, segundo os autores, permite que o pesquisador acesse os atores ‘na primeira pessoa’, o que consideram crucial para compreender ‘a cognição corporificada’”, ou seja, o conhecimento sendo posto em prática. Na técnica da entrevista de explicitação, o ator (o entrevistado) faz um esforço de reflexão e pode explicitar sua experiência implícita. O pesquisador guia o foco da entrevista de acordo com o seu objeto de estudo, enquanto o entrevistado escolhe os momentos salientes e significativos de sua atividade e cria a estrutura da narrativa.

Na pesquisa desta tese, tanto a observação quanto as entrevistas ocorrem no CTG Tiarayú, localizado em Porto Alegre, 1ª região tradicionalista (1ª RT), na rua Abílio Muller, bairro Jardim Itú. Essa etapa foi realizada durante o mês de março de 2020. Foram

observados dois ensaios durante 1 hora e 30 minutos (08 de março e 15 de março) e foram entrevistados 4 membros do CTG.

Nesta tese optamos por unir a entrevista de explicitação com a observação não participante, já que a observação participante é considerada por Gore *et al.* (2012) como inapropriada para o estudo do conhecimento prático. A entrevista de explicitação pode complementar a observação, já que a observação promove uma visão mais ampla, em que se podem ver os atores sociais envolvidos em uma atividade, mas apenas a observação não permite saber o que os atores sociais estão realmente fazendo, como se dão as práticas sociais em diferentes atividades. Por isso, a entrevista de explicitação surge, segundo Gore *et al.* (2012), para desvendar o conhecimento tácito, considerando que toda experiência ou ação é autônoma, no sentido de pré-reflexiva, baseada em conhecimento implícito.

A técnica da entrevista de explicitação requer que o entrevistador guie o entrevistado em direção à verbalização descritiva da experiência vivida na ação, que é fortemente ligada a outras dimensões de experiência vivida, nomeando emoções, sentidos e pensamentos. Com uma questão aberta, o ator social pode discorrer sobre um contexto escolhido pelo pesquisador, até que ele tenha certeza de que um momento específico foi encontrado e que o entrevistado esteja revivendo esse momento, mostrando o que Vermesch (2009) denomina “posição incorporada no discurso”. Cabe aqui destacar que esse momento nos remeterá – no presente trabalho, durante as entrevistas no CTG – ao conceito de *stance* (JAFFE, 2016), possibilitando identificar a postura que emerge na construção do estilo gaúcho, tanto na prática quanto no discurso reflexivo do entrevistado. A premissa dessa técnica é que toda a ação é feita de operações de identificação e execução, sequencialmente organizadas. A informação obtida pelo entrevistador é, frequentemente, muito breve, portanto é necessário que ele fragmente essa informação usando uma técnica de orientação muito específica e uma série de pistas que ecoam as palavras do entrevistado. Tais pistas podem ser: “*O que você está fazendo quando...?*”, “*Como você sabe que...?*”, “*Como você gerencia isto?*”, “*O que acontece quando você...?*”, “*Como isso soa?*” Essas pistas focam na estrutura, nunca no conteúdo, e permitem perguntar sem induzir respostas.

Na pesquisa desta tese, se entrevistam os participantes do CTG após os ensaios, partindo-se de uma pergunta ampla e generalizada e, aos poucos, por meio das perguntas-chave que funcionam como pistas, se alcança um nível de detalhamento suficiente para

compreender como o estilo gaúcho se constrói na prática e como ele é gerenciado pelos sujeitos.

Com observação e entrevistas, busca-se acessar o conhecimento mobilizado pelos atores no gerenciamento do estilo gauchesco durante as atividades no CTG. Que conhecimento respalda o gerenciamento desse estilo?

Essa etapa etnográfica da pesquisa recebeu o aval do Comitê de Ética em Pesquisa da UFRGS no parecer de nº 3.815.181.

Os quatro entrevistados ao longo da semana de 08 a 15 de março fazem parte da *invernada*<sup>27</sup> adulta do CTG Tiarayú. Dos quatro, apenas um não nasceu na capital, mas veio para Porto Alegre aos três anos de idade com os pais. Outro entrevistado nasceu em Porto Alegre, mas viveu por um período em uma cidade do litoral sul do Rio Grande do Sul, retornando à capital em 2002, já adolescente. Os outros dois nasceram e cresceram na cidade. O que todos têm comum é o fato de terem entrado para um CTG com cinco anos de idade e serem oriundos de famílias envolvidas com o tradicionalismo e especificamente com os CTGs. São filhos de fundadores de CTG, de patrões de CTG e até mesmo um parente de Jaime Caetano Braun, conhecido pajador<sup>28</sup> do Rio Grande do Sul.

A próxima etapa, descrita na seção a seguir, complementa a etapa das observações e entrevistas ao revelar a percepção dos falantes/ouvintes porto-alegrenses em relação ao uso da vibrante múltipla em *onset* silábico em Porto Alegre. A partir dos resultados da investigação sobre a percepção dos falantes/ouvintes, pretende-se chegar aos significados sociais que a vibrante possivelmente indexa para porto-alegrenses e verificar a articulação desses significados com os resultados e os significados revelados pelas outras etapas da pesquisa.

---

<sup>27</sup> O termo *invernada* designa os grupos de dança dos CTGs. De acordo com a idade dos integrantes, as *invernadas* são classificadas como Mirim, Juvenil, Adulta, Veterana e Xiru. Fonte: CTG Tertúlia do Paraná. Disponível em: <http://www.ctgtertuliadoparana.com.br/artistico/1/invernadas-artisticas>. Acesso em: 16. jun. 2020.

<sup>28</sup> Pajador é um trovador que recita a pajada, uma forma de poesia que pode ou não ser improvisada. A pajada é composta de estrofes de dez versos e acompanhada por violão. A pajada é encontrada também na Argentina, no Uruguai e no Chile. No Rio Grande do Sul, uma lei estadual de 2001 (lei 11.676) instituiu o dia 30 de janeiro como o Dia do Pajador Gaúcho. Jaime Caetano Braun morreu em 1999 e seu nome batiza ruas, praças e CTGs. No Parque Harmonia, onde ocorre o Acampamento Farroupilha em Porto Alegre, há um monumento de 2,2 metros de altura dedicado ao pajador. Fonte: Gaúcha ZH Almanaque, 30/01/2019. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/almanaque/noticia/2019/01/ha-95-anos-nascia-jayme-caetano-braun-o-maior-pajador-do-rio-grande-do-sul-cjriwhldw00ct01ru0hohcj0c.html>. Acesso em: 14 mai. 2020.

#### 4.4 SIGNIFICADOS SOCIAIS: ANÁLISE DE PERCEPÇÃO E AVALIAÇÃO DAS VARIANTES

Para verificar a percepção dos porto-alegrenses a respeito das variantes conservadora (realização de /r/ como vibrante múltipla alveolar) e inovadora (realização de /r/ como fricativa, velar ou glotal) investigadas nesta pesquisa e os significados sociais que possivelmente indexam, foi empregada a técnica dos falsos pares ou estímulos pareados (*Matched - Guised Technique*), de Lambert *et al.* (1960). Esse autor realizou, no início da década de 60, uma pesquisa sobre o bilinguismo franco-inglês em Montreal. Em sua metodologia, falantes bilíngues gravavam dois áudios, um em francês e outro em inglês e esses áudios eram apresentados aos participantes da pesquisa, que faziam as vezes de jurados, como sendo de pessoas diferentes. Conforme Calvet (2002), os jurados descreviam os falantes, em uma escala de “muito pouco” a “muito”, considerando características como beleza, altura, senso de humor, inteligência, confiabilidade, religiosidade, entre outras. Era dito aos jurados que a intenção era verificar a possibilidade de avaliar as pessoas pela voz. Lambert (1960) descobriu que os jurados não percebiam que as duas gravações eram produzidas pela mesma pessoa. Descobriu também que os jurados não avaliam as vozes dos falantes, mas as línguas nas quais eles estavam falando na gravação.

Na pesquisa desta tese, inicialmente se apresentam quatro arquivos de áudio (estímulos) para seis ouvintes porto-alegrenses dos seguintes perfis:

Quadro 7 – Perfil dos ouvintes porto-alegrenses participantes da Entrevista Aberta

<i>Ouvinte</i>	<i>Gênero</i>	<i>Zona</i>	<i>Escolaridade</i>	<i>Idade</i>
1	Masculino	Leste	Superior	40
2	Feminino	Leste	Superior	65
3	Feminino	Leste	Superior	24
4	Masculino	Norte	Médio	40
5	Masculino	Sul	Superior	60
6	Feminino	Norte	Superior	40

Fonte: Elaborado pela autora.

Os estímulos femininos e masculinos contêm o mesmo trecho, sobre a Revolução Farroupilha, escolhido por ter relação com a identidade social investigada na pesquisa, e em que o contexto da variável de interesse, a realização de /r/ em *onset* silábico, é relativamente frequente: “A história ‘oficial’ dos livros didáticos afirmam que a Guerra dos Farrapos que resultou na temporária República Rio-Grandense foi ‘um conflito

regional contrário ao governo imperial brasileiro com caráter republicano e abolicionista'. E ocorreu na província de São Pedro do Rio Grande do Sul, entre 20 de setembro de 1835 a 1 de março de 1845”<sup>29</sup>. Dos quatro estímulos, dois são gravados por uma mulher e dois são gravados por um homem, sendo que cada um deles gravou duas vezes o esse mesmo trecho, produzindo em um deles todos os /r/ em *onset* como vibrante alveolar múltipla e, no outro, como fricativa.

As pessoas que gravaram os estímulos apresentam as seguintes características: um homem jovem, ator, natural de um município da Grande Porto Alegre, hoje residente na capital, e uma mulher com idade entre 30 e 40 anos, originária do oeste catarinense, habitante de uma comunidade interiorana de base étnica italiana fundada há 80 anos por ítalo-gaúchos.

Ao ouvir cada estímulo, começando com o feminino com realização de [r], seguido pelo feminino com produção de [x], depois pelo masculino com realização de [r] e, logo em seguida, pelo masculino com produção de [x], o participante responde perguntas abertas conforme o estudo de Oushiro (2015): “Como você imagina essa pessoa que está falando? Como ela é fisicamente? Qual é a personalidade dela? Onde você acha que ela vive?”. Essas perguntas são utilizadas com o objetivo de deixar os participantes discorrer sobre suas impressões, pedindo posteriormente alguns detalhes como “Por que você tem essa percepção? Você poderia me apontar o que exatamente na fala dessa pessoa causou essa impressão?”

Parte-se das repostas às questões das Entrevistas Abertas para chegar aos atributos ou variáveis de avaliação e com eles formular questionários *online* (Figura 7), via Google Forms, para avaliar as variantes de /r/. A Plataforma Google Forms foi criada pela empresa Google para possibilitar pesquisas rápidas, com perguntas e respostas personalizadas, sendo possível incluir imagens e vídeos do YouTube aos questionários, como fizemos nesta pesquisa<sup>30</sup>.

O questionário ficou disponível por uma semana e foi compartilhado para amigos da pesquisadora (a pesquisadora é natural de Porto Alegre), que compartilharam também para os seus amigos, ampliando a rede de contatos atingida. Foram recebidas 34 respostas de porto-alegrenses.

---

<sup>29</sup> Disponível em: [https://www.esquerdadiario.com.br/spip.php?page=gacetilla-articulo&id\\_article=13811](https://www.esquerdadiario.com.br/spip.php?page=gacetilla-articulo&id_article=13811). Acesso em: 26 jun. 2018.

<sup>30</sup> Disponível em: <https://www.google.com/intl/pt-BR/forms/about/>. Acesso em: 09 jul. 2019.

As quatro primeiras perguntas do questionário (Anexo 2) exigem dos participantes as seguintes informações: local em que nasceu, local onde vive, se já viveu em Porto Alegre e, se a resposta fosse positiva, por quanto tempo viveu na cidade, e idade do participante no momento da participação.

Após essa etapa, para cada arquivo de áudio, os participantes devem marcar numa escala de 1 (nem um pouco) a 5 (muito) o quanto a pessoa que estava falando parece jovem, porto-alegrense, inteligente, masculina, formal, ser do interior, escolarizada, ter sotaque, gaúcha, amigável. Para cada uma dessas variáveis de avaliação, os participantes podem marcar apenas um número na escala de 1 a 5, conforme a Figura 7.

Figura 7 – Escala de avaliação – questionário Google Forms

Para você, esta pessoa parece...(escolha uma opção em cada linha) *					
	1	2	3	4	5
Jovem	<input type="radio"/>				
Porto-Alegrense	<input type="radio"/>				
Inteligente	<input type="radio"/>				
Masculina	<input type="radio"/>				
Formal	<input type="radio"/>				
Ser do interior	<input type="radio"/>				
Escolarizada	<input type="radio"/>				
Ter sotaque	<input type="radio"/>				
Gaúcha	<input type="radio"/>				
Amigável	<input type="radio"/>				

Fonte: Elaborado pela autora.

As respostas obtidas por meio de questionário *online* são tabeladas no programa Excel, da Microsoft, e depois analisadas estatisticamente pelo IBM SPSS, versão 20. Realiza-se o Teste Não Paramétrico de Friedman, além de estatísticas descritivas (média, mediana e desvio-padrão). O objetivo da análise é testar a existência de diferenças estatisticamente significantes entre os quatro estímulos avaliados, para cada uma de dez

categorias (*amigável, escolarizado, formal, gaúcho, inteligente, interior, jovem, masculino, porto-alegrense e sotaque*). A escolha por um teste não paramétrico deve-se ao fato de as avaliações relativas a cada variável para cada estímulo serem medidas em escala ordinal (Escala Likert de 5 pontos) e não intervalar. Já a escolha pelo teste de Friedman ocorre em função dos quatro estímulos serem avaliados pelos mesmos sujeitos, ou seja, trata-se de um estudo com amostras pareadas (ou medidas repetidas).

## 5 RESULTADOS

Neste capítulo, apresentam-se e se discutem os resultados de todas as etapas de investigação descritas na Metodologia (capítulo 4). Inicia-se pelos resultados das análises em tempo real e em tempo aparente na etapa quantitativa (5.1). Depois apresentam-se as análises qualitativas de forma e conteúdo de áudio e vídeo de situações que envolvem dois intérpretes da música gaúcha e a análise de conteúdo das entrevistas sociolinguísticas do LínguaPOA (5.2). Em seguida, vêm os resultados da etapa etnográfica realizada no CTG Tiarayú, em Porto Alegre (5.3). Por fim, apresentam-se os resultados do estudo de percepção e avaliação dos porto-alegrenses em relação à vibrante múltipla em *onset* (5.4).

### 5.1 ANÁLISE QUANTITATIVA

Nas seções 5.1.1 e 5.1.2 são apresentados os resultados de cada análise quantitativa realizada, tempo real e tempo aparente, da realização de /r/ em *onset* silábico como vibrante múltipla alveolar (variável dependente ou variável-resposta) no português falado em Porto Alegre. Além disso, discutem-se os resultados da pesquisa em relação a nossas hipóteses e aos resultados obtidos em trabalhos anteriores.

#### 5.1.1 Análise em tempo real

Uma análise em tempo real, no caso da presente pesquisa um estudo de tendência, permite comparar os resultados obtidos na análise de dados de informantes de mesmo perfil, em diferentes períodos de tempo (análise diacrônica). Nesta tese comparamos os dados extraídos de entrevistas sociolinguísticas do VARSUL, da década de 1990, com os dados das entrevistas do LínguaPOA, coletados entre 2016 e 2018. Os informantes não são os mesmos, como seria num estudo de painel, mas são informantes que preenchem células de mesmas características sociais nas duas amostras – gênero e faixa etária, na pesquisa desta tese.

Foram levantados 2.549 dados de fala de Porto Alegre, 1.095 de entrevistas sociolinguísticas do VARSUL (1990) e 1454 de entrevistas sociolinguísticas do LínguaPOA (2016-2018). Os resultados da Análise de Regra Variável indicam que a proporção total de realização de /r/ como vibrante múltipla alveolar [r] passou de 30,9% nos anos 1990 para apenas 0,4% nos anos 2010.

Esperava-se que a proporção total de realização da vibrante múltipla alveolar tivesse reduzido a um índice em torno de 10% em vinte anos, mas não a um índice tão baixo, inferior a 5%. Em termos estatísticos, a proporção total de 0,4% de realização de vibrante múltipla (portanto, 99,6% de fricativa) indica que não há mais variação na comunidade de fala: /r/ em *onset* silábico se realiza de forma praticamente categórica como fricativa no português de Porto Alegre. É por isso que, afirma-se aqui, a realização de /r/ como vibrante múltipla alveolar em *onset* é uma relíquia, uma forma remanescente de uma realização fônica outrora existente, mas não mais verificada no português falado em Porto Alegre. Como explicar não só o desaparecimento da múltipla alveolar, mas também a rapidez da mudança, isto é, tamanha redução na proporção de ocorrência em um período relativamente tão curto? Os resultados das variáveis controladas (Tabelas 1, 2 e 3) podem indicar caminhos a perseguir para obter respostas a essas questões.

Tabela 1 – Estimativas dos parâmetros do modelo (de regressão logística, modelo linear generalizado com efeitos mistos) da realização de R em *onset* como vibrante múltipla alveolar em Porto Alegre com dados VARSUL

N = 1095  
Intercepto = -9,434

Variável	Apl./Ocorrências	Estimativa	Erro padrão	z	p
<b>Posição</b>					
Inicial (valor de referên.)	192/705 (27,2%)				
Medial	146/390 (37,4%)	1,561	0,403	3,872	< 0,001***
<b>Faixa Etária</b>					
20 a 39 anos (valor de ref.)	132/297 (44,4%)				
40 a 59 anos	100/460 (21,7%)	1,440	3,381	0,426	0,670
60 ou mais anos	106/338 (31,3%)	4,985	3,470	1,437	0,150
<b>Gênero</b>					
Feminino (valor de ref.)	42/450 (9,33%)				
Masculino	296/645 (45,8%)	5,623	2,739	2,053	0,040 *

Modelo 1. REALIZACAO DE R ~ POSICAO + IDADE + GENERO + (1 INFORMANTE) + (1 ITEM.LEXICAL)

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 2 – Estimativas dos parâmetros do modelo (de regressão logística, modelo linear generalizado com efeitos mistos) da realização de R em *onset* como vibrante múltipla alveolar em Porto Alegre com dados LínguaPOA

$N = 1454$

Intercepto = -15,791728

Variável	Apl./Ocorrências	Estimativa	Erro padrão	$z$	$p$
<b>Tonicidade</b>					
Postônica (valor de ref.)	2/313 (0,63%)				
Pretônica	0/723 (0,00%)	-71,939754	0,002858	-251748,0	<2e-16***
Tônica	4/418 (0,95%)	-1,109956	0,002858	-388,4	<2e-16 ***
<b>Faixa Etária</b>					
20 a 39 anos (valor de ref.)	0/449 (0,00%)				
40 a 59 anos	2/500 (0,40%)	8,407032	0,002858	2942,0	<2e-16***
60 ou mais anos	4/505 (0,79%)	9,033372	0,002858	3161,2	<2e-16***
<b>Gênero</b>					
Feminino (valor de ref.)	3/659 (0,45%)				
Masculino	3/795 (0,37%)	-0,928238	0,002858	- 324,8	<2e-16***

Modelo 3. REALIZACAO DE R ~ TONICIDADE + IDADE + GENERO + (1 INFORMANTE) + (1 ITEM.LEXICAL)

Fonte: Elaborado pela autora.

Tabela 3 – Estimativas dos parâmetros do modelo (de regressão logística, modelo linear generalizado com efeitos mistos) da realização de R em *onset* como vibrante múltipla alveolar em Porto Alegre com dados VARSUL e tonicidade amalgamada.

$N = 1095$

Intercepto = -6,8653

Variável	Apl./Ocorrências	Estimativa	Erro padrão	$z$	$p$
<b>Tonicidade</b>					
postônica (valor de ref.)	53/133 (39,8%)				
PT (pretônica+tônica)	285/962 (29,6%)	-2,0937	0,5838	-3,586	< 0,001 ***
<b>Faixa Etária</b>					
20 a 39 anos (valor de ref.)	132/297 (44,4%)				
40 a 59 anos	100/460 (21,7%)	1,4220	3,3460	0,425	0,670
60 ou mais anos	106/338 (31,3%)	4,8489	3,4240	1,416	0,156
<b>Gênero</b>					
Feminino	42/450 (9,33%)				
Masculino	296/645 (45,8%)	5,6178	2,7014	2,080	0,037 *

Modelo 3. REALIZACAO DE R ~ TONICIDADE + IDADE + GENERO + (1 INFORMANTE) + (1ITEM.LEXICAL)

Fonte: Elaborado pela autora.

Embora os resultados para Faixa Etária sejam estatisticamente significantes apenas na amostra LínguaPOA, a comparação das proporções de aplicação nas duas amostras para essa variável é reveladora. Os resultados indicam que os mais jovens, 20-39 anos, utilizavam mais a vibrante múltipla alveolar em *onset* silábico em Porto Alegre na década de 1990 (44,4%) do que os mais velhos, de 60 anos ou mais (31,3%), conforme as Tabelas 1 e 3. Já na amostra do LínguaPOA, a faixa etária mais baixa (20 a 39 anos) não aplica a variável dependente investigada (0,00%), a vibrante múltipla alveolar, conforme a Tabela 2. Na amostra do LínguaPOA, as ocorrências de vibrante múltipla alveolar ainda existem entre as faixas etárias mais altas, porém com porcentagem

baixíssima. A faixa mais alta (60 ou mais) aplica 0,79% e a intermediária (40 a 59 anos), 0,40%, conforme a Tabela 2. Confirma-se a hipótese de que a variável resposta investigada se mantém presente, mas em baixos índices, menores do que em 1990. O que surpreende é que esses índices sejam expressivamente menores.

Os jovens do VARSUL (20-39), que aplicam em maior porcentagem a vibrante múltipla alveolar na década de 1990, correspondem aos que estão na faixa etária intermediária do LínguaPOA (40-59) e que são apontados pelos resultados como sendo a faixa etária que mais aplica a vibrante em *onset* depois dos mais velhos (60 ou mais). Já a faixa etária 60 ou mais do LínguaPOA corresponde à faixa etária de 40 a 59 do VARSUL, aparece nos resultados como sendo a faixa que mais aplica a vibrante em *onset* nos anos 2010, mas era a que menos aplicava na década de 1990. Como explicar esse resultado?

O primeiro aspecto a considerar são as proporções de vibrante múltipla como um todo: elas decresceram em todas as faixas do VARSUL ao LínguaPOA. O segundo e mais relevante aspecto a destacar é que os informantes promoveram mudança de vibrante para fricativa ao longo de suas vidas, já na fase adulta, no intervalo de 20 anos. Isso parece instanciar um padrão de mudança do tipo comunitária (*communal change*), de acordo com Labov (1994), no qual tanto comunidade quanto indivíduos apresentam instabilidade (variam e modificam-se) no período analisado.

No caso do VARSUL, em que os jovens inusitadamente usam mais uma variante que virá a desaparecer, o padrão talvez se explique pelo fato de os jovens serem mais suscetíveis a mudanças em razão das práticas dos grupos a que pertencem, se orientando para a variante prestigiada por seus pares, o que, por seu turno, nos leva a pensar em algum exercício estilístico, de construção de *persona*, sendo realizado pelos informantes jovens do VARSUL à época em que os dados foram coletados.

Os informantes da década de 1990 vivenciaram um período de grande prestígio do tradicionalismo gaúcho na capital, incluindo o uso da vibrante no conjunto semiótico que compõe a figura do gaúcho. Isso pode ter afetado todas as faixas etárias, mas os jovens, mais do que os demais grupos etários, incrementaram momentaneamente as proporções de vibrante múltipla alveolar, por adesão a um padrão cultural exercitado em momentos de diversão e lazer, padrão esse que foi perdendo força e representatividade em Porto Alegre dos anos 1990 aos 2010. Esse padrão será aprofundado no relato dos resultados da análise qualitativa, adiante (seção 5.2).

Quanto à Posição da Sílabla na Palavra, os resultados do VARSUL destacam a posição medial como favorecedora da aplicação de vibrante múltipla alveolar em *onset* silábico em Porto Alegre, com aplicação de 37,4% (Tabela 1). Nos dados do LínguaPOA, nenhuma das posições (inicial, medial) obtiveram correlações significativas e, em razão da mínima proporção total de aplicação, as porcentagens de aplicação são baixíssimas: 0,43% para a posição inicial e 0,37% para a posição medial (Tabela 2).

Embora a vibrante na posição inicial tenha ocorrido em maior porcentagem nos dados do LínguaPOA, a diferença é muito pequena em relação à posição medial e a variável não teve destaque nas rodadas. A análise em tempo aparente, a qual se baseia em uma amostra maior (48 informantes), apresentada na seção 5.1.2, revela a posição medial como favorecedora da aplicação de vibrante em *onset*. Nos dados da década de 1990, do VARSUL, a posição medial se mostrou favorecedora da aplicação de vibrante múltipla alveolar em *onset* silábico em Porto Alegre, confirmando a hipótese baseada em Monaretto (1997).

A variável Gênero se mostra correlacionada, tanto nos resultados do VARSUL quanto nos resultados do LínguaPOA, com valores significativos de  $p$ , apontando favorecimento da aplicação da regra pelo fator masculino nos resultados do VARSUL, com estimativa de 5,623 e aplicação de 45,8%. Já nos resultados do LínguaPOA, o fator masculino desfavorece a aplicação de vibrante múltipla alveolar em *onset* silábico em Porto Alegre, com estimativa de 0,928238 e aplicação de 0,37% contra 0,45% do fator feminino (Tabela 2). Os resultados do VARSUL confirmam a hipótese de que homens utilizam mais a vibrante múltipla alveolar do que as mulheres, baseada em Monaretto (1997), que encontrou mais ocorrências de vibrante anterior entre os homens do que entre as mulheres, embora a diferença não tenha sido grande. Nos resultados do LínguaPOA, embora a diferença entre a porcentagem total de aplicação não seja grande, as mulheres utilizam mais a vibrante múltipla em *onset* e favorecem a aplicação. A rodada com Informante como variável aleatória indica que, nesta pequena amostra de 12 informantes, dois homens (um de 40-59 anos e um de mais de 60) e duas mulheres (uma de 40-59 anos e uma de mais de 60) são os que aplicam a vibrante em *onset*. Os outros informantes não aplicam. Esse resultado, especialmente o do LínguaPOA, relaciona-se ao tamanho da amostra: a análise em tempo aparente com os dados do LínguaPOA, a qual se apresenta na seção 5.1.2, tem dados de 48 entrevistas, das quais se levantaram 5231 contextos. Nessa amostra maior, os homens aplicam mais a vibrante múltipla em *onset*. Sobre o

gênero masculino condicionar a realização de vibrante múltipla alveolar, a discussão será realizada em 5.2, no relato da análise qualitativa.

No que diz respeito à variável Tonicidade, inicialmente os resultados do VARSUL não apresentaram valores de  $p$  significativos. Passaram a apresentar valores significativos de  $p$  após realização de rodada em que foram amalgamadas pretônicas e tônicas (pt), gerando resultados com valor de  $p$  0,000336 e estimativa de -2,0937 para o fator pt (Tabela 3). Considerando o valor negativo da estimativa, pode-se afirmar que o fator pt desfavorece a aplicação de vibrante múltipla alveolar em *onset* silábico em Porto Alegre. As postônicas ocorrem em 39,8% e pt ocorre 29,6%. Os resultados do LínguaPOA apontaram pretônica e tônica como desfavorecedoras da aplicação da regra, com valores de  $p$  significativos e estimativas de -71,939754 para pretônica e -1,109956 para tônica. Não houve aplicação de vibrante múltipla alveolar nas pretônicas na amostra LínguaPOA, houve apenas nas tônicas (0,95%) e nas postônicas (0,63%), mas com porcentagens bem baixas (Tabela 2). Para Monaretto (1997), tonicidade não tem papel algum na variação entre as realizações anterior e posterior, não tendo sido selecionada pelo programa utilizado à época (VARBRUL). Os resultados iniciais obtidos com dados do VARSUL pareciam confirmar essa hipótese. No entanto, após pretônicas e tônicas terem sido amalgamadas, a variável ganhou destaque. Tonicidade apareceu também como significativa nas rodadas com dados do LínguaPOA, refutando-se a hipótese de que não teria papel.

Retornamos às planilhas de dados (amostra do VARSUL e do LínguaPOA) para identificar contextos postônicos e assim procurar compreender seu papel favorecedor. Encontramos, na planilha de dados do VARSUL, os contextos *carro, ferro, forro, terra, bairro, erres, torres, morro, empurra, ocorre, morrem, farra, férreas, forra*. Na planilha de dados do LínguaPOA encontramos apenas os contextos *carro* e *bairros* com aplicação da regra. A variável Número de Sílabas não se mostrou significativa em nenhuma das amostras das análises em Tempo Real, mas o retorno às planilhas de dados de ambos os bancos indicou que a aplicação da regra se deu, em grande parte, nos vocábulos postônicos dissílabos. Isso acontece, provavelmente, pelo fato de que as palavras postônicas trissílabas e polissílabas tiveram baixíssima aplicação de /r/ nas amostras analisadas. Realização de /r/ em contextos postônico trissílabo, como *cachorro* e *encerra*, são raras nas amostras. As realizações de /r/ em contexto postônico polissílabo são ainda mais raras: zero na amostra do VARSUL e uma na amostra LínguaPOA (*Inglaterra*).

### 5.1.2 Análise em tempo aparente

Uma análise em tempo aparente permite que se faça uma projeção dos rumos da mudança linguística observando o comportamento linguístico de diferentes gerações em um mesmo espaço de tempo (LABOV, 1994). Isso é possível porque se parte da ideia de que os falantes preservam um padrão de fala ao longo de suas vidas. Na presente pesquisa, comparamos os resultados da análise estatística para três faixas etárias.

Em termos de proporção total de aplicação da realização de /r/ como vibrante múltipla alveolar em Porto Alegre, houve a confirmação do resultado da análise em tempo real: verificou-se uma proporção total de 0,5% de aplicação na análise em tempo aparente da amostra LínguaPOA. Os resultados de cada variável estão no modelo da Tabela 4.

Tabela 4 – Estimativas dos parâmetros do modelo (de regressão logística, modelo linear generalizado com efeitos mistos) da Realização de R em *onset* como vibrante múltipla alveolar em Porto Alegre

$N = 5.239$

Intercepto = -12.950989

Variável	Apl./Ocorrências	Estimativa	Erro padrão	Z	P
Posição da sílaba na palavra					
Inicial (valor de referência)	15/3159 (0,47%)				
Medial	13/2080 (0,62%)	0,500545	0,002028	246,9	<2e-16 ***
Faixa Etária					
20 a 39 anos (valor de ref.)	1/1513 (0,06%)				
40 a 59 anos	9/1929 (0,46%)	2,125654	0,001963	1082,9	<2e-16 ***
60 ou mais anos	18/1797 (1,00%)	2,782814	0,001963	1417,6	<2e-16 ***
Gênero					
Feminino (valor de ref.)	12/2491 (0,48%)				
Masculino	16/2748 (0,58%)	0,284154	0,001963	144,8	<2e-16 ***

Modelo 1. REALIZACAO DE R ~ POSICAO + IDADE + GÊNERO + (1 INFORMANTE) + (1 ITEM.LEXICAL)

Fonte: Elaborado pela autora.

As três variáveis (Posição da sílaba na palavra, Faixa Etária, Gênero) têm resultados com valor-p significativo, isto é, têm fator com efeito sobre a realização da vibrante múltipla alveolar. O resultado para Faixa Etária confirma que há uma mudança em vias de ser completada favorecendo as formas fricativas de /r/. É possível identificar na Tabela 4 que são os mais velhos (mais de 60 anos) os falantes que ainda utilizam a vibrante múltipla alveolar, com 1% de aplicação. A faixa etária intermediária (40 a 59 anos) segue a faixa mais avançada com 0,46% de aplicação. Os mais jovens (20 a 39 anos) praticamente aboliram a vibrante múltipla alveolar em *onset* de seus falares cotidianos, com apenas 0,06% de aplicação.

Como nos resultados obtidos na análise em tempo real para os dados do LínguaPOA, confirmamos novamente a hipótese de que a faixa etária mais alta favoreceria a aplicação da variável resposta investigada.

Na variável Gênero, masculino favorece a aplicação de vibrante múltipla alveolar em *onset*, com estimativa de 0,284154. Os homens aplicam 0,58% e as mulheres, 0,48%. Embora não seja uma diferença grande, confirma a hipótese de que os homens seriam os favorecedores de [r].

A única variável linguística incluída no modelo foi Posição da Sílabla na Palavra<sup>31</sup>, em que medial (ex.: *bairros*, *carro*) favorece a aplicação de vibrante múltipla alveolar em *onset*, com 0,62% de aplicação e estimativa de 0,500545. O fator Inicial (Ex.: *reuniões*, *rio*) tem uma proporção de aplicação da vibrante múltipla de 0,47%. Houve a confirmação da hipótese, calcada nos resultados de Monaretto (1997), de que o fator medial apareceria como favorecedor da aplicação da regra.

As rodadas em tempo real e em tempo aparente trouxeram a confirmação da hipótese de que a realização de /r/ como vibrante alveolar múltipla em *onset* silábico não só diminuiu em Porto Alegre no intervalo de 20 anos, mas também praticamente não ocorre: é de apenas 0,5% a proporção total de aplicação nos dados do LínguaPOA. São dados mais atuais (anos 2010) de fala coletados sob a exigência de que o informante tenha nascido em Porto Alegre ou, pelo menos, tenha vivido o período de aquisição da língua e/ou alfabetização na capital. É por essa razão que tomamos a realização múltipla alveolar como relíquia, uma forma remanescente de um padrão local que mudou, indicando que o processo de fricativização foi concluído na capital do Rio Grande do Sul.

Nos dados coletados na década de 1990 pelo VARSUL, a proporção total encontrada foi 30,9%. O uso da vibrante múltipla alveolar como realização de /r/ em *onset* silábico, eventualmente verificado, parece ser um artifício para compor, dentro de um sistema semiótico que envolve as vestimentas, os acessórios, a postura corporal, entre outros expedientes, uma *persona* que existe e subsiste no Rio Grande do Sul como um todo, a do “gaúcho”. É o que se explora na análise qualitativa, na seção 5.2.

---

<sup>31</sup> Considerando a não ortogonalidade entre Tonicidade e Posição, essas variáveis foram incluídas em modelos distintos, resultando o modelo 1 (REALIZACAO DE R ~ POSICAO + IDADE + GÊNERO + (1 INFORMANTE) + (1 ITEM.LEXICAL)) como o que apresentou valores de p significativos (<2e-16 \*\*\*) para todas as variáveis incluídas no modelo. O modelo com Tonicidade e sem Posição apresentou valor de p significativo apenas para o Intercept (1.03e-08 \*\*\*) e para o fator 60 ou mais anos (0,0167\*), da variável Faixa Etária.

## 5.2 ANÁLISE QUALITATIVA

A análise qualitativa é composta de duas etapas, apresentadas a seguir. A primeira delas se baseia em arquivos de áudio e vídeo do YouTube em duas situações: a) intérpretes da música gaúcha dando entrevistas (seção 5.2.1); b) esses mesmos intérpretes cantando (seção 5.2.2). A ideia é verificar se esses protagonistas da cena cultural correspondem, em alguma medida, ao estereótipo do gaúcho, realizando /r/ em *onset* silábico como vibrante múltipla alveolar, a despeito da raridade com que essa variante se verifica no português de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Caso o uso da múltipla alveolar se verifique, será evidência de que a variante, apesar de sua baixa frequência, compõe um estilo de *persona*, o que torna previsível (e interpretável) o seu uso.

### 5.2.1 Análise de conteúdo de áudio e vídeo de intérpretes gaúchos

Para a realização desta análise, selecionamos dois intérpretes gaúchos, um homem e uma mulher: Neto Fagundes e Berenice Azambuja.

Neto Fagundes é nascido em Alegrete, em 15 de agosto de 1963. É membro de uma das famílias mais conhecidas no campo da música tradicionalista gaúcha, a família Fagundes. É filho de Bagre Fagundes, autor do clássico gaúcho *Canto Alegretense*.

Em 1991, Neto Fagundes lançou seu primeiro disco, *Gauchosco e Brasileiro*. Um ano antes, em 1990, participou do 10º Festival da Música Crioula de Santiago, interpretando a canção *Louco por Chamamé*, composição que foi premiada com o primeiro lugar no Festival. O áudio da música interpretada por Neto na ocasião está disponível no YouTube<sup>32</sup> e a letra versa sobre a visão que o gaúcho (em primeira pessoa) tem de uma morena que está do outro lado do rio, atirando beijos para ele e que ele acredita ser uma estancieira: “quem sabe naquela trança tem uma herança e dinheiro tanto que um tipo viva crinado, vendendo tudo ainda sobre campo”.

A intenção do gaúcho é encontrar a morena e se mostrar um bom partido, conseguindo, assim, mudar de vida: “morena, fique sabendo que eu quero mesmo é mudar de vida”.

---

<sup>32</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sdegOfkEN9A>. Acesso em: 06 jul. 2018.

A presença da variante vibrante múltipla alveolar [r] é evidente em trechos como: “a balsa ia [r]io acima e uma morena, de lá, so[r]iu fiquei meio enfeitado, sempre en[r]edado num assobio, a moça no pensamento e olhos sempre [r]ondando o [r]io pintando o [r]io de aquarela e trazendo nela (a balsa) o meu bem-querer eu sou um partido de luxo, flor de gaúcho, além ser doutor no jogo de truco, bo[r]acho e louco por chamamé”

É possível identificar também a ausência de palatalização das oclusivas alveolares /t/e/d/: “A tar[d]e abafou o espaço” em vez de “a tard[ʒ]i abafou o espaço”, como seria esperado no falar porto-alegrense. É importante ressaltar que não ocorre a elevação da vogal /e/para /i/, pré-requisito para a palatalização em contextos como *tarde*, *gente*.

A letra da música, escrita por Mauro Ferreira, apresenta uma imagem do gaúcho que se aproxima da figura defendida por Tau Golin, em que o gaúcho é representado como *borracho* (bêbado), homem simples que vive nos *bolichos* (botecos, botequins), não pertencente às camadas mais altas da sociedade e sim às classes mais baixas. Na letra da canção, esse homem tenta ascender socialmente através da aproximação amorosa de uma morena estancieira, ou seja, de classe alta.

Em 2015, Neto Fagundes participou do evento Concertos Populares com Orquestra, no qual cantou, acompanhado pela orquestra de câmara da ULBRA, as grandes canções dos festivais nativistas. Uma das músicas interpretadas por Neto na ocasião foi *Origens*<sup>33</sup>. A música versa sobre as origens do gaúcho, principalmente o índio e o negro na formação cultural rio-grandense: “O índio que vive em mim bate um tambor no meu peito. O negro também assim tempera e adoça o meu jeito com laço e com boleadeira, com garrucha e com facão”. O intérprete se posiciona em pé, à frente e mais à esquerda do palco, considerando a vista da plateia, e veste traje que inclui bombachas justas<sup>34</sup>, botas, lenço e chapéu (brancos).

Já nos primeiros versos, surge a vibrante múltipla alveolar: “Campeando um [r]astro de glória” e “com ga[r]ucha e com facão”, embora em alguns momentos a forma fricativizada seja produzida, como no primeiro refrão: “Eu sei que não vou mo[x]er”. Mas o intérprete retoma a realização da variante pesquisada, logo depois, ainda no primeiro refrão “o meu [r]io Grande, o meu lar”. Nos dados do LínguaPOA, alguns vocábulos parecem favorecer a realização da vibrante múltipla. *Rio (Grande do Sul)* é uma das

<sup>33</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MYRIggcUiBI>. Acesso em: 06 jul. 2018.

<sup>34</sup> Versão de bombachas consideradas pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho como estando “em total desconformidade com os regulamentos vigentes” (Revista VEJA, 15 mar. 2018).

palavras que mais apresentou aplicação da variante investigada, ao lado de *bairros* e *carro*. No segundo refrão, ambos os vocábulos são pronunciados com vibrante múltipla alveolar, o que demonstra monitoramento por parte do cantor para que a variante considerada típica do gaúcho emergisse na incorporação ideal da *persona*. No total, foram seis os contextos de /r/ (*rastro*, *garrucha*, *morrer*, *rio*, *morrer*, *rio*) na canção, dos quais apenas um apresentou variante fricativa (*morrer*, no primeiro refrão).

Em relação a outra realização fonético-fonológica conforme a *persona* gaúcho, a ausência de palatalização das oclusivas alveolares se apresenta no contexto em que Neto Fagundes canta, aparentando ser mais uma variável usada como recurso para a construção do estilo gaúcho: “um [r]astro [d]e glória” em vez de “um [r]astro [dʒi] glória” (necessariamente com elevação da vogal) e “venho sovado [d]e pealo” em vez de “venho sovado [dʒi] pealo”, que seria a variante esperada em Porto Alegre.

Em 2016, Neto Fagundes gravou um depoimento para a Rádio Gaúcha<sup>35</sup> sobre seu tio, Nico Fagundes, figura importante e conhecida no cenário tradicionalista, que veio a falecer naquele ano. Sentado frente a um microfone, usando uma camisa básica preta e uma boina, ele conta um pouco da relação de Nico com a família e sobre os causos que o tio contava.

Ao longo dessa fala, Neto aplica a vibrante múltipla apenas na palavra *rio*, o que reforça a ideia de que esse vocábulo favorece o uso da variante em questão, como mostram os dados do LínguaPOA. Foram identificados oito contextos ao longo do depoimento e em apenas um (*rio*) Neto produziu a vibrante múltipla alveolar. Em todos os outros (*reuniões*, *rádio*, *respeito*, *rádio*, *arrumava*, *arrumava*, *arrumava*), o cantor produziu variantes fricativas de /r/. A não-palatalização das oclusivas alveolares se verificou apenas em contextos como: “des[d]e criança”, “momento [d]e contar história” e “CD [d]e causos, LP [d]e causos”. Mas em outros vocábulos como *intimidade*, *amizade*, *generosamente*, *importante*, *aprende* e *eternamente*, Neto palataliza e eleva a vogal /e/ para [i], como nos seguintes trechos: “ali estão as táticas que ele passou generosamen[tʃi] para mim”. Em outros excertos, ocorrem tanto a palatalização como a ausência dela: “hora [d]e ar[tʃi]”.

A outra intérprete cuja a fala é analisada é Berenice Azambuja. Ela é cantora, compositora e instrumentista brasileira de música tradicionalista gaúcha, nascida em Porto Alegre em 21 de março de 1952. Aos três minutos e dez segundos do vídeo da

<sup>35</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UG9S2VzE0GI>. Acesso em: 06 jul. 2018.

TVCOM<sup>36</sup>, canal de TV extinto, em 1997, Berenice canta *É Disso que o Velho Gosta*, trajando bombachas, botas, chapéu e segurando sua gaita. A vestimenta de Berenice não a caracteriza como prenda, que usaria vestido longo. Berenice sempre traja roupas tradicionalistas gaúchas consideradas masculinas. Os músicos que a acompanham também se apresentam todos trajados a caráter. A letra da música, ao ser interpretada nesse vídeo, apresentou treze contextos de /r/ em *onset* silábico, sendo que as palavras *churrasco* e *chimarrão* se repetem por fazerem parte do refrão. Em todos os contextos, Berenice realizou a vibrante múltipla com grande ênfase.

A não vocalização da lateral /L/ também aparece ao longo da performance de Berenice em trechos como: “nascida lá no ga[l]pão”. Já a não palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ se faz presente em trechos como “apren[d]e des[d]e criança” e “é [d]isso que o velho gosta”.

No programa *Jô Soares Onze e Meia*, do SBT, em 1990<sup>37</sup>, Berenice entra em cena a cavalo e o posiciona em frente à mesa e ao sofá utilizados para acomodar, respectivamente, Jô Soares (o entrevistador) e Berenice (a entrevistada). Jô Soares determina quando o cavalo deve ser parado e Berenice deve descer dizendo: “pronto, [r]ecolhe o cavalo, po[r] favor”. O cavalo é retirado de cena e Berenice e Jô sentam em seus lugares para dar início à conversa. Logo mais, Jô pergunta: “Veio a cavalo dos pampas?”, ao que Berenice responde: “Mas barbarida[d]e, Jô. Estou [tʃi] trazendo um abraço assim do tamanho do [r]io Gran[di].” Jô comenta: “imagina se todo o gaúcho resolvesse usar o cavalo como meio de transporte?” Logo, ele comenta, mostrando a capa do disco da cantora, que há na contracapa uma foto raríssima de Berenice sem o cavalo. Berenice mostra o seu traje de gaúcha, enumerando: bombacha, bota e vincha<sup>38</sup>. Jô Soares pergunta, imitando, utilizando a vibrante múltipla: “Você é do [r]io Gran[d][e], mesmo?” e Berenice responde, sem usar a mesma variante: “Sou do [x]io gran[dʒ][i], nascida em Po[x]to Alegre, na capital gaúcha.” Jô Soares diz: “Gaúcha legítima”.

<sup>36</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hncjqIIhfEw>. Acesso em: 06 jul. 2018.

<sup>37</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jKoInyYoDiI>. Acesso em: 06 jul. 2018.

<sup>38</sup> Com a fundação das missões pelos padres Jesuítas, foram introduzidos os tecidos, pois até então os índios fabricavam suas roupas e outros objetos com couro de animais. Os tecidos eram utilizados para a confecção de roupas que passaram a usar conforme severa moral jesuíta, entre elas a camisa, calções europeus, o tipoy (vestido usado pelas índias), o chiripá (usado pelos índios), e com isso sobravam algumas tiras que tinham como serventia prender suas cabeleiras com a finalidade de afastar os cabelos da região dos olhos, para que os mesmos não atrapalhassem nas caçadas, disputas esportivas e também nas batalhas de guerra. Alguns ainda usavam os cabelos puxados para trás, rente à cabeça a moda “cola de cavalo”, amarrados por um pedaço de tecido. Mais tarde, os platinos usavam também tal faixa na cabeça, denominada de “vincha”. Fonte: <https://mundotradicionalista.com.br/o-lenco/>. Acesso em: 29 jun. 2018.

A conversa segue em um sutil jogo de papéis (Berenice como artista entrevistada, Berenice em atuação), em que a postura (*stance*) - conexão do conteúdo da fala com o caráter social da fala - se constrói discursivamente mediante o uso de variáveis linguísticas, entre elas o /r/ em *onset* silábico realizado como vibrante múltipla alveolar. Berenice conta um pouco sobre os shows de início de carreira, neste momento utilizando as formas fricativas de /r/. Jô Soares passa a mostrar um glossário de palavras que vêm com o disco, e que ele chama de “termos gaucheses” e Berenice corrige: “gauchescos”. Neste momento, ambos passam a monitorar a fala de modo a imitar, incorporar a *persona* do gaúcho, utilizando as variantes consideradas típicas na construção desse estilo: vibrante múltipla alveolar, ausência de palatalização e não vocalização da lateral /L/: su[r]a, “mais aga[r]ado aqui do que [r]ato em guampa de vaca”. Jô Soares brinca, dizendo que fala mais gauchês do que a própria Berenice, e continua repetindo a vibrante múltipla com ênfase, deixando claro que a considera parte da construção da *persona* do gaúcho estereotípico.

Logo, Jô Soares se afasta um pouco das características fonético-fonológicas e lexicais e parte para perguntas sobre a postura que ele supõe que deva estar presente nessa construção, a de uma certa masculinidade idealizada: “Mas vem cá, você acha que para cantar esse tipo de música tem que ser macho, quer dizer, tem que interpretar com aquela machês do gaúcho? Quando canta, você baixa um espírito assim de gaúcho e não de gaúcha ou a música é adaptada para uma gaúcha?” Berenice explica que criou um estilo próprio no Sul, porque geralmente a mulher gaúcha se pilcha de prenda, mas que isso acontece quando são duplas ou conjuntos. E diz que como é sozinha, criou um estilo próprio, aderindo à bombacha e ao chiripá<sup>39</sup>, estilizado para mulher. É possível que Berenice utilize a vibrante múltipla com grande ênfase pelo fato de essa variante indexar masculinidade – como vimos nos resultados da análise quantitativa, o gênero masculino favorece a realização de /r/ como vibrante múltipla alveolar. Por ser mulher em um ambiente em que os homens são o foco, são o centro das atenções, e devem ser representados destacando-se a masculinidade e virilidade, a intérprete pode ser levada a usar traços que componham *presonae* mais masculinas, como a vestimenta típica do

---

<sup>39</sup> O chiripá, peça tradicional da indumentária gaúcha até meados do Século XIX, tem dois “modelos” diferentes, cada um condizendo com as necessidades do homem do campo do Rio Grande do Sul. Uma vez que a história socioeconômica do Rio Grande do Sul, da Argentina e do Uruguai se desenvolveu de maneira semelhante, é possível encontrar o registro do uso do chiripá nessas três regiões. O primeiro tipo é o chamado primitivo, e foi introduzido no cotidiano do gaúcho pela cultura indígena. Já o segundo é o chamado chiripá farroupilha, tendo em vista que teve amplo uso durante a Revolução Farroupilha. Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Chirip%C3%A1\\_\(roupa\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Chirip%C3%A1_(roupa)). Acesso em: 29 jun. 2018.

homem gaúcho e a variante característica dessa masculinidade, para ser legitimada como cantora de músicas tradicionalistas.

Fica claro, ao longo da conversa, que a vibrante múltipla alveolar é considerada por ambos, Jô Soares e Berenice, como típica da fala gaúcha. Enquanto o assunto é a construção do estilo gauchesco, tanto Berenice quanto Jô Soares utilizam a vibrante. Mas quando a conversa sai desse contexto, ambos, e especialmente Berenice, assumem outra postura e voltam a produzir as variantes fricativas, como fica claro no trecho em que ela está falando sobre botas de garrão e, em seguida, responde uma pergunta sobre ser a compositora de suas músicas: “Ele está com bota de ga[r]ão. Bota de ga[r]ão é... foram as primeiras botas que surgiram na época que eles pegavam a pata do cavalo, tiravam o casco e fechavam assim e vestiam né [...] bota de ga[r]ão. Aqui os dedos de fora, então parece que ele está descalço [...] é uma mistura que a gente faz de fo[x]ó, milonga e vanerão [...] ‘Por dentro da baixaria’ foi uma [x]e gravação, aonde essa música entrou no meu primeiro trabalho.”

Em entrevista mais atual, publicada em 2016<sup>40</sup>, Berenice fala ao Programa De Bem com a Vida, do Paraná. A câmera foca apenas na cantora, não aparecem o entrevistador, nem um cenário, o fundo é totalmente branco. A cantora não aparece de corpo inteiro, é possível ver apenas que utiliza a vincha na cabeça e parece, ao observarmos o busto, que está vestida a caráter, como de costume. Nessa ocasião, a intérprete utiliza as formas fricativas em todos os contextos de /r/ em *onset* silábico: *recebida, carreira, Elis Regina, Elis Regina, rádio, rádio, Farroupilha*.

Berenice, ao longo da entrevista, palataliza na maior parte dos vocábulos, como por exemplo: [dʒi]mais, se[tʃi], ida[dʒi] e gen[tʃi]. Mas não palataliza, embora eleve a vogal, na palavra *de*: [di].

Em 2006, Berenice fez um show ao vivo no Villa Country, em São Paulo. O canal Unimarmusic compartilhou o vídeo em 2015 no YouTube<sup>41</sup>. Em uma edição de vídeo que começa com os dizeres “100% caipira”, Berenice surge em meio a uma banda e um cenário “não-gaúchos”, um contexto em que os homens da plateia usavam chapéus de *cowboy* e o palco não estava caracterizado com qualquer objeto ou indumentária gaúcha, a não ser as gaitas que os homens da banda tocavam, além da roupa e da gaita de Berenice. Uma banda não tradicionalista e um palco não construído para a *persona* que a cantora

<sup>40</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=TvqZYNfQuJ0&index=22&t=0s&list=PL-XUzSxW0REEt79dz\\_rc7WeARBIgW6G\\_-](https://www.youtube.com/watch?v=TvqZYNfQuJ0&index=22&t=0s&list=PL-XUzSxW0REEt79dz_rc7WeARBIgW6G_-). Acesso em: 07 jul. 2018.

<sup>41</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EYnLamliaD0>. Acesso em: 07 jul. 2018.

incorpora não neutralizaram a realização de vibrante múltipla alveolar em *onset* silábico: “chu[r]asco e bom chima[r]ão”. Berenice mais uma vez a utilizou com frequência para a composição da *persona*. No entanto, a frequência de palatalização foi grande: “é [dʒi]sto que o velho gosta”. Estaria Berenice deixando de usar a variante não palatalizada como recurso para a construção da *persona* atualmente, ou seria uma tentativa de “mediar” o gauchismo naquele contexto não tradicionalista gaúcho?

A partir da análise dos áudios e vídeos, é possível afirmar que existe um monitoramento por parte do artista para incorporar uma *persona* ao subir ao palco para cantar. A variante investigada, a vibrante múltipla alveolar, emerge nesse contexto. Tanto Neto Fagundes quanto Berenice Azambuja utilizaram as formas fricativas na maior parte das entrevistas, passando a enfatizar a vibrante múltipla quando, na fala, assumiam certas posturas e desejavam se mostrar mais gaúchos, como Berenice ao falar com Jô Soares em certos momentos. Ao falar sobre costumes e tradições gaúchas, a cantora utilizava a variante considerada típica, mas ao falar sobre carreira e assuntos não diretamente relacionados ao tradicionalismo, passava a pronunciar a fricativa. Assim como na análise de Coupland (2001), sobre a fala do DJ Frank Hennessy, apresentador, falante do dialeto inglês Cardiff, ao incorporar o gaúcho, ou desejar aproximar-se de, Neto Fagundes e Berenice constroem posturas e monitoram a fala utilizando variáveis que sejam consideradas como “gauchescas”. Ao falar sobre a carreira ou sobre assuntos em que necessitam demonstrar competência e polidez, utilizam as formas linguísticas que mais se aproximam do português não campeiro, afastando-se da imagem do gaúcho rude, viril e grosseiro.

Verificou-se, portanto, que os protagonistas da cena cultural gaúcha analisados, Neto Fagundes e Berenice Azambuja, correspondem ao estereótipo do gaúcho em sua *performance* artística e demais atividades a ela ligadas quando o tradicionalismo gaúcho está em questão. Assim fazendo, instanciam o que Coupland (2001) denomina gerenciamento de estilo de *persona*: realizam /r/ em *onset* silábico como vibrante múltipla alveolar junto a outros recursos semióticos para construírem *personae* gaúchas, para serem lidos enquanto tal, de que derivam os significados sociais como os concebemos nesta tese.

Se, por hipótese, tanto envolvidos quanto não envolvidos na cena cultural podem usar a vibrante múltipla para indexar uma *persona* gaúcha, por que, então, essa variante é pouco frequente no português de Porto Alegre?

Fora dos palcos, no português falado por porto-alegrenses cotidianamente, na zona urbana, a *persona* do gaúcho tem raras oportunidades de ser construída. Na cidade, há CTGs e outros locais que referem a cultura tradicionalista, como restaurantes e bares. Em torno de 20 de setembro, data em que se comemora a Revolução Farroupilha, monta-se o Acampamento Farroupilha no Parque da Harmonia, em plena zona urbana. Mas são contextos e eventos muito circunscritos, em que alguns “vestem” o tipo gaúcho ao entrar e tiram ao sair, conforme o sugerido por respostas de informantes do LínguaPOA a perguntas sobre sua participação em eventos como o Acampamento Farroupilha.

Na próxima seção, faz-se a análise de conteúdo das entrevistas sociolinguísticas do LínguaPOA, para identificar níveis de aceitação e envolvimento dos informantes porto-alegrenses com o que se considera tradicionalismo gaúcho.

### 5.2.2 O gauchismo no cotidiano do porto-alegrense: análise de conteúdo de entrevistas sociolinguísticas

Ao analisar o conteúdo das entrevistas sociolinguísticas, é possível identificar os informantes dentro de pelo menos quatro níveis em um *continuum*, que vai desde o total desinteresse ou descrença no que diz respeito à “cultura tradicionalista gaúcha”, até a participação ativa em práticas sociais que envolvam tal cultura. Representaremos os quatro níveis nesse *continuum* conforme a Figura 8.

Figura 8 – Níveis de envolvimento dos porto-alegrenses do LínguaPOA com a “cultura tradicionalista gaúcha”.

não reconhece, não defende, não pratica	reconhece, não defende, não pratica	reconhece, defende, mas não pratica	reconhece, defende e pratica
---	---	---	------------------------------------

Fonte: Elaborado pela autora.

No nível “não reconhece, não defende e não pratica”, podemos citar como exemplo um trecho de fala da informante 12, que responde, ao ser questionada sobre as práticas consideradas tradicionais, se frequenta CTG, Acampamento Farroupilha ou qualquer outro evento: “nem em datas das crianças irem pilchadas a gente faz assim... porque como não faz parte da nossa cultura, parece que a gente... é uma fantasia. Então, não faz parte.”

Como exemplo ilustrativo do nível “reconhece, não defende, não pratica”, citamos um trecho de fala do informante 32 (homem, mais de 60 anos, ensino médio):

O acampamento Farroupilha é justamente feito na cidade que nunca se entregou pros Farrapos. E eles têm o espírito Fa[r]oupinha, dos Fa[r]apos ali naquele acampamento Farroupilha. Também... nada mal que façam lá também os seus churrascos e curtam lá. É só uma manifestação... cultural mesmo, da parte aqui do Sul, que tem algum fundamento porque teve a revolução Farroupilha, tem movimento tradicionalista gaúcho, né... Ali é onde eles conseguem alguma penetração aqui na cidade né... Porto Alegre. É bem interessante, é coisa típica ali.

O entrevistador pergunta: “Mas o senhor não participa?”. O informante 32 responde: “Não. Já fui visitar o acampamento Farroupilha há anos atrás”

É possível identificar também, no excerto da entrevista número 32, que alguns informantes podem fazer uso do que Coupland (2007) denomina *voicing* (enunciar): o falante cita ou reconstrói as palavras de outra(s) pessoa(s) e, ao fazê-lo, flexiona essas vozes de várias formas, dando a elas características e qualidades de identidade em particular: “E eles têm o espírito Fa[r]oupinha, dos Fa[r]apos ali, naquele acampamento Farroupilha”, fazendo uso da variante considerada típica, o [r], vibrante múltipla alveolar. É importante destacar que os dois contextos que ocorreram nesse trecho de fala não foram considerados na amostra por não serem parte da fala natural do informante.

O informante 45 do LínguaPOA (homem, 40 a 59 anos, ensino superior) reconhece e defende a cultura tradicionalista, acreditando que sejam válidas manifestações como o Acampamento Farroupilha, a existência e a manutenção dos Centros de Tradições Gaúchas, mas diz que não frequenta e não participa:

Eu acho que o movimento Farroupilha, os desfiles, essas manifestações são todas absolutamente válidas e necessárias... por mais que as pessoas briguem e reclamem, eu acho que nós temos que ter uma identidade cultural. Eu acho que não é um grupinho ou outro que vai impor – ah mas isso não pode! – a tradição é isso. [...] O que mantém o povo unido e coeso é a tradição. Pode até ficar reduzido lá no futuro a um grupo de 500 pessoas, mas o importante é que eles sejam tradicionais. [...] Esquece o tradicional, deixa o tradicional em paz, não mexe com a tradição. Seja para manter-se o hábito ou como registro de como já foi, mas em qualquer um desses sentidos tem que manter. [...] Não vou. Admiro, aplaudo, mas não vou. Não vou por comodidade... ah tu vai lá para voltar com o sapato todo embarrado, não sei o quê, cheirando a fumaça.

Como exemplo de quem reconhece, defende e pratica a cultura gaúcha como imaginada hoje e legitimada pela mídia desde o seu surgimento com Paixão Côrtes, está

o informante 93 (homem, 20 a 39 anos, ensino superior), que explica como funciona o CTG:

No CTG, tu pode fazer muitas coisas, né... Centro de Tradições Gaúchas, tem muita coisa que envolve a tradição gaúcha, né, um mundo. Mas pode se dividir basicamente em duas grandes modalidades: a modalidade que a gente chama de campeira, que envolve mais a lida com o cavalo, com bichos, com rodeios. Essa coisa mais... que normalmente é mais conhecida. E a artística, que é a que envolve dança, declamação, música, violão, gaita. Eu era da parte artística. [...] Na verdade, quem participou do CTG fui eu, eles frequentam [os pais]. Eu comecei a dançar em 2006. E eu dancei ininterruptamente, digamos assim, né, sem sair do grupo, até 2010. Depois eu parei. Voltei em 2013, dancei mais um ano, daí no grupo em si eu estou desde 2013 sem dançar, principalmente por causa da faculdade [...] A gente dançava em competições mesmo, campeonato estadual e diversas competições que tinha pelo estado e que a gente chama de rodeio. Rodeio é uma competição gaúcha, seja do que for. Tem a parte artística e a parte campeira. Tem rodeio que é só de parte artística, só com dança, declamação, todas essas coisas que eu falei, e tem rodeio que é só a parte campeira, gineteada, tiro de laço, freio de ouro, aquela coisa parecida com a Expointer. Então o CTG tem essa divisão.

O entrevistador pergunta: “E vocês participavam do Acampamento Farroupilha de alguma maneira?”

O informante 93 responde:

O CTG tem um lote que é onde a gente monta o nosso galpão. É como se fosse assim... como é que eu posso dizer...um anexo do CTG naqueles dias de evento né... tem o galpão que a gente monta [...] e as pessoas frequentam. A sede do CTG praticamente para. Praticamente. Aí...vai tudo pra lá. Porque lá é o evento. É o evento mais importante da história né...então... tudo é transferido para lá.

Falantes não nativos de Porto Alegre parecem compartilhar com os porto-alegrenses a percepção de que as práticas consideradas tradicionalistas não atingem grande representatividade na capital. Ao participar de um jantar no CTG Tiarayú, em Porto Alegre, a autora desta tese fez algumas anotações sobre as impressões dos falantes que lá estavam, sobre o tradicionalismo, sobre os papéis dos homens e das mulheres nessas comunidades de prática e sobre o porto-alegrense estar ou não inserido nessas práticas. Uma mulher, ao longo do jantar, dizendo não ter nascido em Porto Alegre, ter vindo do interior do estado, respondeu, ao ser questionada sobre os tipos de perfis que frequentam os CTGs, que os porto-alegrenses não estão no CTG. Segundo ela, quem é de Porto Alegre está lá na Cidade Baixa, bairro boêmio localizado na zona central da capital, onde há grande concentração de bares e casas noturnas.

Tanto porto-alegrenses quanto não porto-alegrenses parecem considerar que características e práticas tidas como típicas dos gaúchos, envolvendo cultura tradicionalista, não significam tanto para os nativos de Porto Alegre quanto significam para quem nasceu em cidades do interior, principalmente da campanha, como Uruguaiana e Alegrete, por exemplo. A construção dessa identidade gauchesca, baseada no homem do campo, aquele que tem o cavalo presente no cotidiano campeiro, que veste bombachas, botas e esporas, que usa o lenço no pescoço e carrega o chimarrão, se dá em uma sucessão de formas de participação, o que Wenger (1998) denomina trajetória, afirmando que o trabalho de constituição de identidade é contínuo porque se constitui no contexto social.

Para Wenger (1998), a formação de uma comunidade de prática é também negociação de identidades, as quais não são formadas apenas pelo que ocorre dentro da comunidade de prática, mas também envolvem a nossa posição e a posição da comunidade dentro da estrutura social geral. Foi assim que Paixão Côrtes negociou a identidade do gaúcho, como reconhecida hoje, em Porto Alegre. Foi necessária a negociação para que a identidade do homem campeiro deixasse de ser estigmatizada na capital. Paixão Côrtes partiu de sua posição e da posição da comunidade de prática Grupo dos Oito para legitimar a identidade do homem do campo em Porto Alegre. Conclui-se, então, que a identidade do gaúcho não foi construída na cidade, foi transplantada para a capital através do processo de negociação exercido por Paixão Côrtes e seu grupo. Hoje, é uma identidade reconhecida também na capital, mas não faz parte das práticas sociais diárias da maioria dos porto-alegrenses.

Como se verificou na análise quantitativa (capítulo 5, seção 5.1), os valores de aplicação de [r] são baixíssimos atualmente, comprovando que a variável investigada se tornou relíquia em Porto Alegre. Quando eventualmente é usada, verifica-se em *performances* gauchescas, sendo interpretada como típica por um certo público que, em Porto Alegre, afirma valorizar as tradições, mesmo que não as pratique, passando a ser utilizada como recurso estilístico para compor uma ou mais *personae*. O que dirige esses usos eventuais? Qual é a motivação ideológico-histórica que sustenta os usos e interpretações da realização de /r/ como vibrante múltipla alveolar, num sistema semiótico que envolve vestimentas, acessórios, atitudes, postura corporal, entre outros fatores, para incorporar a persona do gaúcho?

Realizam-se observações e entrevistas no CTG Tiarayú, em Porto Alegre, para verificar se a vibrante se faz presente na comunidade de prática ou revela-se somente em

ocasiões de apresentação para o grande público. Os resultados dessa etapa são apresentados na próxima seção.

### 5.3 OBSERVAÇÕES E ENTREVISTAS NA COMUNIDADE DE PRÁTICA

O texto que conta a história do CTG Tiarayú<sup>42</sup>, comunidade de prática observada nesta pesquisa, creditado a Reinaldo Vieira Dias e João Zi Menna Barreto Netto e resultante da pesquisa de Daltro Cassanta Dalla-Pace, resume os fatos até 1974. Afirma que, na década de 1950, logo após o movimento liderado por Paixão Côrtes ter se destacado, um grupo composto por Neri José Farias, Floriano Mendes dos Reis, Reinaldo Vieira Dias, Zilda Signor e Vera Camargo se formou atraído por

um movimento que estava crescendo no Rio Grande e especialmente em Porto Alegre, ali bem perto de nós no bairro Jardim Itu. Fomos convidados para assistir este movimento pelo Sr. Algemiro Colares, na época este cidadão já usava os trajes típicos do gaúcho. Curiosos pelo estilo da personagem bem falante que havia nos convidado, resolvemos ver de perto que movimento era este. Em certo domingo nos locomovemos até a sede da Sociedade Recreativa Amigos do Jardim Itu, onde ali era realizado o tal encontro, quando entramos no salão nos deparamos com várias pessoas vestidas à moda gaúcha, peões e prendas, aprendendo a dançar, ficamos encantados, fomos convidados a fazer parte daquele momento de aprendizado, das danças do folclore gaúcho. Este foi o primeiro gole de mate que tomamos, a partir daí não largamos mais a cuia, começamos então a fazer parte integral do grupo ou CTG. Que ainda não tinha nome. (DIAS; NETTO, 1974)

O Centro de Tradições Gaúchas Tiarayú só foi fundado oficialmente no dia 20 de setembro de 1962, na residência de João Zi Menna Barreto Netto, que abraçou a ideia de formar um CTG, após o grupo ter enfrentado resistência para a sua implantação:

Mas a sociedade Riograndense não estava aceitando o movimento tradicionalista, não viam com bons olhos os tais gaúchos, nós éramos taxados de grossos, e que nossas roupas não passavam de simples fantasias, não podíamos andar pilchados sem ouvirmos uma e outra movimentação contrária. Na sociedade do bairro não foi diferente, começaram as perseguições aos participantes do grupo dentro do clube Jardim Itu, desta forma vieram as limitações decretadas pela diretoria: apenas um ensaio por semana, só podiam fazer parte dos ensaios e do grupo, os sócios do clube e como a maioria não era sócia e nem morava no bairro, foi decretada a saída de todos, inclusive do Patrão Algemiro Colares. (DIAS; NETTO, 1974)

---

<sup>42</sup> Disponível em: <http://www.ctgtiarayu.com.br/historia>. Acesso em: 14 mar. 2020.

João Zi Menna Barreto era o 1º vice-presidente do Clube Jardim Itu, para onde o grupo retornou após alguns anos. Já conhecendo as dificuldades e as intenções do grupo, João Zi ofereceu a própria residência para os ensaios e reuniões. “Sr. João Zi, já conhecia bastante sobre gauchismo, pois é cria de São Gabriel, pertencendo à família do grande vulto da Revolução Federalista, Cel. João Propício Menna Barreto. Daí em diante, João Zi tornou-se nosso líder, nosso guia, nosso amigo.” (DIAS; NETTO, 1974).

Da residência do Sr. João Zi Menna Barreto, o CTG passou a sentir a necessidade de um lugar maior para os ensaios, mudando-se para a Escola Estadual Gustavo Ambrust até iniciarem as obras para a construção do próprio galpão do Tiarayú na Rua Abílio Miller, nº 251, mesmo local onde está situado atualmente o CTG.

Em 1º de maio de 1963, foi feito um ato solene do 1º esteio inaugural do Galpão Criolo, obra típica de madeira bruta, coberta de capim santa fé, chão batido e tablado rústico de madeira. Este galpão acomodava; churrasqueira, cozinha campeira, fogo de chão, biblioteca, roupeiros das pilchas, museu, secretaria e outras dependências. Seu endereço que perdura até os dias atuais, Rua Abílio Miller, 251 – Bairro Jardim Itu – Porto Alegre/RS. (DIAS; NETTO, 1974)

É importante destacar que o CTG Tiarayú reserva algumas particularidades em relação aos outros CTGs de Porto Alegre, pois atingiu um nível de trabalho e de qualidade altíssimo, tornando-se um grupo seletivo, no qual os participantes têm um compromisso rígido e uma exigência alta em relação à arte e à técnica desenvolvida pelo grupo. Nos eventos de competição, como o ENART<sup>43</sup>, o CTG Tiarayú é um dos mais – se não o mais – aguardado e carregado de expectativas positivas por parte do público e dos avaliadores, conforme afirmam os entrevistados nesta etapa da pesquisa.

Verifica-se que o CTG Tiarayú é uma comunidade de prática, onde identidades são construídas mediante a participação dos membros, porque, conforme Wenger (1998), nele há:

- a) **Mutualidade de engajamento:** O CTG assume o compromisso de mobilização dos membros para a preparação, nos ensaios, e a apresentação nos eventos tradicionalistas como ENART e Acampamento Farroupilha. Ao longo das observações e entrevistas realizadas no CTG, os membros demonstraram grande envolvimento com a preparação para as apresentações, não só com

---

<sup>43</sup> O Encontro de Artes e Tradição Gaúcha (ENART) é um movimento promovido todos os anos pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG). É considerado o maior festival de arte amadora da América Latina. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Encontro\\_de\\_Artes\\_e\\_Tradi%C3%A7%C3%A3o\\_Ga%C3%BAcha](https://pt.wikipedia.org/wiki/Encontro_de_Artes_e_Tradi%C3%A7%C3%A3o_Ga%C3%BAcha). Acesso em: 26 mar. 2020.

demandas técnicas, mas com a ajuda mútua entre membros. Alguns se dizem preocupados, também durante as apresentações, com o desempenho de outros membros no tablado e afirmam que se preparam para corrigir algum erro eventual que possa ocorrer durante a apresentação dos colegas.

- b) Responsabilidade com uma iniciativa: o CTG se mobiliza para tornar possível a compra de vestimentas e o pagamento de diárias em hotéis, além de alimentação, dos membros durante o ENART. Para isso, realizam jantares e apresentações abertas ao público no CTG ao longo do ano. Também nos ensaios essa responsabilidade se apresenta: escolhas e valorização de experiências se dão quando o instrutor orienta os ensaios e escolhe quem vai fazer parte do grupo que vai para Santa Cruz do Sul (RS) apresentar-se no ENART, representando o CTG. Todos os membros se envolvem na busca por aperfeiçoamento e auxiliam uns aos outros, compreendendo que, sem responsabilidade com o grande evento e sem ajuda mútua, não se atinge o objetivo com sucesso.
- c) Negociabilidade de repertório: no CTG, o repertório importa principalmente para a internada adulta, a qual participa das grandes competições de dança. Membros novos vêm, geralmente, de outros CTGs, e já têm um repertório significativo de participação em Centros de Tradições Gaúchas. Esse repertório conta na escolha do instrutor ao definir quem vai integrar o grupo durante a apresentação, considerando também o repertório construído dentro do CTG Tiarayú, ao longo do tempo, e o desempenho nos ensaios.

No CTG, por exemplo, o papel que o membro desempenha é uma parte da sua identidade. Um membro que atua como ensaiador, por exemplo, já tem vasta experiência artística em CTGs, amor pela tradição gaúcha, responsabilidade com o grupo, etc. Um membro que atua como dançarino na internada xirú, na qual dançam os membros de faixa etária maior, pode participar apenas como alguém que busca no CTG um exercício físico fora de casa para conviver com pessoas da mesma faixa etária e fazer amigos. Ambos têm, além do papel definido no CTG, papéis que desempenham fora do CTG, seja como professor, como aluno, como pai, como filho, como irmão, entre outros diversos papéis que alguém pode desempenhar em um mesmo período da vida, e todos esses papéis fazem parte da identidade de cada um.

Um membro de CTG que atue como ensaiador em uma das invernadas, orientando o grupo dos homens, é também um membro que deve obedecer às instruções dadas pelo instrutor quando o ensaio é geral. Esse ensaiador pode ser, fora daquele CTG, professor em outro CTG. Esse ensaiador tem, fora do CTG, outros papéis em outras comunidades de prática, como aluno da universidade, como professor em escola, como filho e/ou como pai em uma família, etc. Um ensaiador, provavelmente responde diferentemente de outros membros perante uma mesma circunstância, devido à responsabilidade, ao conhecimento artístico, ao tempo de participação, entre outros fatores.

Os entrevistados contam que novos integrantes geralmente vêm de outros CTGs do estado, dificilmente alguém entra para a invernada adulta do Tiarayú sem ter participado ou tido experiência prévia em Centros de Tradições Gaúchas. Isso se dá, segundo eles, porque o Tiarayú representa um grupo unido e forte que tem muita qualidade artística na invernada adulta, como afirma o entrevistado 1 (E1):

Nós vivemos pra apresentação. Todos nós aqui que dançamos no Tiarayú nós somos artistas, assim, ao máximo. Ao máximo mesmo, assim. Tu encontra isso, chutando por cima, em no máximo mais uns quatro grupos no estado inteiro. Essa veia artística e competitiva que a gente tem no Tiarayú, ela é muito rara, ela é muito rara. (E1)

O entrevistado 4, ao longo da entrevista, diz que: “É um peso muito grande vestir a camisa do Tiarayú”.

Os grupos de crianças e de idosos às vezes recebem pessoas que apenas querem fazer uma atividade física ou gostam de dançar, sem necessariamente ter o gosto específico pelo tradicionalismo gaúcho. As crianças vão, geralmente, porque os pais frequentam. Os idosos vão, algumas vezes, apenas para sair de casa, ter amigos e fazer uma atividade física. O gosto pelo tradicionalismo e/ou experiência em CTGs, nessas categorias, não é, necessariamente, critério para participação.

O CTG Tiarayú tem, segundo o palpite de um dos entrevistados, cerca de 80% de participantes porto-alegrenses. Quando questionado sobre o papel do porto-alegrense perante o tradicionalismo gaúcho e sobre algumas afirmações que se leem em comentários de *blogs* e vídeos do YouTube de que os porto-alegrenses não cultivam a tradição e não defendem a cultura gaúcha, o entrevistado 1 responde:

O porto-alegrense, ele é castrado de muita coisa. Ele vive no meio da cidade. Então tem muita coisa que o porto-alegrense não consegue fazer, coisa que... lá em Mostardas, por exemplo, os meus alunos vão pro ensaio a cavalo. Vão

pro ensaio a cavalo. Descem do cavalo vão lá e ensaiam. Como é que eu vou fazer isso? Como é que eu vou pegar a [rua] Baltazar aqui montado num cavalo? Então o porto-alegrense ele é castrado de algumas coisas, assim. E eu realmente acho um absurdo dizer que o porto-alegrense não cultiva ou não, não... porque eu acho que isso não é do... do... isso não é localista. Eu acho que isso é individual. Eu posso morar no Alegrete e gostar de *rock*, sabe? Como eu posso morar em São Paulo. Tem muita gente que mora em São Paulo, é paulista, nós temos um dançarino paulista aqui, que morava em São Paulo e veio... veio morar aqui agora e tá dançando conosco. Porque lá ele dançava, porque lá ele conheceu a cultura, e ele veio pra cá dançar conosco aqui. São Paulo tem muito CTG, Bahia tem CTG... tem CTG no mundo inteiro. (E1)

No entanto, para os entrevistados, o porto-alegrense adotou a cultura do gaúcho, mesmo que o porto-alegrense seja de origem açoriana, conforme afirma o entrevistado 2:

O porto-alegrense, ele é bem cultural assim, sabe? Porto Alegre, por ser açoriano, ele... ele... os açorianos, eles captaram o gauchismo que a gente fala assim muito grande, sabe? Tanto é no chimarrão, tu vai para o Gasômetro tem o pessoal tomando chimarrão... o próprio Inter e Grêmio que é... os dois gaúchos. Então, tipo, a cultura gaúcha... tu vai nas churrascarias em Porto Alegre é show gaúcho, sabe? Então, tipo assim, o porto-alegrense ele... ele... ele é gaúcho. **Ele é açoriano de origem, mas ele adotou a cultura do gaúcho, sabe?** Então, tipo... a maioria das pessoas de Porto Alegre sabe o que é um CTG, por mais que ‘Ah eu não vou frequentar, mas eu sei o que é um CTG’ [...] a maioria dos porto-alegrenses simpatizam com o CTG, porque... por vários eventos, pelo próprio acampamento do Harmonia que tem todo ano, né? Que daí... move muita gente, né? Pra ti ver, vem gente de fora e as pessoas que tão aqui também, tipo é uma maneira da gente cultivar elas, né?. (E2)

Ainda sobre a participação e/ou aceitação do porto-alegrense em relação ao tradicionalismo gaúcho, fez-se a pergunta sobre, talvez, o porto-alegrense ser o gaúcho que participa eventualmente de certas atividades, seja como espectador ou como participante ativo, já que é, como afirmou o primeiro entrevistado (E1), um tanto “castrado de certas coisas”, no sentido de ser privado de, por exemplo, andar a cavalo no dia a dia da cidade. Esse gaúcho, por ser privado de certos hábitos e habilidades do homem do campo, não consegue cumprir à risca as características determinadas como típicas do “gaúcho raiz” e, portanto, acaba sendo chamado de “gaúcho nutella” ou “gaúcho de apartamento”, que é aquele que distorce essas características tidas como originais. O entrevistado 2 responde:

Quando a mídia vai pro gaúcho de apartamento, quando a mídia vai pro gaúcho... da Semana Farroupilha, ali, eles remetem muito às pessoas que, duma certa forma, gostam da cultura gaúcha, mas naquela data específica por a grande maioria das pessoas serem o gaúcho, ter a cultura... ele, tipo, quer interagir naquele meio, então tipo, tem o gaúcho da Semana Farroupilha, que muitas vezes é grandes empresários, ou pessoas que trabalham em escritórios, tipo... que vida é trabalhar, trabalhar, trabalhar e aí naquela semana do mês Farroupilha ali se lembra que é o mês do gaúcho, né, que eles falam e daí vão pra ali e, claro, as lojas de pilcha ganham muito porque daí tu vai comprar uma

pilcha pra ir pra lá, mas por que tu vai comprar... é que nem tipo ah... os gaúcho de apartamento e gaúcho de Semana Farroupilha, mas por que que tem esses gaúchos? Porque tem a grande maioria que é o gaúcho mesmo, da cultura, da tradição. (E2)

O entrevistado 3 afirma que:

No geral nós somos muito bairristas né? Então, mesmo que tu não participe efetivamente, tu defende aquela história, aquela, sabe, querendo ou não a tradição toda ali mas... mesmo sem participar do CTG, a história em si eu acho que a gente defende, independente disso. (E3)

A entrevistada 4 rebate, dizendo: “Eu acho que o gaúcho em si ele mais se importa na hora do Harmonia, por exemplo, lá em setembro, do que no resto, sabe? Tanto que se tu andar... sei lá... preciso pegar um ônibus pilchada, tu é vista como um E.T. na rua né... tanto homem quanto mulher”.

A pesquisadora pergunta: “Aqui em Porto Alegre?”.

O entrevistado 4 responde:

Sim, aqui em Porto Alegre. Tanto homem quanto mulher. Eu que convivo mais em Pelotas, por exemplo, as pessoas têm o costume de andar mais de bombacha, uma boina, um negócio. Aqui a gente não tem isso. Aqui a gente não vê um homem de bombacha, alpargata e boina andando de ônibus, por exemplo. Lá eles têm mais isso. Acho que justamente pela questão de faculdade federal e tal, vem muita gente de fora, do interior, que acaba tendo mais esse hábito né... do que a gente aqui em Porto Alegre [...] aqui em Porto Alegre é bem mais perdida essa cultura. (E4)

A vibrante múltipla alveolar em *onset* silábico não apareceu no falar dos entrevistados, nem no falar do instrutor que os acompanha durante os ensaios. As instruções, correções e sugestões dadas pelo instrutor e pelos ensaiadores em voz alta foram observadas ao longo dos dois períodos de observação, e em nenhuma delas emergiu a vibrante múltipla alveolar. Nas entrevistas não foi diferente. A pesquisadora optou por incluir uma pergunta mais direta nas entrevistas e na conversa informal com o instrutor no intervalo de 10 minutos do segundo ensaio, indagando sobre a presença de automonitoramento linguístico em entrevistas em televisão e rádio e sobre as atividades no Parque Harmonia por ocasião do Acampamento Farroupilha. O instrutor e os entrevistados responderam que não há preocupação com o uso de características linguísticas que pudessem compor a *persona* do gaúcho nessas situações. No entanto, um dos entrevistados admite por alto que, se o membro do CTG teve/tem acesso à certas características de fala da família de origem, pode sim decidir usá-las nesses momentos se

considerar necessário, mas admite que não é comum. A vibrante múltipla parece emergir somente em situações de entrevista e narração quando em eventos oficiais ou programas de televisão e rádio, se o falante cresceu em contato com a variante. No entanto, tem se tornado cada vez menos frequente.

Quando os entrevistados mencionam aspectos linguísticos, se referem aos lexicais, como faz o entrevistado quatro ao falar sobre diferenças entre o português falado em Pelotas, onde nasceu, e o português falado em Porto Alegre, onde vive desde os três anos de idade:

Eles têm um sotaque bem mais puxado que o nosso. Tanto que lá em Pelotas tudo eles falam visse, fizesse... ‘ai, visse tal coisa? Fizesse tal coisa?’. Aqui a gente não usa isso. Tanto que quando eu vou pra lá, eu falo: ‘ah tu fez tal coisa?’. Daí eles falam: ‘Não. Fizesse tal coisa’. Aí então umas coisas assim que quando eu volto de lá, volto falando assim, sabe? Aí as pessoas me cobram: ‘ai começou a pelotense, viu... fizesse... tu fizesse tal coisa?’. (E4)

A preocupação com a língua não se sobressai nos ensaios, que são realizados com ênfase na interpretação facial e corporal, por meio de posturas e expressões faciais, conforme observou-se ao longo dos ensaios da *invernada adulta*. Também importam as vestimentas. Os membros da *invernada* ensaiam, pelo menos, com peças de roupa que são essenciais aos movimentos, como por exemplo a saia longa das mulheres. As saias são movimentadas ao longo das danças e fazem parte do conjunto de passos e movimentos corporais que compõem a interpretação da coreografia. Os homens também vestem, em geral, uma bombacha e uma alpargata. O instrutor é o que mais segue à risca o conjunto de vestimentas, estando de camisa, lenço, bombacha, cinto, alpargata, faltando apenas o chapéu. Ele observa e corrige cada detalhe da interpretação dos dançarinos, como por exemplo, um movimento que projeta o tórax para frente de forma exagerada ou uma expressão facial que vai de encontro ao que deveria ser interpretado em determinado trecho da dança.

A observação e as entrevistas no CTG Tiarayú revelaram, então, que mesmo em uma comunidade de prática de tradicionalismo gaúcho, se reproduz o padrão da comunidade de fala de Porto Alegre: praticamente não se verifica a realização de /r/ em *onset* silábico como vibrante múltipla alveolar na fala casual, a despeito do alto grau de identificação do grupo com as raízes da tradição. Pelo relato dos membros, a motivação para um uso eventual da vibrante e de outros traços linguísticos poderia estar nas famílias ou localidades de origem dos falantes, que não Porto Alegre. Ou seja, embora, nesta tese,

se tenha explorado a ideia de que a vibrante alveolar seja recurso semiótico para a construção de *personae* gaúchas, na verdade ela é variante de *performance* artística gaúcha com algum grau de estereotipia, bastante controlada nessa atividade, o que explica a raridade da realização na fala cotidiana, até mesmo em comunidades de prática ligadas às tradições gaúchas.

Durante as observações e entrevistas, emergiu a visão de que o porto-alegrense é privado de realizar práticas campeiras, peculiares às áreas rurais – andar a cavalo, por exemplo. Na ótica dos entrevistados, essa visão explicaria por que o porto-alegrense gosta da “cultura gaúcha”, mas não pratica a “cultura gaúcha” com maior apego e intensidade. Essa lógica poderia ser estendida também à linguagem? Em outras palavras, e especialmente sobre o comportamento linguístico, indagamos: o porto-alegrense percebe a realização de /r/ como vibrante múltipla alveolar como porto-alegrense? Como gaúcha? Como ele avalia essa variante? Que significados sociais podem ser evocados pela variante? Não usar vibrante múltipla tem a ver com a urbanidade de Porto Alegre?

O estudo de percepção e avaliação objetiva identificar quais as variáveis (categorias de significação ou significados sociais) são relacionadas pelos ouvintes ao uso da vibrante múltipla alveolar em *onset* silábico, quais as realizações indexam o gaúcho e quais indexam o porto-alegrense; a partir disso, relacionar os significados sociais ao uso da vibrante alveolar na capital.

#### 5.4 A PERCEPÇÃO E AVALIAÇÃO DOS PORTO-ALEGRENSES SOBRE AS REALIZAÇÕES DE /R/ EM *ONSET* SILÁBICO NA CAPITAL GAÚCHA

A primeira etapa do estudo de percepção e avaliação linguística com porto-alegrenses foi realizada por meio de entrevistas abertas e a segunda, por meio de um questionário *online* de avaliação.

##### 5.4.1 Entrevistas abertas

Nas entrevistas abertas, os seis participantes podiam fazer afirmações sobre os quatro estímulos que escutavam, partindo das perguntas: “Como você imagina essa pessoa que está falando? Como ela é fisicamente? Qual é a personalidade dela? Onde você acha que ela vive?”.

O primeiro estímulo foi gravado por uma mulher produzindo vibrante múltipla em *onset* silábico; o segundo foi gravado pela mesma mulher produzindo a fricativa em *onset*; o terceiro estímulo foi gravado por um homem produzindo a vibrante múltipla alveolar em *onset*; o quarto estímulo foi gravado pelo mesmo homem produzindo a fricativa em *onset*.

Devido à grande dificuldade de encontrar porto-alegrenses capazes de produzir a vibrante múltipla em *onset* silábico com naturalidade, o estudo de percepção se limitou a quatro estímulos e foi necessário buscar pessoas de fora da cidade para a gravação dos estímulos. A mulher é descendente de italianos e reside em uma cidade do oeste catarinense, onde nasceu. Ela pertence à faixa etária de 30 a 40 anos e é professora. O homem é natural de uma cidade da região metropolitana de Porto Alegre e reside na capital. Ele pertence à faixa etária de 20 a 30 anos e é ator. Ambos têm formação em Letras e são professores. Esse primeiro desafio enfrentado para a gravação dos estímulos, a dificuldade de encontrar porto-alegrenses que realizassem a vibrante com naturalidade, já confirmava os resultados da análise de regra variável, os quais indicavam que a variante não se faz mais presente no falar dos porto-alegrenses.

No decorrer das entrevistas abertas, as percepções verbalizadas pelos ouvintes são sobre a idade do falante, o sotaque, o local de origem e/ou de moradia, considerando-se sua possível localização no eixo interior-capital e as afirmações sobre o gênero do falante. A metade dos ouvintes mencionou que há diferenças na pronúncia de /r/ nos estímulos, afirmando que em alguns o falante “puxa mais no r”.

A participante da zona leste de Porto Alegre, ensino superior e idade acima de 60 anos, menciona que o estímulo gravado pela mulher utilizando a vibrante múltipla alveolar em *onset* silábico parece ser de uma mulher loira, pele clara, do interior e do “tipo alemã”. A indústria cultural do Rio Grande do Sul reforça o estereótipo do imigrante europeu através dos quadros de humor e da publicidade, incluindo a variante para compor a *persona* descendente de imigrantes europeus, em sua maioria italianos ou alemães, o que faz com que haja no imaginário dessa participante a relação entre a vibrante múltipla alveolar e a *persona* do imigrante alemão no Rio Grande do Sul. As pesquisas em sociolinguística variacionista (Monaretto, 1992, 1997) já comprovaram que essa variante é realizada em maior índice pelos falantes de origem italiana e alemã que vivem no estado e também por falantes residentes na região de fronteira, onde o contato com o espanhol é significativo.

A participante da zona norte, ensino superior, 40 anos de idade, ao ouvir o estímulo masculino com realização fricativa, afirma que ele é “mais da cidade grande, porque não tem tanto sotaque, não puxa tanto o r”. Ao ouvir o estímulo masculino com vibrante, afirma que ele “é do interior, por causa do r”.

O participante da zona norte, ensino médio, 40 anos, identificou os estímulos masculino e feminino com realização fricativa como mais porto-alegrenses. Nos estímulos com vibrante, identificou o falar da mulher como mais de interior, mas não soube afirmar se o homem é porto-alegrense ou interiorano.

O falar feminino com realização fricativa foi identificado por mais de um participante como mais jovem, enquanto, para o falar feminino com vibrante, sugeriram idades mais avançadas.

Com base nas respostas dos ouvintes às perguntas realizadas durante as entrevistas abertas, chegou-se às seguintes variáveis ou categorias/classes de significação: *ser do interior, gaúcha, porto-alegrense, ter sotaque, jovem, masculino, escolarizada, formal, inteligente e amigável*. Essas variáveis, sugeridas direta ou indiretamente pelas respostas dos ouvintes, foram incluídas na etapa seguinte, a do questionário *online*, aplicado via Google Forms.

#### 5.4.2 Questionário online

O questionário *online* foi aplicado para 34 participantes com o objetivo de identificar quais variáveis são relacionadas por eles à realização de vibrante múltipla alveolar em *onset* silábico em Porto Alegre (RS) e, a partir disso, identificar os significados sociais aos quais a variante pode estar relacionada.

O questionário esteve disponível por uma semana, com a intenção de obter o maior número de participantes quanto fosse possível. As pessoas que recebiam o *link* do questionário por meio da pesquisadora poderiam compartilhar o *link* com seus contatos. Os participantes têm entre 20 e 57 anos, sendo 15 deles pertencentes à faixa etária dos 40 aos 59 anos e 19 pertencentes à faixa etária dos 20 aos 39 anos, se os classificarmos como na estratificação do LínguaPOA. Pessoas pertencentes à faixa etária dos 60 anos ou mais não responderam ao questionário.

Ao receber o questionário, o participante deveria ouvir cada um dos estímulos (homem utilizando a vibrante, homem utilizando a fricativa, mulher utilizando a vibrante e mulher utilizando a fricativa) e responder, marcando em uma escala de 1 (nem um

pouco) a 5 (muito), o quanto o falar ouvido soava *gaúcho*, *porto-alegrense*, *ter sotaque*, *ser do interior*, *inteligente*, *formal*, *amigável*, *jovem*, *escolarizado*, *masculino*.

A seguir são apresentados os resultados da análise estatística das respostas ao questionário, realizada no IBM SPSS, versão 20, por meio de Teste Não Paramétrico de Friedman, além de estatísticas descritivas (média, mediana e desvio-padrão) e de teste de Comparações Pareadas. Apresentam-se também os *boxplots* feitos no RStudio.

Não foram identificadas diferenças estatisticamente significantes entre as avaliações dos quatro estímulos para as categorias *amigável* ( $p = 0,159$ ), *escolarizado* ( $p = 0,169$ ) e *gaúcho* ( $p = 0,420$ ). Apresentaremos, portanto, as estatísticas descritivas e os *boxplots* dessas variáveis para cada variável linguística (vibrante e fricativa), após os resultados de todas as outras.

O teste de Friedman indicou a classe *formal* como estatisticamente significativa ( $p = 0,001$ ). As médias para essa classe estão entre 2 e 3, bem como as medianas, conforme a Tabela 5.

Tabela 5 – Estatística descritiva para a variável *formal*

	N	Média	Mediana	Desvio-Padrão
homem/fricativa	34	2,85	3,0	1,105
mulher/fricativa	34	2,26	2,0	0,790
homem/vibrante	34	2,44	2,0	1,050
mulher/vibrante	34	2,76	3,0	1,046

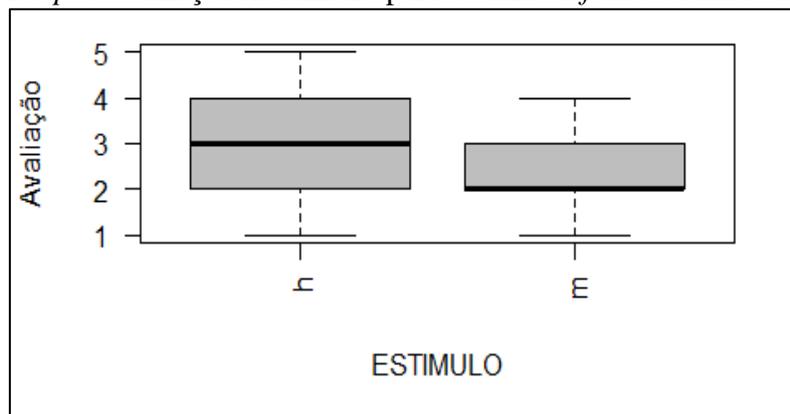
$p = 0,001$

Fonte: Elaborado pela autora.

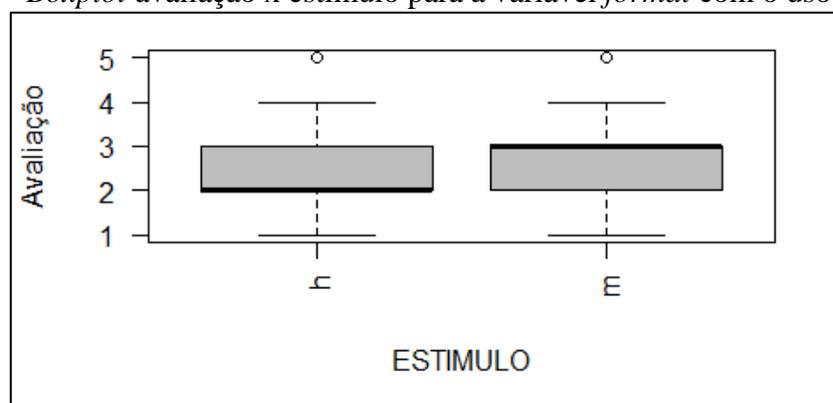
Os *boxplots* ilustram a distribuição das avaliações pelos estímulos. É possível visualizar as medianas (quartil 2), que, segundo Motta e Wagner (2003) apresenta uma estimativa de tendência central, e o intervalo entre o quartil 1 e 3, ou altura da caixa, uma estimativa da variabilidade geral dos dados.

A variabilidade geral dos dados do estímulo gravado pelo homem (h) utilizando a forma fricativa (Gráfico 3) vai do nível 2 até o nível 4 da escala de avaliação, passando pela mediana 3, ou seja, as avaliações estão concentradas entre pouco formal e muito formal, indicando que a tendência geral das avaliações está concentrada no ponto 3 da escala. A variabilidade geral dos dados para o estímulo gravado pelo homem utilizando a vibrante está entre o ponto 2 e o ponto 3 da escala de avaliação e a mediana no ponto 2. Ao contrário das avaliações para os estímulos com fricativa, as avaliações para os

estímulos com vibrante gravados pelo homem não ultrapassam o ponto 3, com exceção de uma avaliação que destoa das demais, indicada pelo círculo acima da altura da caixa do estímulo gravado pelo homem produzindo a vibrante, indicando que a variante não é percebida como formal. Para o estímulo gravado pela mulher (m) com fricativa e com vibrante, a altura da caixa é a mesma, ou seja, a variabilidade geral de dados está entre 2 e 3, a diferença é a mediana que, para fricativa é 2 e para vibrante é 3, indício de que a tendência geral é o falar da mulher com fricativa soar menos formal do que o falar com vibrante.

Gráfico 3 – *Boxplot* avaliação x estímulo para a variável *formal* com o uso de fricativa

Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 4 – *Boxplot* avaliação x estímulo para a variável *formal* com o uso de vibrante

Fonte: Elaborado pela autora.

O teste de Friedman mostrou que há diferença estatisticamente significativa entre as avaliações de ao menos 2 dos 4 estímulos para a categoria *formal* ( $p = 0,001$ ). Para verificar quais estímulos diferem entre si, fez-se um teste de comparações pareadas que identificou a existência de diferença estatisticamente significativa, levando em conta a significância não ajustada<sup>44</sup>, entre os estímulos: mulher/fricativa e homem/fricativa ( $p =$

<sup>44</sup> O ajuste utilizado é chamado de Ajuste de Bonferroni. Ele divide o nível de significância (alfa) do teste geral (ex. Friedman) que geralmente é de 0,05 (5%) pelo número de comparações pareadas que estão sendo feitas. Por exemplo, se estamos comparando 4 grupos (4 estímulos) são 6 comparações pareadas (1x2; 1x3; 1x4; 2x3; 2x4 e 3x4) e então o alfa é dividido por 6 ( $0,05 / 6 = 0,008333$ ). Assim somente são consideradas significantes as diferenças cujo valor-p for menor do que 0,008333. Ou, de forma equivalente, o valor-p do teste é multiplicado por 6 (ex.  $0,011 \times 6 = 0,066$ ). É feito isso por que quando se fazem várias comparações pareadas, há um aumento na chance de ocorrer o Erro Tipo I (concluir que há diferença entre os estímulos quando na verdade não há). Por isso, ao utilizar o ajuste de Bonferroni, somente concluímos que há diferença entre os estímulos (comparados aos pares) quando a probabilidade do Erro Tipo I for bem pequena (no exemplo citado seria de 0,833%, ou 0,00833). A literatura cita que esse ajuste é conservador, ou seja, ele pode não indicar diferenças entre estímulos que são, na realidade, diferentes. Utilizar a significância não ajustada aumenta a chance do Erro Tipo I (indicar a existência de diferenças entre estímulos que na realidade não são diferentes). E utilizar a significância ajustada aumenta a chance do Erro Tipo II (não indicar a existência de diferenças entre estímulos que na realidade

0,011), homem/vibrante e mulher/vibrante ( $p = 0,049$ ) e mulher/fricativa e mulher/vibrante ( $p = 0,009$ ).

Os resultados das comparações pareadas indicam que variável *formal* apresenta diferenças estatisticamente significantes de avaliações em relação a sexo/gênero. Enquanto o falar do homem com vibrante é percebido como pouco formal (mediana 2), o falar da mulher é percebido como pouco formal quando utiliza a fricativa (mediana 2). Essa diferença pode indicar que os ouvintes percebem que a realização vibrante é mais natural no falar da mulher, a qual vive em uma cidade do oeste catarinense e é de origem italiana, do que no falar do homem, natural de Guaíba, cidade vizinha a Porto Alegre, o qual vive na capital há bastante tempo. Essa naturalidade parece ter sido associada pelos ouvintes à formalidade, no sentido de monitoramento, ou seja, o homem ao utilizar a vibrante parece estar monitorando a fala, enquanto a mulher parece fazer o mesmo ao utilizar a fricativa.

Os resultados das comparações pareadas indicam também que há diferenças estatisticamente significativas entre os estímulos com realização fricativa e vibrante gravados pela mulher. O falar da mulher soa menos formal com a realização fricativa, característica que os ouvintes podem ter considerado como menos natural para o falar da mulher que gravou os estímulos para este estudo.

Os estímulos gravados pela mulher voltam a figurar como portadores de diferenças estatisticamente significantes quando se trata da variável *inteligente*. Essa variável foi considerada significativa pelo teste de Friedman ( $p = 0,004$ ). As médias estão entre 2,68 e 3,15 e as medianas entre 2,5 e 3, conforme a Tabela 6.

Tabela 6 – Estatística descritiva para a variável *inteligente*

	n	Média	Mediana	Desvio-Padrão
homem/fricativa	34	3,06	3,0	1,071
mulher/fricativa	34	3,15	3,0	0,892
homem/vibrante	34	2,79	3,0	0,978
mulher/vibrante	34	2,68	2,5	0,912

$p = 0,004$

Fonte: Elaborado pela autora.

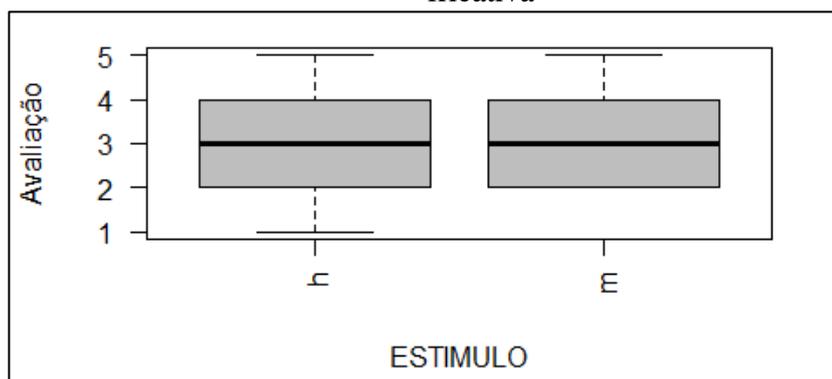
Os *boxplots* ilustram a distribuição das avaliações pelos estímulos para essa variável. A variabilidade geral dos dados dos estímulos gravados tanto pelo homem

---

são diferentes). Utilizar uma ou outra passa pela avaliação de qual destes tipos de erros é o mais "aceitável" ou o "menos ruim".

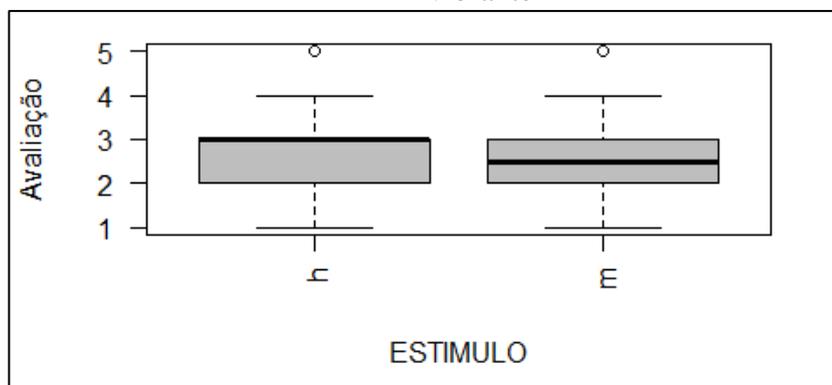
quanto pela mulher utilizando a forma fricativa está entre os níveis 2 e 4 de avaliação, com mediana 3, ou seja, as avaliações estão concentradas entre pouco inteligente e muito inteligente, indicando que a tendência geral das avaliações é o ponto 3 da escala. Não há diferenças estatisticamente significativas em relação ao sexo/gênero para ambas as realizações, conforme a comparação pareada. Os estímulos com vibrante foram avaliados entre os pontos 2 e 3 da escala, com médias muito próximas (2,68 para o estímulo feminino e 2,79 para o estímulo masculino) e medianas 3 para o falar do homem e 2,5 para o falar da mulher. Conclui-se que, embora as avaliações apresentem tendência geral para o ponto 3 da escala, o falar com vibrante foi percebido como um pouco menos inteligente do que o falar com fricativa por alguns ouvintes, considerando-se a altura da caixa. O estímulo feminino com vibrante tende a ser percebido como menos inteligente em relação aos outros três estímulos.

Gráfico 5 – *Boxplot* avaliação x estímulo para a variável *inteligente* com o uso de fricativa



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 6 – *Boxplot* avaliação x estímulo para a variável *inteligente* com o uso de vibrante



Fonte: Elaborado pela autora.

O teste de Friedman indicou que há diferença estatisticamente significativa entre as avaliações de ao menos 2 dos 4 estímulos para a categoria *inteligente* ( $p = 0,004$ ). Para verificar quais estímulos diferem entre si, fez-se um teste de comparações pareadas que identificou a existência de diferença estatisticamente significativa, levando em conta a significância não ajustada, entre os estímulos: mulher/fricativa e mulher/vibrante ( $p = 0,019$ ).

Os resultados das comparações pareadas indicam que a variável *inteligente* apresenta diferenças estatisticamente significantes de avaliações em relação a realização de /r/ no falar da mulher. Conforme a Tabela 6 e os Gráficos 5 e 6, o estímulo com vibrante é percebido como menos inteligente no falar feminino, com média 2,68 e mediana 2,5, abaixo do ponto 3. No falar do homem, as realizações de /r/ não apresentam diferenças estatisticamente significantes em relação à variável *inteligente*.

Por haver uma diferença muito pequena entre as avaliações, acredita-se que esse resultado esteja relacionado a maior homogeneidade no falar do homem. Alguns ouvintes que participaram das entrevistas abertas percebiam que o homem era o mesmo no estímulo com vibrante e no estímulo com fricativa. As avaliações dos estímulos femininos apresentam mais diferenças, atestadas pelos gráficos e pelos resultados das comparações pareadas para quase todas as variáveis.

A classe *interior* aparece como uma das mais significativas estatisticamente pelo Teste de Friedman ( $p < 0,001$ ). As médias estão entre 1,44 no estímulo gravado pelo homem utilizando a forma fricativa, e 3,79 no estímulo da mulher utilizando a vibrante. As medianas estão entre 1 e 4, respectivamente, conforme a Tabela 7.

Tabela 7 – Estatística descritiva para a variável *interior*

	n	Média	Mediana	Desvio-Padrão
homem/fricativa	34	1,44	1,0	0,705
mulher/fricativa	34	2,26	2,0	1,189
homem/vibrante	34	2,74	3,0	1,263
mulher/vibrante	34	3,79	4,0	1,175

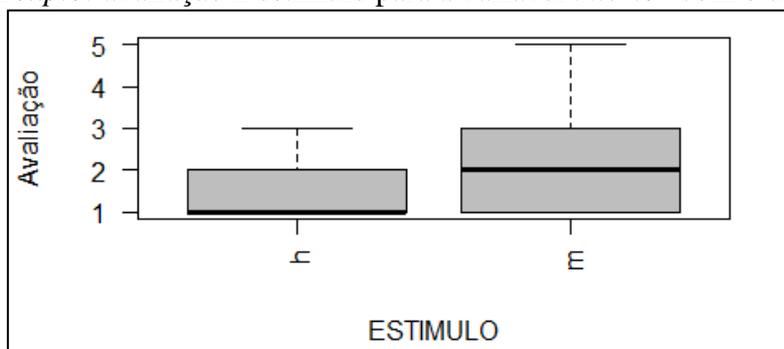
$p < 0,001$

Fonte: Elaborado pela autora.

Os *boxplots* abaixo (Gráficos 7 e 8) ilustram a distribuição das avaliações pelos estímulos para essa classe. A variabilidade geral dos dados dos estímulos gravados utilizando a fricativa estão entre 1 e 2 para o estímulo masculino e 1 e 3 para o estímulo feminino, enquanto as medianas são 1 e 2, respectivamente. É nítido que, para os ouvintes

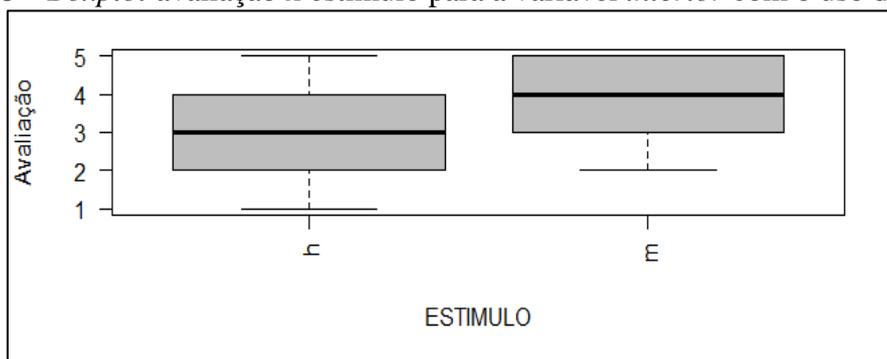
porto-alegrenses, a fricativa não soa como característica do falar interiorano. A vibrante foi avaliada como mais característica do interior no estímulo gravado pela mulher. O estímulo gravado pelo homem utilizando essa variante obteve avaliações mais neutras, com mediana em 3 e variabilidade geral dos dados entre 2 e 4.

Gráfico 7 – *Boxplot* avaliação x estímulo para a variável *interior* com o uso de fricativa



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 8 – *Boxplot* avaliação x estímulo para a variável *interior* com o uso de vibrante



Fonte: Elaborado pela autora.

O teste de Friedman mostrou que há diferença estatisticamente significativa entre as avaliações de ao menos 2 dos 4 estímulos para a categoria *interior* ( $p = 0,001$ ). Para verificar quais estímulos diferem entre si, fez-se um teste de comparações pareadas que identificou a existência de diferença estatisticamente significativa, levando em conta a significância ajustada, entre os estímulos: homem/fricativa e homem/vibrante ( $p = 0,002$ ), homem/fricativa e mulher/vibrante ( $p < 0,001$ ), mulher/fricativa e mulher/vibrante ( $p < 0,001$ ) e homem/vibrante e mulher/vibrante ( $p = 0,006$ ).

Destaca-se, portanto, que as avaliações diferem levando em conta o sexo/gênero no que diz respeito à realização vibrante, em que o falar da mulher é percebido como mais característico do interior do que o do homem, o qual tem avaliação mais neutra. Em relação às realizações, tanto no estímulo do homem quanto no da mulher, a comparação

entre os pares confirma a estatística descritiva e os *boxplots*, que indicam que os falares com fricativa não são percebidos como característicos do interior. Os estímulos homem/fricativa e mulher/vibrante são os que apresentam avaliações mais distantes na escala de 1 a 5. O falar do homem com fricativa varia entre 1 e 2, com mediana em 1, ou seja, nem um pouco característico do interior, e o falar da mulher com vibrante entre 3 e 5, com mediana 4, identificado como bastante interiorano.

A variável *porto-alegrense* aparece como uma das mais significativas estatisticamente pelo Teste de Friedman ( $p < 0,001$ ) ao lado da classe *interior* e os resultados convergem. Enquanto o estímulo feminino com vibrante é percebido como característico do interior, com média 3,79 e mediana 4, esse estímulo é avaliado como nem um pouco porto-alegrense, com média 1,62 e mediana 1, conforme a Tabela 8. Esse é o resultado que torna mais visível a diferença de percepção dos ouvintes em relação à vibrante. Em geral, a fricativa é percebida como nem um pouco ou pouco característica do interior, enquanto a vibrante é percebida como nem um pouco ou pouco porto-alegrense.

Tabela 8 – Estatística descritiva para a variável *porto-alegrense*

	n	Média	Mediana	Desvio-Padrão
homem/fricativa	34	3,24	3,0	1,257
mulher/fricativa	34	2,56	3,0	1,307
homem/vibrante	34	2,18	2,0	1,193
mulher/vibrante	34	1,62	1,0	0,922

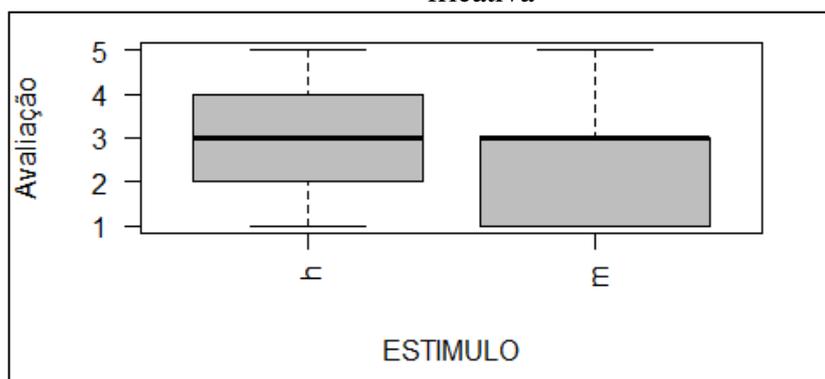
$p < 0,001$

Fonte: Elaborado pela autora.

Os *boxplots* abaixo (Gráficos 9 e 10) ilustram a distribuição dos dados pelos estímulos para essa variável, possibilitando a comparação. A variabilidade geral dos dados com realização fricativa no falar do homem está entre 2 e 4, com mediana em 3. Alguns ouvintes consideram como pouco porto-alegrense e outros como bastante, mas a tendência geral das avaliações está no ponto 3 da escala. Já o estímulo gravado pela mulher realizando a fricativa tem variabilidade de dados entre 1 e 3, estando também a mediana em 3, mas ouvintes marcaram avaliações abaixo de 3, considerando o falar com fricativa pouco porto-alegrense. Os estímulos com vibrante têm variabilidade de dados abaixo de 3 e, novamente, o falar da mulher é percebido como menos porto-alegrense do que o falar do homem, embora ambos tenham mediana abaixo de 3 e a altura da caixa também. A altura da caixa do estímulo gravado pela mulher realizando a vibrante indica

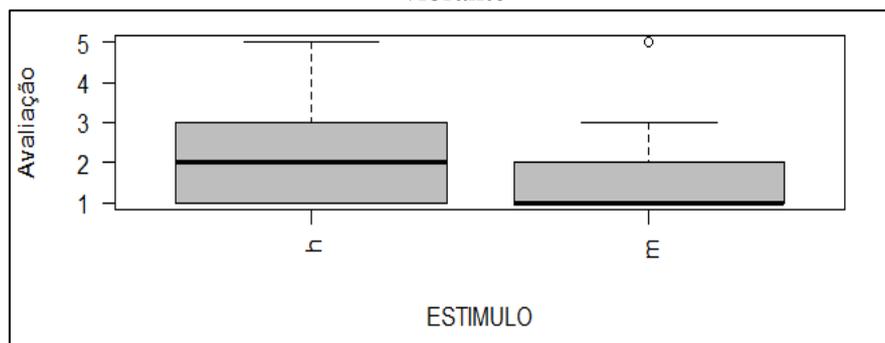
uma variabilidade geral dos dados entre 1 e 2, ou seja, de nem um pouco a pouco porto-alegrense. O estímulo gravado pelo homem realizando a vibrante tem a altura da caixa entre 1 e 3, o que indica que alguns ouvintes avaliaram o falar masculino como neutro e outros como nem um pouco, mas a tendência geral ficou em 2, pouco porto-alegrense.

Gráfico 9 – *Boxplot* avaliação x estímulo para a variável *porto-alegrense* com o uso de fricativa



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 10 – *Boxplot* avaliação x estímulo para a variável *porto-alegrense* com o uso de vibrante



Fonte: Elaborado pela autora.

O teste de Friedman mostrou que há diferença estatisticamente significativa entre as avaliações de ao menos 2 dos 4 estímulos para a variável *porto-alegrense* ( $p < 0,001$ ). Para verificar quais estímulos diferem entre si, fez-se o teste de comparações pareadas, que identificou a existência de diferença estatisticamente significativa, considerando a significância ajustada, para os estímulos mulher/vibrante e mulher/fricativa ( $p = 0,022$ ), mulher/vibrante e homem/fricativa ( $p < 0,001$ ) e homem/vibrante e homem/fricativa ( $p = 0,029$ ). Os resultados das comparações pareadas indicam novamente uma grande diferença entre o estímulo gravado pela mulher utilizando a vibrante e o estímulo gravado pelo homem utilizando a fricativa. Indicam também que as diferenças estão fortemente relacionadas às realizações de /r/ e não ao sexo/gênero.

O Teste de Friedman também considerou *sotaque* como uma variável estatisticamente significativa ( $p < 0,001$ ), assim como *interior* e *porto-alegrense*. Os ouvintes percebem o estímulo gravado pela mulher realizando a vibrante como característico de sotaque, com média 3,76 e mediana 4. Os estímulos com fricativa foram considerados nem um pouco e pouco característicos de sotaque, com média 1,68 e mediana 1 para o estímulo gravado pelo homem e média 2,65 e mediana 2 para o estímulo gravado pela mulher, conforme a Tabela 9.

Tabela 9 – Estatística descritiva para a variável *sotaque*

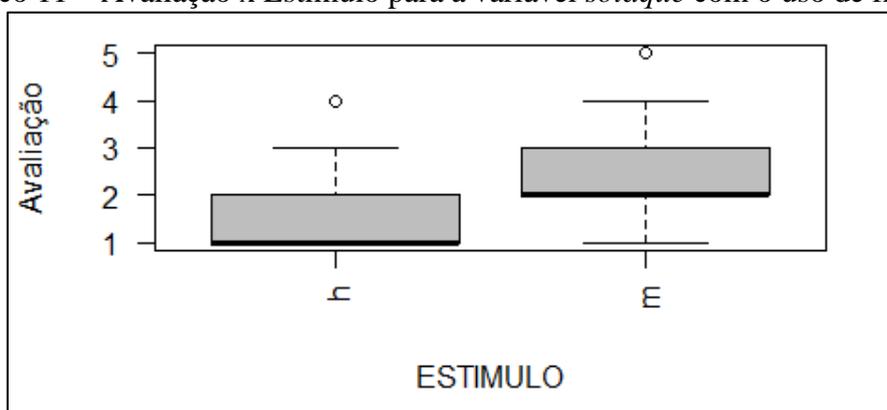
	n	Média	Mediana	Desvio-Padrão
homem/fricativa	34	1,68	1,0	0,912
mulher/fricativa	34	2,65	2,0	1,276
homem/vibrante	34	3,06	3,0	1,391
mulher/vibrante	34	3,76	4,0	1,304

$p < 0,001$

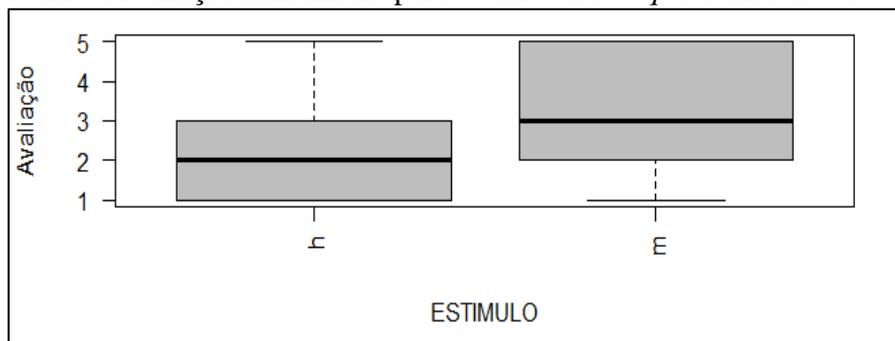
Fonte: Elaborado pela autora.

O *boxplots* nos Gráficos 11 e 12 ilustram a distribuição geral dos dados, bem como a tendência geral para os quatro estímulos. Os estímulos gravados pelo homem não foram percebidos pelos ouvintes como característicos de sotaque, especialmente o estímulo com realização da fricativa. A variabilidade geral dos dados está entre 1 e 3 para a realização vibrante, com mediana 2, e entre 1 e 2 para o estímulo com realização fricativa, com mediana 1. O estímulo feminino com vibrante tem uma variabilidade grande na distribuição geral dos dados, chegando a ser avaliado como muito característico de sotaque. Já o estímulo feminino com fricativa tem variabilidade geral de dados pequena, entre 2 e 3, e mediana 2, ou seja, é considerado pouco característico de sotaque.

Gráfico 11 – Avaliação x Estímulo para a variável *sotaque* com o uso de fricativa



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 12 – Avaliação x Estímulo para a variável *sotaque* com o uso de vibrante

Fonte: Elaborado pela autora.

O teste de Friedman mostrou que há diferença estatisticamente significativa entre as avaliações de ao menos 2 dos 4 estímulos ( $p < 0,001$ ). A realização do teste de comparações pareadas indicou, considerando a significância ajustada, que há diferenças estatisticamente significantes entre os estímulos homem/fricativa e mulher/fricativa ( $p = 0,001$ ), homem/fricativa e mulher/vibrante ( $p < 0,001$ ) e mulher/fricativa e mulher/vibrante ( $p = 0,010$ ). *Sotaque* apresentou diferenças tanto em relação ao sexo/gênero quanto em relação às realizações de /r/.

Há a percepção dos porto-alegrenses de que a realização vibrante é mais característica do interior e mais carregada de sotaque, e também é percebida como pouco porto-alegrense, enquanto a realização fricativa é pouco associada ao falar do interior e menos carregada de sotaque. Parece haver clareza, por parte dos ouvintes, de que a fricativa não se associa a alguém do interior. Mas não há clareza de que a vibrante se associe ao falar do interior.

O Teste de Friedman identificou a classe *jovem* como significativa, com valor de  $p < 0,001$ . As médias estão entre 1,97 e 3,09 e as medianas entre 2 e 3, conforme a Tabela 10, a seguir.

Tabela 10 – Estatística descritiva para a variável *jovem*

	n	Média	Mediana	Desvio-Padrão
homem/fricativa	34	3,03	3,0	1,381
mulher/fricativa	34	3,09	3,0	1,083
homem/vibrante	34	2,62	3,0	1,129
mulher/vibrante	34	1,97	2,0	0,904

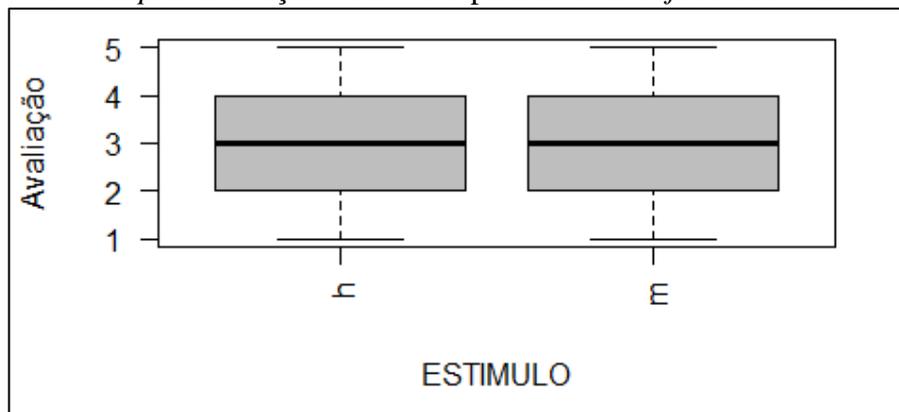
$p < 0,001$

Fonte: Elaborado pela autora.

Os *boxplots* abaixo (Gráficos 13 e 14) ilustram a distribuição das avaliações pelos estímulos para essa variável. A variabilidade geral dos dados dos estímulos com fricativa,

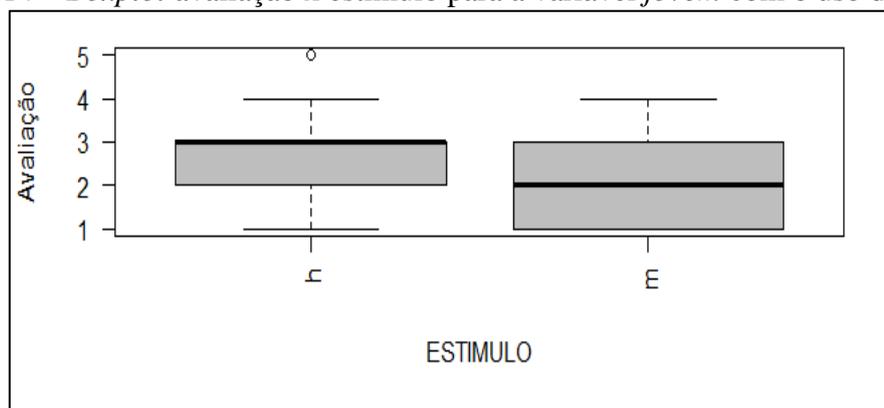
tanto do homem quanto da mulher, está entre 2 e 4 com mediana 3, ou seja, as avaliações para essa realização foram bastante neutras no que se refere a parecer ou não jovem. As avaliações para vibrante situam-se do ponto 3 da escala para baixo, sendo o falar da mulher o mais percebido como menos jovem, com mediana 2.

Gráfico 13 – *boxplot* avaliação x estímulo para a variável *jovem* com o uso de fricativa



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 14 – *Boxplot* avaliação x estímulo para a variável *jovem* com o uso de vibrante



Fonte: Elaborado pela autora.

O teste de Friedman mostrou que há diferença estatisticamente significativa entre as avaliações de ao menos 2 dos 4 estímulos, para a categoria jovem ( $p < 0,001$ ). O teste de comparações pareadas, considerando a significância ajustada, indicou que há diferença estatisticamente significativa entre os estímulos mulher/vibrante e homem/vibrante ( $p = 0,045$ ), mulher/vibrante e homem/fricativa ( $p = 0,019$ ) e mulher/vibrante e mulher/fricativa ( $p = 0,008$ ). Esse resultado comprova que os dois estímulos com fricativa tiveram avaliações muito semelhantes e, por isso, não há significância estatística para ambos. O estímulo gravado pela mulher realizando a vibrante é percebido como o falar menos jovem de todos os estímulos apresentados.

Esses resultados reforçam o que se havia constatado quando da realização das entrevistas abertas: os participantes podem ter percebido que o homem que gravou os estímulos é o mesmo tanto no estímulo com fricativa, quanto no estímulo com vibrante, avaliando, portanto, ambos da mesma forma. Após ouvir o homem, os ouvintes levantavam a hipótese de que a mulher também poderia ser a mesma, mas já haviam comentado sobre os estímulos da mulher.

No questionário *online* os estímulos masculinos foram apresentados antes dos estímulos femininos. Labov (2008), ao discorrer sobre a técnica dos “falsos pares” desenvolvida por Lambert (1960), explica que, “se o ouvinte fizer dois conjuntos de julgamentos de personalidade sobre o mesmo falante usando duas formas diferentes da língua, e se não perceber que é o mesmo falante, suas avaliações subjetivas da língua emergirão como diferenças nas duas pontuações” (LABOV, 2008, p. 176). É o que acontece em relação aos estímulos (fricativa e vibrante) gravados pela mulher no presente estudo, os quais apresentam as maiores diferenças de avaliação.

A variável *masculino* também foi considerada significativa pelo Teste de Friedman. Para essa variável, os estímulos gravados pela mulher foram considerados nem um pouco masculinos e os estímulos gravados pelo homem obtiveram médias em torno de 3, conforme a Tabela 11.

Tabela 11 – Estatística descritiva para a variável masculino

	n	Média	Mediana	Desvio-Padrão
homem/fricativa	34	3,56	3,0	1,307
mulher/fricativa	34	1,09	1,0	0,379
homem/vibrante	34	3,26	3,0	1,543
mulher/vibrante	34	1,24	1,0	0,819

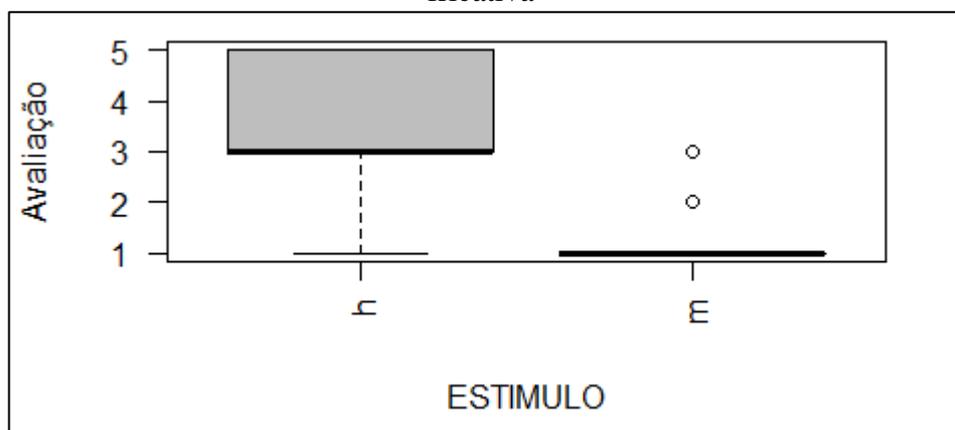
$p < 0,001$

Fonte: Elaborado pela autora.

Os *boxplots* (Gráficos 15 e 16) ilustram que a masculinidade foi avaliada de acordo com o sexo/gênero. Para os estímulos gravados pela mulher, com avaliações 1, ou seja, considerados nem um pouco masculino, apenas dois ouvintes marcaram 2 e 3, destoando do demais. Os estímulos gravados pelo homem foram marcados no ponto 3 em relação à variável masculino, mas a variabilidade geral dos dados está entre 3 e 5, indicando que alguns ouvintes avaliaram como bastante masculino, mas a tendência geral foi 3. Os dois *boxplots*, para a fricativa e para a vibrante, são iguais, indicando que as

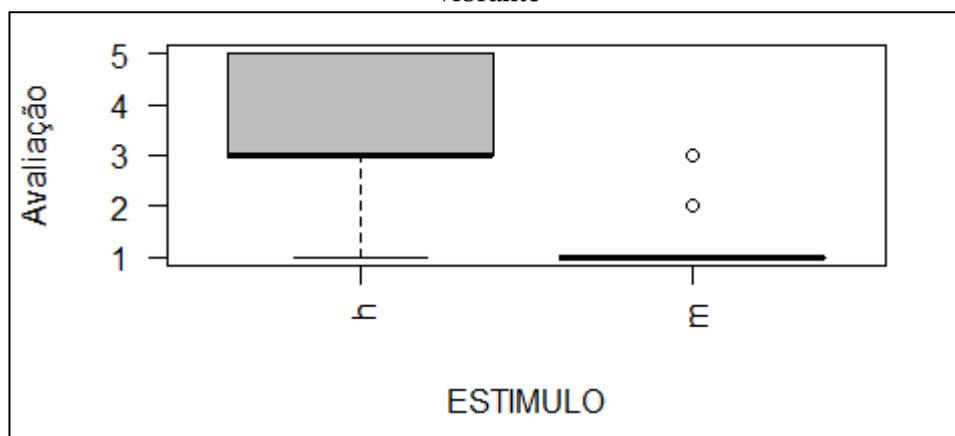
respostas foram muito homogêneas para essa variável e que a realização de /r/ não influenciou na avaliação, apenas o sexo/gênero.

Gráfico 15 – *Boxplot* avaliação x estímulo para a variável *masculino* com o uso de fricativa



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 16 – *Boxplot* avaliação x estímulo para a variável *masculino* com o uso de vibrante



Fonte: Elaborado pela autora.

O Teste de Friedman mostrou que há diferença estatisticamente significativa entre as avaliações de ao menos 2 dos 4 estímulos para a variável *masculino* ( $p < 0,001$ ). O teste de comparações pareadas confirmou que as diferenças de avaliações estão relacionadas a sexo/gênero e não à realização de /r/, selecionando os seguintes pares como portadores de diferenças estatisticamente significantes (considerando a significância ajustada): mulher/fricativa e homem/vibrante ( $p < 0,001$ ), mulher/fricativa e homem/fricativa ( $p < 0,001$ ), mulher/vibrante e homem/vibrante ( $p < 0,001$ ), e também mulher/vibrante e homem/fricativa ( $p < 0,001$ ). Não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os pares do mesmo sexo/gênero.

A variável *gaúcho* não foi considerada estatisticamente significativa pelo Teste de Friedman ( $p = 0,420$ ). As médias e medianas indicam a neutralidade das respostas, conforme a Tabela 12 e os gráficos 17 e 18 em *boxplots*.

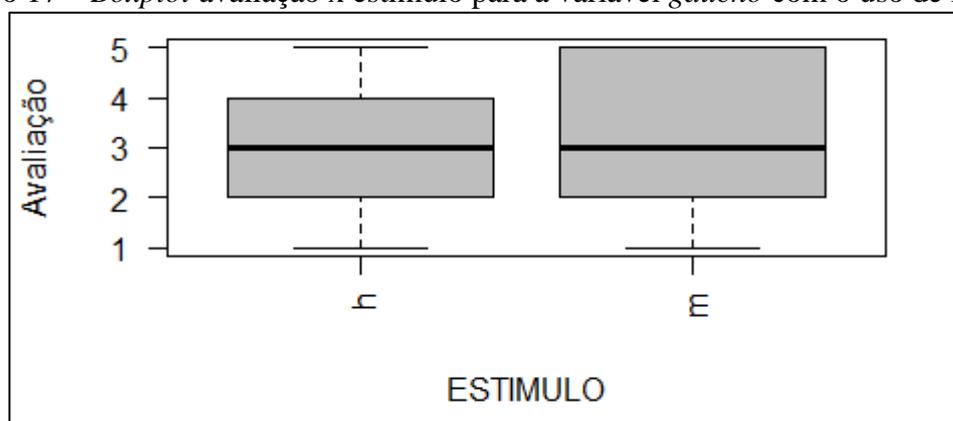
Tabela 12 – Estatística descritiva para a classe *gaúcho*

	N	Média	Mediana	Desvio-Padrão
homem/fricativa	34	3,15	3,0	1,258
mulher/fricativa	34	3,32	3,0	1,273
homem/vibrante	34	3,26	3,0	1,263
mulher/vibrante	34	3,59	3,0	1,305

$p = 0,420$

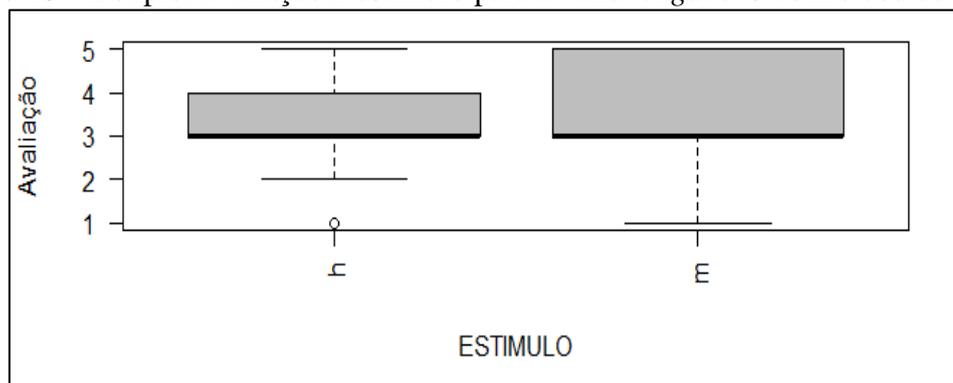
Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 17 – *Boxplot* avaliação x estímulo para a variável *gaúcho* com o uso de fricativa



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 18 – *Boxplot* avaliação x estímulo para a variável *gaúcho* com o uso de vibrante



Fonte: Elaborado pela autora.

Tanto os estímulos com fricativa quanto os estímulos com vibrante têm medianas em 3 e a variabilidade geral dos dados está entre, no mínimo, três pontos na escala para três dos estímulos. Apenas o estímulo gravado pelo homem realizando a vibrante tem variabilidade menor, entre o ponto 3 e o ponto 4 da escala de avaliação.

A variável *amigável* não foi considerada estatisticamente significativa pelo Teste de Friedman ( $p = 0,159$ ), portanto não há diferença estatisticamente significativa entre as avaliações dos 4 estímulos. Todos os valores de médias e medianas estão em torno de 3, indicando que a tendência geral foi a marcação de avaliações neutras por parte dos ouvintes porto-alegrenses, com se vê na Tabela 13 e nos Gráficos 19 e 20.

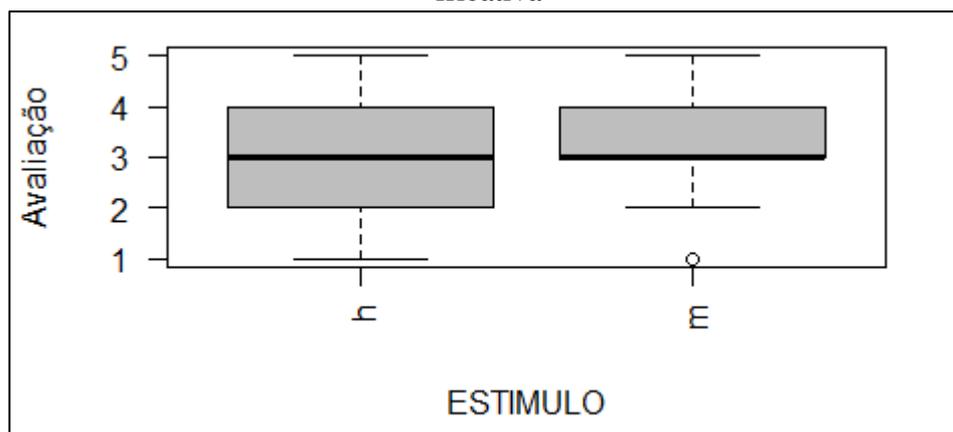
Tabela 13 – Estatística descritiva para a classe *amigável*

	n	Média	Mediana	Desvio-Padrão
homem/fricativa	34	2,97	3,0	1,193
mulher/fricativa	34	3,18	3,0	1,029
homem/vibrante	34	2,82	3,0	1,114
mulher/vibrante	34	2,88	3,0	1,175

$p = 0,159$

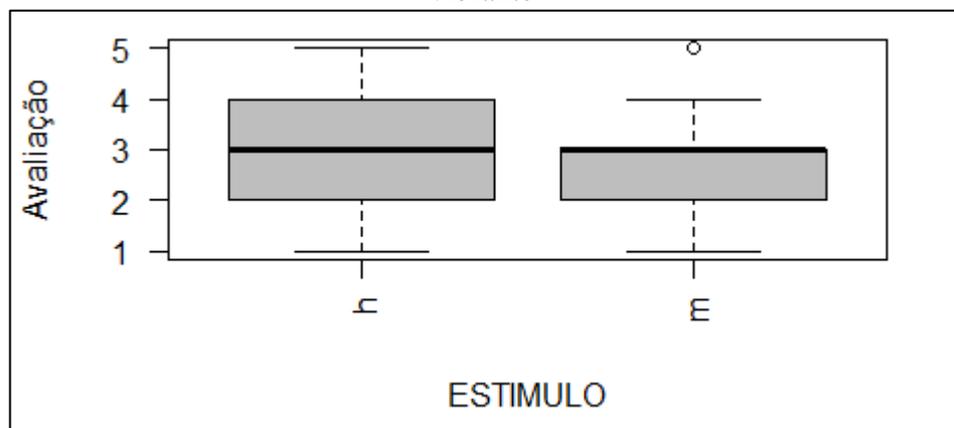
Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 19 – *Boxplot* avaliação x estímulo para a variável *amigável* com o uso de fricativa



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 20 – *Boxplot* avaliação x estímulo para a variável *amigável* com o uso de vibrante



Fonte: Elaborado pela autora.

Nos *boxplots* nos gráficos 19 e 20, é possível perceber apenas uma pequena diferença na variabilidade dos dados dos estímulos gravados pela mulher. O estímulo com realização de vibrante tem a altura da caixa estendido a partir da mediana três para baixo, até o ponto dois da escala de avaliação. O estímulo com realização fricativa tem a altura da caixa estendida para cima, atingindo o ponto 4 da escala. Apenas um ouvinte destoou, considerando a vibrante muito amigável e a fricativa nem um pouco amigável, seguindo a linha que vai de encontro à variabilidade geral dos dados.

A variável *escolarizado* também não foi considerada estatisticamente significativa pelo Teste de Friedman ( $p = 0,169$ ), indicando que não há diferença entre as avaliações dos 4 estímulos. Como os resultados para a variável *amigável* e *gaúcho*, as médias e medianas estão em torno de três, indicando avaliações neutras, conforme a Tabela 14 e conforme ilustram os Gráficos 21 e 22.

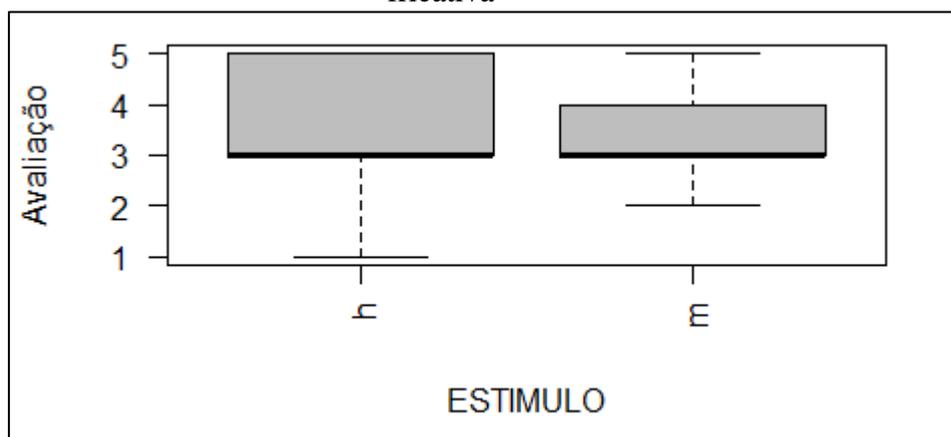
Tabela 14 – Estatística descritiva para a classe *escolarizado*

	n	Média	Mediana	Desvio-Padrão
homem/fricativa	34	3,41	3,0	1,184
mulher/fricativa	34	3,50	3,0	1,080
homem/vibrante	34	3,18	3,0	1,029
mulher/vibrante	34	3,15	3,0	1,105

$p = 0,169$

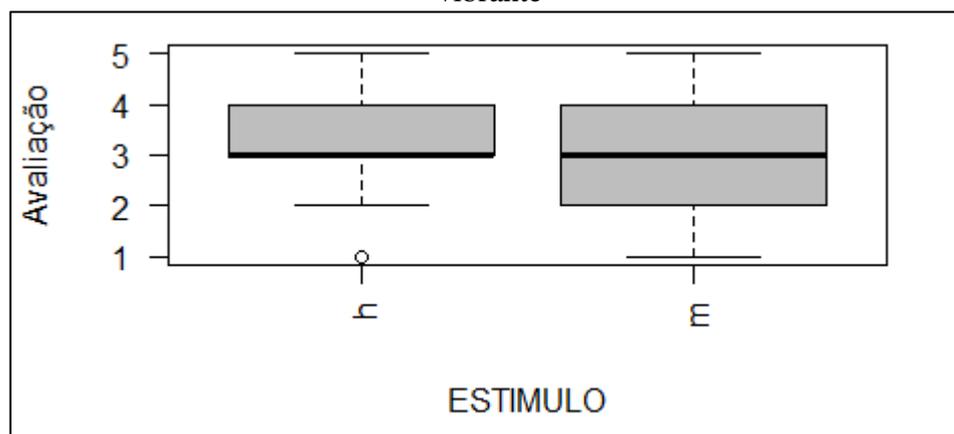
Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 21 – *Boxplot* avaliação x estímulo para a variável *escolarizado* com o uso de fricativa



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 22 – *Boxplot* avaliação x estímulo para a variável *escolarizado* com o uso de vibrante



Fonte: Elaborado pela autora.

Embora as medianas sejam 3 para todos os estímulos, os estímulos com realização fricativa têm a variabilidade geral dos dados voltada para os valores mais altos da escala, 4 no estímulo feminino e 5 no masculino. O estímulo feminino com realização vibrante é o único com variabilidade atingindo um ponto mais baixo da escala de avaliação, o ponto 2, indicando que alguns ouvintes consideraram o falar da mulher realizando a vibrante como pouco característico de alguém escolarizado.

Este estudo de percepção e avaliação comprova que a mudança em progresso está quase completa. As variantes investigadas nesta pesquisa coocorreram por um período de tempo em Porto Alegre, como mostram os estudos de Monaretto (1992, 1997, 2009) baseados em amostras de banco de dados de fala que compreendem dados coletados entre a década de 1970 e 1990. Nesse período, a variante fricativa (inovadora) já ocorria com maior frequência. Nesse estágio de completção, em que a variável inovadora passa ao *status* de uma constante e perde significação nas alternâncias envolvidas, é possível observar que a variante inovadora, a fricativa, sofreu a perda de significação mencionada por Weinreich, Labov e Herzog (2006), pois obteve médias em torno de 3 para a maioria das variáveis, o que indica que os ouvintes não souberam ou não quiseram avaliar a fricativa como nem ou pouco ou muito característica dessas variáveis. Apenas parece estar claro para os ouvintes porto-alegrenses que a fricativa não indexa o falar do interior e não é característica de um sotaque específico. A vibrante, pelo contrário, está associada ao falar do interior e carregado de sotaque, além de ser percebida como pouco porto-alegrense.

Ao que parece, a mudança ocorrida em Porto Alegre seguiu a tendência de orientação em direção à realização fricativa apontada pelos estudos já mencionados e

pode ser classificada como uma mudança vinda de baixo (LABOV, 2008), ou seja, uma mudança que ocorreu abaixo do nível da consciência dos falantes.

Labov (2008) denomina como mudança vinda de cima aquela que acontece acima do nível da consciência dos falantes da comunidade, o que parece não ser o caso da mudança ocorrida em Porto Alegre, já que a vibrante, que é a variante marcada, esteve presente com mais frequência entre as décadas de 1970, 1980 e início da década de 1990, quando houve um grande movimento de pessoas vindas de cidades do interior para morar na capital, conforme afirmou Monteiro (2012), e quando o tradicionalismo gaúcho estava em alta e, mesmo assim, o porto-alegrense seguiu a tendência em direção à fricativa.

Conforme os resultados do Teste de Friedman, a vibrante parece ter perdido o significado social que a associa ao gaúcho. Essa perda parece ter acompanhado um conjunto de mudanças sociais. Da década de 1990 para cá, a realização vibrante alveolar diminuiu consideravelmente, chegando a um patamar quase categórico de não aplicação. Essa diminuição parece estar acompanhando a diminuição da valorização das práticas sociais relacionadas ao tradicionalismo gaúcho.

Os informantes entrevistados pelo LínguaPOA afirmam, em grande parte, que as tradições devem ser conservadas, mas não agem de acordo com esse discurso. Muitos dos que defendem a manutenção do tradicionalismo não estão envolvidos em comunidades de prática tradicionalistas. Alguns nem reconhecem o tradicionalismo gaúcho como parte de sua cultura. Essa cultura do homem campeiro foi “transplantada” para Porto Alegre, uma cidade que sempre esteve voltada para além dos seus limites, como afirmava Barbosa Lessa (SAVARIS, 2016). A capital, durante a Guerra dos Farrapos, defendeu o império, chegando a ser sitiada pelos Farrapos, que são enaltecidos pelo gauchismo. A capital lutou contra os Farrapos. Hoje, essa mesma capital comporta o Acampamento Farroupilha, que exalta os Farrapos e acontece uma vez por ano, remontando a vida no campo dentro de um parque da cidade, o Parque Harmonia. A indústria cultural ainda tenta sustentar o gauchismo através de programas específicos e personagens que incorporam o gaúcho porque de alguma forma ainda parece lucrar com isso. A sustentação da *persona* do gaúcho pela indústria cultural parece estar vinculada ao turismo, já que é vendido para fora do estado como o “típico”, como a “cultura do Rio Grande do Sul”, e, nesse sentido, as particularidades de Porto Alegre são encobertas.

## CONCLUSÃO

Na busca pelo padrão de realização de /r/ como vibrante múltipla alveolar em *onset* silábico em Porto Alegre (RS) e pelas identidades sociais relacionadas à variante, foi possível notar que o porto-alegrense nativo não percebe a variável em questão como “típica” da capital. Essa variável indexa o falar interiorano, seja ele o falar das comunidades que fazem fronteira com países vizinhos que têm o espanhol como língua predominante, seja ele o falar das comunidades das regiões de colonização alemã e italiana do Rio Grande do Sul.

A variável investigada tem papel na construção de um estilo “gaúcho” de falar, de ser e de se portar, mas a análise qualitativa e a análise etnográfica revelaram que, hoje, trata-se de um estilo de *persona* de performances artístico-culturais, mais próximas à estereotipia do que à realidade dos usos linguísticos, isto é, da fala casual, até mesmo em comunidades de prática cujas referências culturais são tomadas como tipicamente gaúchas.

Esse estilo não nasceu na capital do Rio Grande do Sul, vem do interior, com base em estilos de vida voltados para o campo, não para a cidade. Atualmente, a realização da vibrante em *onset* em Porto Alegre ocorre eventualmente na fala de porto-alegrenses que tiveram e/ou têm acesso à essa variante por meio de familiares e/ou de vivências em cidades pequenas do interior do estado, quando esses incorporam a *persona* do gaúcho ou quando apenas pretendem ressaltar a identidade social vinculada ao interior.

A revisão da literatura atestou a presença da vibrante múltipla alveolar no falar do porto-alegrense até a década de 1990. Partindo da hipótese de que a proporção total de aplicação teria diminuído dos anos 1990 a 2010, realizaram-se análises em tempo real e em tempo aparente com o objetivo específico de medir a frequência geral de realização da variável e comparar os condicionadores linguísticos e extralinguísticos da realização da vibrante múltipla nos dados dos anos 2010 com os condicionadores nos dados da década de 1990.

O resultado da análise em tempo real atestou que, da década de 1990 para cá, houve um processo rápido de mudança linguística, passando de 30,9% a 0,04% de aplicação total, e a variável atingiu um patamar de relíquia. Realizou-se também análise em tempo aparente em dados dos anos 2010, que corroborou o resultado da análise em tempo real, indicando uma proporção total de apenas 0,05% de vibrante alveolar múltipla em *onset* silábico.

Os resultados de ambas as análises quantitativas indicaram que a mudança está em fase de completção. Weinreich, Labov e Herzog (2006) afirmam que, na fase de completção da mudança, a variável inovadora passa ao *status* de uma constante, o alto grau de regularidade da mudança sonora resulta na perda de significação das variantes e na seleção de uma das variantes como uma constante, nesse caso, a realização fricativa.

Entre as décadas de 1980 e 1990, quando os dados do VARSUL foram coletados, o tradicionalismo gaúcho vivia um momento de auge, sustentado pela indústria cultural através dos meios de comunicação de massa. Nesse período, havia programas de televisão e de rádio voltados para o tradicionalismo e grandes festivais de música tradicionalista eram realizados no estado. Foi em 1990 que Neto Fagundes, um dos intérpretes mais reconhecidos da música tradicionalista gaúcha, lançou seu primeiro disco. Nesse período, Berenice Azambuja, porto-alegrense e também intérprete da música tradicionalista, participava de programas de televisão, como Jô Soares Onze e Meia, que foi analisado nesta tese.

Na etapa qualitativa foi possível verificar que os intérpretes Neto Fagundes e Berenice Azambuja monitoram a fala, utilizando variáveis “gauchescas” quando consideram o contexto como propício. Ao falar sobre a carreira ou sobre assuntos em que necessitam construir uma postura (*stance*) de competência e polidez, utilizam as formas linguísticas que mais se aproximam do português não campeiro, afastando-se da imagem do gaúcho rude, viril e grosseiro. Fora dos palcos, a *persona* do gaúcho é incorporada em raros momentos, apenas em eventos específicos que envolvem o tradicionalismo, como no Acampamento Farroupilha. Mas são contextos e eventos muito circunscritos, em que alguns incorporam o tipo gaúcho ao entrar, e o abandonam ao sair. Traços caracterizadores da *persona* do gaúcho, como a vibrante múltipla alveolar, são incorporados por uma parcela dos frequentadores apenas nesses contextos, o que previne seu total desaparecimento.

Outra descoberta proporcionada pela análise qualitativa foi que, atualmente, a manutenção do tradicionalismo e do tipo social “gaúcho” está presente no discurso de muitos dos informantes do LínguaPOA, mas não está presente nas práticas sociais diárias desses mesmos informantes. Para alguns, não está presente nem no discurso e nem na prática. Há quem afirme que o tradicionalismo gaúcho não faz parte de sua cultura. Há quem não se mostre contrário, mas não o defenda nem no discurso. Concluímos que o empenho da indústria cultural em manter a figura do “gaúcho” inculcada no cotidiano do

porto-alegrense ainda surte efeito, o de manter o discurso de alguns em defesa desse “gauchismo”. Mas, na prática diária, os informantes não sustentam esse discurso.

A etapa etnográfica, composta pelas observações não-participantes e pelas entrevistas de explicitação, revela que a vibrante múltipla alveolar em *onset* silábico não está presente nem mesmo no cotidiano do CTG. Ao longo dos ensaios e durante as entrevistas, a variante não emergiu em momento algum. Poucos entrevistados admitem que pode haver algum controle de características linguísticas a fim de incorporar o tipo social gaúcho durante alguma situação, como entrevistas e apresentações, mas que é raro e ocorre por parte de quem teve acesso à essas variantes ao longo da vida.

Este trabalho investigou também a percepção e avaliação de porto-alegrenses sobre a realização da vibrante múltipla alveolar em *onset* silábico. O objetivo dessa etapa foi identificar que variáveis estariam relacionadas pelos ouvintes ao eventual uso da vibrante múltipla alveolar em *onset* silábico, quais categorias indexam o gaúcho e quais indexam o porto-alegrense. A partir disso, verificar quais significados sociais poderiam estar atrelados ao uso da vibrante alveolar na capital. Foram realizadas entrevistas abertas, em que os ouvintes poderiam dissertar sobre os estímulos de homem e mulher, com e sem vibrante alveolar múltipla, detalhando as suas impressões a respeito de cada material. Em outro momento, as características que foram mencionadas nas entrevistas abertas foram apresentadas em forma de questionário *online*, pela plataforma Google Forms, solicitando que os ouvintes escolhessem em uma escala de 1 a 5 o quanto cada estímulo indexava tais variáveis.

Essa etapa mostrou que a vibrante não indexa o falar do porto-alegrense, e sim o falar do interior e o falar com sotaque, embora não tenha sido associada ao falar gaúcho. Esses resultados corroboram a ideia de que, se há uma mudança em fase de completção, há também a perda de significação entre as variantes até que uma das formas atinja uma constante, no caso de Porto Alegre, a realização fricativa. Nesse caso, há a perda do significado social gaúcho, já que os porto-alegrenses são também gaúchos e suas experiências diárias na comunidade de fala de Porto Alegre mostram que a vibrante é bastante incomum.

Finalizamos esta tese respondendo às perguntas norteadoras lançadas na introdução deste trabalho: a) Qual é o padrão de realização de /r/ em *onset* em Porto Alegre? b) Como conciliar o real padrão com as representações ou imagens da fala do gaúcho?

O padrão de realização de /r/ em *onset* em Porto Alegre é a fricativa, que é produzida em proporção de quase 100%, indicando que há um processo de mudança se completando. Com base nos resultados de todas as análises, conclui-se que a realização da vibrante em Porto Alegre esteja desaparecendo ao mesmo tempo em que vem perdendo força o tradicionalismo, que mantém a figura do gaúcho viva no imaginário do porto-alegrense. Na década de 1990, quando a proporção total de vibrante alveolar múltipla era de 30,9%, o tradicionalismo estava em alta na capital e no estado. Hoje, a proporção total é de quase 0%, momento em que o gauchismo está presente, no máximo, no discurso do porto-alegrense, conforme os resultados da análise de conteúdo das entrevistas sociolinguísticas do LínguaPOA.

Para responder à segunda pergunta, é necessário ter clareza de que, como mostram os panoramas sobre a vibrante apresentados neste trabalho, a vibrante sempre esteve presente em maior proporção nas regiões do interior do estado em que diferentes etnias como a alemã, italiana e espanhola se firmaram. Na capital, a proporção de vibrante, conforme os estudos de Monaretto (1992, 1997), estavam em torno de 20% a 26%. Nos nossos resultados, 30,9%. Mas Porto Alegre é a capital do estado, chamada muitas vezes de “a capital dos gaúchos” pelos canais de rádio e televisão.

Encontram-se respostas para a segunda pergunta nos resultados do estudo de percepção e avaliação, os quais mostram que os porto-alegrenses reconhecem que a vibrante não indexa o falar da capital, mas o falar do interior, e está relacionada ao sotaque de certas regiões do Rio Grande do Sul. A vibrante ressurge na capital em época de Acampamento Farroupilha e/ou no falar de certos personagens que ganham a simpatia dos porto-alegrenses em programas de humor, ou em propagandas de produtos e serviços. As observações e entrevistas no CTG Tiarayú revelaram que o porto-alegrense, em geral, respeita e aceita a *persona* gaúcho, embora tenha clareza de que não faz parte da sua identidade. Conclui-se que a vibrante múltipla alveolar permanecerá viva no imaginário porto-alegrense apenas como recurso utilizado por artistas para continuar vendendo uma imagem, a do gaúcho estilizado (estereotipado), produto cultural a que o porto-alegrense não se vincula.

## REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. B. M.; SANDALO, M. F. S. Os róticos revisitados. In: DA HORA, D.; COLLISCHONN, G. **Teoria lingüística: fonologia e outros temas**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2003. p. 144-180.
- ARCHANGELI, D. **Aspects of underspecification theory**. *Phonology* 5:183-208, 1988.
- BATTISTI, Elisa; OLIVEIRA, S. G. **Significados sociais do ingliding de vogais tônicas no português falado em Porto Alegre**. *Revista Todas as Letras* (MACKENZIE. Online), v. 18, n. 2, p. 14-29, 2016.
- BATTISTI, E.; PEROZZO, R.V.; CUNHA, V. G. **Alçamento sem motivação aparente em uma variedade de português brasileiro: efeitos de coarticulação de sequências CV e dispersão vocálica**. *Entrepalavras*, v.10, n.1 (10), p. 12-35, 2020.
- BAUMAN, R.; BRIGGS, C. L. **Poetics and performance as critical perspectives on language and social life**. *Annual Review of Anthropology* 1990, v. 19, p. 59-88, 1990.
- BISOL, L.; COLLISCHONN, G. **Português do Sul do Brasil: variação fonológica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.
- BONET, E.; MASCARÓ, J. **On the representation of contrasting rhotics**. Unpublished ms. Universidade Autônoma de Barcelona, 1996.
- BOURDIEU, P. **A distinção: Crítica social do julgamento**. 2 ed. Porto Alegre: Zouk, 2015 [1979-1982].
- BRESCANCINI, C. R.; MONARETTO, V. N. de O. **Os róticos no Sul do Brasil: panorama e generalizações**. *Signum: Estudos Linguísticos*. Londrina, n. 11/2, p. 51-66, dez 2008.
- CAGLIARI, C. **Elementos de fonética do português brasileiro**. Campinas: UNICAMP. 1981. Tese (Livre Docência), Universidade Estadual de Campinas, 1981.
- CALLOU, D. **Variação e distribuição da vibrante na fala urbana culta do Rio de Janeiro**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1987.
- CALLOU, D. I.; LEITE, Y. F.; MORAES, J. A. Processos de enfraquecimento consonantal no português do Brasil. In: ABAURRE, M. B. M.; RODRIGUES, A.C.S. (orgs.) **Gramática do Português Falado VIII: novos estudos descritivos**. Campinas: editora da Unicamp/FAPESP: p. 537-555, 2002.
- CALVET, L. J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2002.

- CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. **Para o estudo da fonêmica portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1953.
- CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- CAZEMAJOU, A. Shifiting Positions: from the dancer's posture to the researcher's posture. In: Davida, D. **Fields in motion**: ethnography in the worlds of dance. Editora Wilfrid Laurier University Press, 2011.
- CEDERGREN, H.; SANKOFF, D. **Variable rules**: performance as a statistical reflection of competence. *Language*, Baltimore, v. 50, n. 2, p. 333-55, jun. 1974
- CHOMSKY, N.; HALLE, M. **The sound pattern of english**. London: MIT press, 1968.
- CLEMENTS, G. N. The role of the sonority cycle in core syllabification. In: KINGSTONE, J.; BECKMAN, M.E. **Papers in laboratory phonology I**: between the grammar and the physics of speech. Cambridge: Cambridge University Press, 1990, p. 283-333.
- CORRÊA, R. C. **As identidades sociais associadas à realização de vibrante múltipla alveolar em onset silábico em Porto Alegre - RS**. In: 5º Encontro Rede Sul Letras, 2017, Caxias do Sul. Anais do 5º Encontro da Rede Sul Letras: Letras no Século XXI. Porto Alegre: UniRitter, 2017. v. III. p. 91-97.
- COSTA, C. **Fonologia lexical e controvérsia neogramática**: análise das regras de monotongação de /ow/ e vocalização de /l/ no PB. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2003.
- COUPLAND, N. Language, situation, and the relational self: theorizing dialect-style in sociolinguistics. In: ECKERT, P. RICKFORD, J.R. **Style and sociolinguistic variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 185-210.
- COUPLAND, Nikolas. **Style**: language variation and identity. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- DIAS, R. V.; NETTO, J. Z. M. B. **História**. 1974. Disponível em: <http://www.ctgtiarayu.com.br/historia>. Acesso em: 14 mar. 2020.
- DUARTE, I. **A palatalização das oclusivas alveolares em Porto Alegre (RS)**: análise em tempo real. Resumo (XXIX Salão de Iniciação Científica da UFRGS) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.
- ECKERT, P. **Linguistic variation as social practice**. Malden/Oxford: Blackwell, 2000.
- ECKERT, P. **Language and gender**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.
- ECKERT, P. **Variation, convention, and social meaning**. Plenary talk. Annual meeting of the Linguistic Society of America. Oakland, CA, 2005. Disponível em:

<http://lingo.stanford.edu/sag/L204/EckertLSA2005.pdf> Acesso em: 11 mar. 2020.

ECKERT, P. **Three waves of variation study**: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, n. 41, p. 87-100, 2012.

ECKERT, P. Variation, meaning and social change. In: COUPLAND, N. (Ed.) **Sociolinguistics**: Theoretical debates. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 68-85.

ECKERT, P. **Meaning and linguistic variation**: the third wave in sociolinguistics. Cambridge: Cambridge University Press, 2018.

FREITAG, M.K.; MARTINS, M.A.; TAVARES, M.A. **Bancos de dados sociolinguísticos do português brasileiro e os estudos de terceira onda**: potencialidades e limitações. *Alfa: Revista de Linguística*. v. 56. n. 3. 2012. p. 917-944. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4907>. Acesso em: 14. nov. 2018.

GAL, S. Sociolinguistic differentiation. In: COUPLAND, N. (Ed.) **Sociolinguistics**: Theoretical debates. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 113-135.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. 2 ed. São Paulo: UNESP, 1991.

GILES, H. **Evaluative reactions to accents**. *Educational Review*, 22:3, p. 211-227, 1970.

GOLIN, Tau. **A ideologia do gauchismo**. Porto Alegre: Tchê, 1983.

GORE, G.; RIX-LIÈVRE, G.; WATHELET, O.; CAZEMAJOU, A. Eliciting the tacit: interviewing to understand bodily experience. In: SKINNER, J. **The interview**: na ethnographic approach. Berg Publishers, 2012. p. 127-142.

GRASSENI, C. Learning to see: world-views, skilled visions, skilled practice. In: HALSTEAD, N.; HIRSCH, E.; OKELY, J. (eds), **Knowing how to know**: fieldwork and the ethnographic present. EASA series v. 9. Oxford: Berghahn books, 2008.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística Quantitativa**: Instrumental de Análise. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

HARRIS, J. **Flaps, trills and syllable structure in Spanish**. In: CSIRMAZ, Aniko et al. (Org.). *MIT Working Papers in Linguistics*, v. 42, p. 81-108, 2002.

IBGE. **Panorama** de Porto Alegre 2019. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/porto-alegre/panorama>. Acesso em: 17. Abr. 2020.

JAFFE, A. Indexicality, stance and fields in sociolinguistics. In: COUPLAND, N. (Ed.) **Sociolinguistics**: Theoretical debates. Cambridge: Cambridge University Press, 2016. p. 86-112.

- JOHNSON, D. **RBrul version**. 3.4.0. 2017.
- KIESLING, S.F. Style as Stance: Stance as the Explanation for Patterns of Sociolinguistic Variation. In: JAFFE, A. (Ed.) **Stance: Sociolinguistics Perspectives**: Oxford University Press, 2009. p. 171-194.
- LABOV, W. **Principles of linguistic change**: internal factors. Oxford/Cambridge: Blackwell, 1994.
- LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.
- LAMBERT, W.; HODSON, R.; GARDNER, R.; FILLENBAUM, S. **Evaluational reactions to spoken languages**. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, v. 60(1), 44–51, 1960.
- LEITE, Y. F.; CALLOU, D. M. I.; MORAES, J. A. **Processos de enfraquecimento consonantal no português do Brasil** In: Gramática do Português Falado.1 ed. Campinas: UNICAMP, 2002.
- LESSA, B. O sentido e o valor do tradicionalismo. Santa Maria: Tese apresentada no 1º Congresso Tradicionalista, julho de 1954.
- LINDAU, M. The history of /r/. In: FROMKIN, V. A. (Ed.). **Phonetic Linguistics: essays in honor of Peter Ladefoged**. 1 ed. Los Angeles: Academic Press Inc., 1985. p. 157-168.
- LOPEZ, B. **The sound pattern of Brazilian Portuguese**. (cariocan dialect). Tese de Doutorado. University of California. Los Angeles, 1979.
- MACEDO, F. R de. **Porto Alegre**: aspectos culturais. Porto Alegre: SMEC, Div.de Cult., 1982.
- MALMBERG, B. **A fonética**. Lisboa: Livros do Brasil, 1954.
- MARQUARDT, L. **A vibrante no Rio Grande do Sul**: uma análise computacional. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1977.
- MATEUS, M. H.; D'ANDRADE, E. **The phonology of Portuguese**. Oxford: Oxford University Press, 2002.
- MCCARTHY, J. **OCP effects**: Gemination and Antigemination. *Linguistic Inquiry*, 17: 207-63. 1986.
- MEILLET, A. L'état Actuel des Études de Linguistique Générale. In: **Linguistique Historique et Linguistique Générale**. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, 1948 [1906].
- MILROY, L. **Language and social networks**. Oxford: Blackwell, 1980.

MILROY, L. **Mobility, Contact and Language Change**: Working with Contemporary Speech Communities. *Journal of Sociolinguistics* 6(1):3–15, 2002.

MILROY, L. Language ideologies and linguistic change. In: FOUGHT, C. (Ed.). **Sociolinguistic variation**: critical reflections. New York: Oxford University Press, 2004.

MONARETTO, V.O. **A vibrante**: representação e análise sociolinguística. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1992.

MONARETTO, V.O. **Um reestudo da vibrante**: Análise variacionista e fonológica. Tese de Doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1997.

MONARETTO, V.O.; QUEDNAU, L. R.; DA HORA, D. As consoantes do português. In: BISOL, L. (Orgs.). **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 2 ed. Porto Alegre: EDUPUCRS, 1999.

MONARETTO, V.O. A Vibrante Pós-Vocálica em Porto Alegre. In: BISOL, L.; BRESCANCINI, C. **Fonologia e Variação**: recortes do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

MONARETTO, V.O. Descrição da vibrante no português do sul do Brasil. In: BISOL, L.; COLLISCHONN, G. **Português do sul do Brasil**: variação fonológica. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

MONTEIRO, C. **Porto Alegre: urbanização e modernidade**: a construção social do espaço urbano. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.

MONTEIRO, C. **Breve história de Porto Alegre**. Porto Alegre: Da Cidade; Letra & Vida, 2012.

MORAS, Viviane T. **A vocalização do L em coda silábica**: análise em tempo real de duas comunidades do Rio Grande do Sul. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Instituto de Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.

MOTTA, Valter T.; WAGNER, Mario B. (Orgs.). **Bioestatística**. Caxias do Sul: Educ. São Paulo: Robe Editorial, 2003.

OLIVEIRA, Samuel G. de. **O *ingliding* característico do falar de Porto Alegre (RS)**: Um estudo de produção, percepção e atitudes. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras) – Instituto de Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016.

OLIVEIRA, Samuel G. de. ***Ingliding* de vogais tônicas como prática estilística no falar porto-alegrense**: significados sociais da variação linguística. Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2018.

- OUSHIRO, L. **Identidade na Pluralidade**: Avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo. Tese de Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.
- OUSHIRO, L. **Introdução à Estatística para Linguistas**. v 1.0.1 (dez/2017). São Paulo: Unicamp, 2017.
- SAINT-HILAIRE, A. **Viagem ao Rio Grande do Sul: 1920-1921**. Belo Horizonte: Itália, 1974. p. 215.
- SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Tradução Antônio Chelini, José Paulo Paes, Isidoro Blikstein. 27.ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SAVARIS, O.P. **A história do tradicionalismo gaúcho organizado**. *Jornal Eco da Tradição*, Caderno Piá 21, n. 173. jan. 2016.
- SHILLING-ESTES, N. **Constructing ethnicity in interaction**. *Journal of Sociolinguistics* 8/2, 2004:163-195. Washington D.C.: Georgetown University, 2004.
- SILVA, A. H. P. **As fronteiras entre Fonética e Fonologia e a alofonia dos róticos iniciais em PB**. Tese de Doutorado - Instituto de Estudos da Linguagem - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2002.
- SILVA, A. H. P. **Língua Portuguesa I: fonética e fonologia**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2007.
- SILVERSTEIN, M. Language Structure and Linguistic Ideology. In: **The Elements: A Para Session On Linguistic Units and Levels**, ed. Paul R. Clyne, William F. Hanks, and Carol L. Hofbauer, 193–247. Chicago: Chicago Linguistics Society, 1979.
- SILVERSTEIN, M. **Indexical order and the dialectics of sociolinguistic life**. *Language and Communication*, v. 23, p. 193-229, 2003.
- SPINELLI, A.C. **Pronomes e sua ausência**: por um tratamento unificado da omissão e da expressão de sujeitos e objetos diretos pronominais de 3ª pessoa. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2018.
- TAGLIAMONTE, S. A. Quantitative Analysis. In: **Sociolinguistic variation: Theories, methods, and applications**, Robert Bayley and Ceil Lucas (eds.), 190-214. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- TASCA, M. **A lateral em coda silábica no Sul do Brasil**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1999.
- VERMESCH, P. **L'entretien d'explicitation**. Paris: ESF, 1994.
- VERMESCH, P. Describing the practice of introspection. **Journal of consciousness**, nº 16, 2009. p. 20-57.

WEINREICH U.; LABOV W.; HERZOG M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança lingüística**. Tradução de Marcos Bagno; revisão técnica de Carlos Alberto Faraco. São Paulo: Parábola, 2006.

WENGER, E. **Communities of practice: learning, meaning, and identity**. Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

WOOLARD, K. **Bernardo de Aldrete and the Morisco Problem: A Study in Early Modern Spanish Language Ideology**. Society for Comparative Study of Society and History, 2002 p. 446–480.

ZILBERMANN, R. **O Partenon Literário: literatura e discurso político**. Letras de Hoje, v. 15, n. 2. 1980. p. 20-38. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/article/view/18551/11824>. Acesso em: 18 jul. 2018.

## ANEXO I

## Roteiro de Entrevista – LínguaPOA

Família	Como é tua família? É grande? Tens irmãos (filhos, netos)? O que eles fazem? Estudam, trabalham? Onde moram? Visitas teus familiares? Quem? Com que frequência? O que fazem juntos?
Trabalho	Trabalhas/estudas? Onde? Se em empresa, é nacional ou multinacional/faz comércio exterior? Se funcionário público: De que área? Quando fizeste o concurso? Como são teus horários/rotina de trabalho? Como é o teu local de trabalho (estudo)? É longe da tua casa? Como fazes para ir até lá? Por que escolheste tua ocupação? Realizas algum trabalho voluntário? Se sim: Qual?
Lazer Amizades Culinária	O que tu costumavas fazer no teu tempo livre? Com quem? Onde? Vais ao cinema, assistes a filmes em DVD/TV a cabo/Internet? Teus amigos, como são? Tens um melhor amigo? Como ele é? Sabes cozinhar? Gostas? Qual é teu prato favorito? Como é preparado? Costumas comer comidas diversificadas? Quais? Onde? Tu viajas? Quando? Por quanto tempo? Para onde?
Bairro Habitação Transporte	Há quanto tempo moras neste bairro/local? Gostas do lugar? Como era antigamente? Já aconteceu algo contigo que te fizesse pensar: 'Que bom morar aqui!', ou 'Morar aqui não é bom'? Se sim, o que aconteceu? Moras em casa ou em apartamento? Tens vizinhos? Como são eles? Os moradores do lugar se reúnem para alguma atividade? Quais? Associação de Bairro? Festa da comunidade? Participas? Como é o transporte aqui? Tem muitas linhas de ônibus? Tu usas? Quais?
Cidade	Como é o trânsito em <i>Porto Alegre</i> ? Lembras da cidade há alguns anos? O que mudou aqui? Em termos de trabalho/emprego, como está <i>Porto Alegre</i> ? O que se faz aqui? As pessoas têm emprego? Quais são os empregos mais comuns? Considere as quatro zonas de Porto Alegre - sul, norte, leste, central. Tu transitas em alguma delas? Com que propósito? Com que frequência? Gosta dela(s)? Sim/não, por quê? O que tem lá de diferente? Como as pessoas são? Têm um jeito específico de vestir, agir, falar, etc.? Gostarias de viver em outro lugar? Por quê? O que tu achas mais importante para <i>Porto Alegre</i> ? Escolha dois dos seguintes itens: ( ) Aumentar o efetivo policial e equipar a polícia. ( ) Investir em cultura e lazer. ( ) Preservar a natureza. ( ) Melhorar o transporte coletivo.
Religião	Praticas alguma religião? Qual? Tem missa/culto? Fazes parte?
Línguas	Falas/entendes outra língua? Qual? Com quem falas? Em que situações usas a língua?
Infância	O que tu lembras de tua infância? Brincavas de que/com quem? Ouvias estórias? Quem contava? Lembras de alguma? Qual? Conta.
Estudos	Foste/vais à escola? Qual? Como eram/são as aulas? Lembras de algum professor/disciplina/matéria/aula? Por quê? Fazes algum curso complementar? Qual?
Costumes antigos	Como eram as celebrações (Natal, Páscoa, aniversário, Ano Novo) em família? Lembras de ter ganhado algum presente marcante? O que fazias nas férias? Onde passavas as férias? Lembras de alguma viagem? Para onde foste? O que fizeste? Já correste algum risco de vida? Se sim: Qual? Se não: Conheces alguém que já correu?
Vida afetiva	Tens algum relacionamento afetivo? Como conheceste teu marido/esposa/namorado(a)? Como foi o namoro/casamento?

Comportamento	<p>Como vivem os jovens hoje? Como é seu comportamento em relação aos pais/trabalho/namoro/estudo?</p> <p>Qual é a tua opinião sobre a descriminalização do uso das drogas?</p> <p>O que te parece o comportamento de certas pessoas em público ao falar ao celular/fumar/transitar com animais de estimação/não usar fones de ouvido no ônibus?</p> <p>O que achas de eventos como a “parada LGBT”, o “acampamento farroupilha” e o movimento separatista “o sul é meu país”, tu participas? Sabes de alguém que participe? O que te chama atenção nesses eventos e movimentos? São válidos como cultura ou manifestação</p>
Violência	Tu achas <i>Porto Alegre</i> violenta? Na tua opinião, quais são as causas da violência? O que se poderia fazer a respeito?
Política	O que achas dos políticos brasileiros em geral? Há algum que te chame atenção por seu bom exemplo/mau exemplo? Quem?
Meios de comunicação	Assistes a TV? Que programas? Ouves rádio? Quais? O que achas dos programas?
Computador/ Web	Usas Internet (computador/smartphone/tablet)? Quando/para quê?

## ANEXO II

Questionário *online* (análise de percepção e avaliação linguística)

### Sobre você

Description (optional)

Em qual cidade/estado você nasceu? \*

Short answer text

Em qual cidade/estado você vive? \*

Short answer text

Você já viveu em Porto Alegre? Por quanto tempo? \*

Short answer text

Qual é a sua idade? \*

Short answer text